



O REINO MAIS ALÉM DAS ONDAS

Tradução de Alberto Simões

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



STEPHEN HUNT



La medida del amor es amar sin medida.

Capítulo Um

Amélia Harsh limpou o suor nas calças de cabedal e esticou uma mão para Mombiko, que a cingiu no seu punho cerradíssimo. O antigo escravo içou-a para o topo da saliência na rocha, e as veias incharam-se-lhe nos braços com o esforço de erguer a professora para o pico do penhasco. Ao mesmo tempo, umas vozes mesquinhas e semelhantes ao burilar dos escaravelhos do deserto iam perseguindo Amélia ao longo da superfície escaldante da encosta.

— Mesmo com o braço envenenado, ainda consegue trepar melhor do que eles — observou Mombiko.

Amélia passou a mão pela chaga do ombro direito, um ombro semelhante ao esquerdo, possante como o de um gorila. O inchaço do ombro não se devia à mordida do escorpião que se tinha insinuado na sua tenda duas noites antes, mas a um feitiço de cantor-mundo. Além dos ombros, havia ainda os músculos dos bíceps, grandes, bem esculpidos e capazes de racharem uma porta em duas partes ou de escavarem o crânio de um camelo. No entanto, todo aquele físico era naquele momento praticamente inútil por causa da maldita cauda afiada do inseto. O escorpião devia também ter picado o braço com que ela se servia da pistola.

Mombiko passou um cantil milagrosamente fresco à professora e ela sorveu um gole ávido de água antes de observar a forma de avançar dos irmãos Macanalie. Os três irmãos estavam agora a um minuto de distância da protuberância em que ela e Mombiko se encontravam, insultando-se mutuamente e discutindo sobre as melhores saliências para os pés e as mãos, de maneira a chegarem lá acima.

— Lembra-te que foi graças a eles que atravessámos o Deserto do Norte — disse Amélia. — Não existem muitos outros montanhesees capazes de fazerem o mesmo.

— A *s'nhora* sabe muito bem como é que aqueles três patifes passaram a conhecer o deserto — respondeu Mombiko de forma reprovadora.

— Os irmãos servem de guias aos contrabandistas que operam de um e do outro lado da fronteira. Eles sabem como evitar os homens do imposto do reino a Norte e os recoletores da taxa do califa a Sul.

Amélia apontou para o mar de dunas polidas pelo vento que se estendia aos pés de ambos.

— Não se pode dizer que seja uma grande linha separadora. Além disso, estou tão a par dos seus negócios paralelos como tu. Sei perfeitamente que eles organizam caçadas aos escravos foragidos que conseguem chegar às terras altas, tal como sei que os arrastam de volta para reclamarem o prémio oferecido pelo califa em troca das suas cabeças.

— Estes homens são ruins, professora.

Amélia verificou o coldre da espingarda cingido às suas costas.

— Sem a ajuda da universidade, não teríamos conseguido arranjar muito melhor do que eles.

Mombiko assentiu, fixando o precioso cantil com água no suporte do cinto.

Malditos pedantes da Távola Alta. Com um pequeno dirigível, teriam atravessado o deserto num só dia, poupando a expedição àquela caminhada debaixo de um Sol impiedoso durante semanas a fio. Porém, a universidade de Saint Vines não via com bons olhos a possibilidade de a tecnologia de um dirigível vir a cair nas mãos do califa, e isso constituía um belíssimo pretexto para levantar mais um obstáculo ao desenvolvimento das suas investigações, que na verdade eram a obsessão da vida de Amélia.

— Não saias daqui — disse ela para Mombiko. — Ajuda-os a subir.

— E se eles tentarem alguma coisa?

Amélia apontou para a pistola e para a bandoleira de cartuchos de cristal disposta em redor das suas vestes brancas.

— Porque é que tu achas que eu me certifiquei que nós escalávamos sempre adiante deles? Não ia deixar a minha corda de guia nas mãos de um Macanalie.

Um som semelhante ao guincho de um corvo ecoou à distância. Servindo-se da palma da mão para criar uma sombra diante dos olhos, Amélia perscrutou o céu: azul, límpido, desprovido de qualquer sinal alarmante em redor do Sol, dos pontos que indicariam a proximidade de criaturas semelhantes a lagartos, nas quais as patrulhas do califa se faziam normalmente deslocar. Podiam não ser rival à altura das armas de um dirigível, mas um daqueles monstros podia abater-se sobre os cinco sem qualquer dificuldade, partindo-lhes a coluna e levando os seus restos feitos em pedaços para uma das guarnições militares da Cassarábia. O guincho ouviu-se novamente. Amélia distinguiu uma forma escura a arrastar-se nos céus acima da montanha — afinal, era um falcão-do-deserto —, e suspirou de

alívio. Seguramente que o falcão devia estar a perseguir uma das pequenas salamandras que percorriam as dunas situadas abaixo deles.

Só então a professora Harsh voltou a concentrar a sua atenção na superfície junto ao rebordo do penhasco, seguindo o rasto dos sigilos em pedra desgastados quase até ao ponto da indecifrabibilidade pelas tempestades de areia que tinham fustigado a Cassarábia ao longo dos milénios. Parecia que o contacto de Mombiko estava mesmo certo: era realmente um milagre que o desertor do exército do califa tivesse chegado tão longe, localizando o entalhe nas rochas mais abaixo, que fosse suficientemente cultivado para compreender o significado daquelas inscrições, e que ainda conhecesse os caminhos do deserto suficientemente bem para atingir as terras altas de Laborterra e a segurança dos clãs. O caminho por entre os desfiladeiros dava para uma parede feita de pedregulhos com um bloco circular em pedra incrustado nela. Uma porta! Abrigada da parte pior do desgaste causado pelas tempestades, os seus sigilos do portal tinham-se conservado bastante melhor do que a iconografia deteriorada que os tinha conduzido até ali.

Deslumbrada, Amélia estudou a caligrafia ancestral. Tão primitiva, e no entanto tão plena de beleza! Havia também ilustrações, e um enxame de veículos de aspeto grosseiro conduzidos por bárbaros de ar agressivo: tratavam-se de carruagens automáticas desprovidas de cavalos (embora estas não tivessem os mecanismos de alta-tensão que se fabricavam em Laborterra, o seu país natal). Na verdade, aqueles engenhos eram provenientes de tempos mais obscuros.

O deleite causado por aquela descoberta foi interrompido por uma série de vozes enredadas e ríspidas nas suas costas.

— Com que então é isto, hã, miúda?

Amélia olhou para os três contrabandistas montanhese, que quase salivavam com a perspetiva dos tesouros que já imaginavam escondidos para lá daquela porta.

— Empurrem a porta, mas com *muito cuidado* — ordenou ela.

A professora sondou o interior da sua mochila e puxou de cinco máscaras de algodão com elásticos:

— Coloquem-nas antes de entrarem.

— Será que tu és surda, miúda? — disparou o mais velho dos irmãos.
— Não vem aí nenhuma tempestade de areia!

— Não são máscaras de areia — esclareceu Amélia, batendo com o dedo na porta. — Estamos prestes a entrar no túmulo de um poderoso líder tribal. Seguramente que ele contava com cantores-mundo no seu clã de escravos, e não me parece provável que tenha resistido à ideia de lhes ordenar que deixassem um borriço de pó-maldito no seu túmulo para eliminar sal-

teadores de túmulos, bandidos ou qualquer um dos seus rivais que tivesse a ideia de vir violar a sua sepultura. . .

Amélia colocou a máscara sobre a boca. Os químicos usados no seu fabrico invadiram-lhe o nariz com um aroma adocicado e semelhante ao do mel:

— . . . mas é claro que vocês são livres de entrarem como muito bem entenderem.

Cada um dos irmãos lançou um olhar pérfido na direção da professora; no entanto, colocaram as máscaras sem dizer palavra, começando logo depois a trabalhar na tarefa de fazer deslizar a pedra com um vigor que só a ganância poderia ser capaz de gerar. Mombiko puxou de uma boca de gás e acendeu-a.

— Eu vou primeiro, *s'nhora*.

Amélia assentiu em sinal de acordo. Mombiko tinha sido criado nas grandes florestas do Extremo-sul, e era dotado de um sexto sentido extraordinário. Pó-maldito à parte, devia existir apenas uma armadilha naquele túmulo antigo (os criadores de mausoléus eram pessoas embrutecidas e pouco ou nada subtis), mas o melhor era mesmo jogar pelo seguro.

Por fim, a porta cedeu e começou a deslizar. Mombiko ergueu a lanterna a gás diante dos seus olhos: as sombras dançaram no túnel escuro que jazia agora a descoberto para lá do portal em pedra. Uns degraus grosseiros escavados na rocha conduziam para um piso inferior; os colchetes em ferro incrustados na parede deviam ter servido como suporte para as lanternas.

— Ouviste alguma coisa? — perguntou um dos irmãos.

— Guarda a tua pistola, idiota — disse Amélia. — É apenas o eco. Disparas a tua arma aqui e é o ricochete da tua própria bala que acaba por te matar.

— Se existir um tesouro, deve haver qualquer coisa a guardá-lo — insistia um dos irmãos. — Um animal enfeitado.

— Nada poderia ter sobrevivido dois mil anos aqui em baixo sem ter alguma coisa para comer — disse Amélia.

— Guarda a tua pistola — ordenou o irmão mais velho, — a miúda tem razão. Além disso, o menino bonito dela é que vai entrar primeiro, certo?

Seguidos pelo eco desconfortável dos seus próprios passos, os cinco intrusos desceram ao longo do túnel escavado. No final da encosta entalhada, depararam-se com uma porta lúgubre em pedra, junto à qual se encontrava um painel de cobre incrustado num nicho de parede. Todo aquele espaço estava repleto de alavancas, maçanetas e puxadores.

— Eu tenho uma caixa com seiva de semente-pólvora nos alforjes dos camelos — disse um dos irmãos Macanalie.

Amélia limpou as teias de aranha que cobriam o painel de cobre.

— E será que tens seiva suficiente para destruir o tesouro *todo*, montanhês? Acho que o melhor é deixares a arqueologia comigo.

Amélia apalpou as alavancas, localizando a escrita ancestral com a ajuda dos dedos. Tal como a maior parte do legado que a Horda do Óleo-Negro deixara à História, a sua linguagem tinha sido roubada, pilhada numa das muitas nações sedentárias que os bárbaros tinham devastado à sua passagem. A inscrição era um enigma, embora estivesse encoberto com muitas piadas e humor negro.

— Se não escolhe bem... — sussurrou Mombiko nas suas costas.

— Eu sei, eu sei — disse Amélia, observando as impressões ao longo da parede nas quais os arquitetos do mausoléu tinham comprimido os seus óleos explosivos.

Será que o passar do tempo teria minimizado a sua potência?

— Muito bem, vamos lá ver: de acordo com as suas lendas, o Sol ergue-se quando os deuses-petróleo vão descansar, mas descansar é um jogo de palavras, o que quer dizer que...

Amélia escolheu duas alavancas, rodando uma para cima ao mesmo tempo que empurrava a outra para um orifício lateral e esta deslizava para baixo; depois, fez estalar uma das maçanetas no sentido dos ponteiros do relógio, de maneira a colocá-la diante do símbolo do Sol.

Os contrapesos antiquíssimos foram acionados, e a porta subiu para o teto do túnel com um *rac-rac-rac* arrastado. Mombiko voltou enfim a respirar novamente.

O mais velho dos contrabandistas assentiu em sinal de aprovação.

— Que miúda mais esperta! Eu bem sabia que devia haver uma razão para te termos trazido connosco.

A professora sacudiu a sua mecha de cabelo negro para trás:

— Não penses que vais receber mais alguma coisa pelo teu fraco sentido de humor, Macanalie. Vamos mas é descobrir o que é que há por aqui.

O grupo entrou na câmara sepulcral. Se não fosse pelas estátuas que amparavam o teto abobadado — pilares-tótem em granito, atarracados e com as caras sorridentes e deformadas dos trasgos —, as suas paredes ásperas e articuladas poderiam ter sido facilmente confundidas com as de uma gruta natural. A boca de gás de Mombiko quase não tinha potência suficiente para revelar a carruagem de oito rodas elevada num estrado ao centro da câmara, definida por uns contornos dourados em espiral que sustinham as partes laterais blindadas e os escapes exaustos. O contrabandista mais próximo ficou boquiaberto, precipitando-se para a máquina do tamanho de um barco para passar a mão pelos espigões dianteiros que sobressaíam da proa do veículo. Os espigões estavam cobertos por uma folha

prateada, mas Amélia sabia que por baixo de cada uma daquelas cabeças letais, havia aço reforçado.

— Não acredito que isto está mesmo a acontecer depois de todo este tempo — exclamou Amélia, como se não fosse capaz de acreditar em si mesma. — Um chefe guerreiro da Horda do Óleo-Negro, talvez até mesmo o próprio Diesel-a-Khan!

— Isto é uma carruagem automática sem cavalos? — perguntou um dos Macanalie. — Não consigo encontrar o mecanismo automático! Onde é que está o mecanismo automático?

O Macanalie que tinha acabado de falar foi empurrado para trás pelo cotovelo do irmão mais velho.

— O que é que isso interessa? Isto deve valer uma fortuna! Repara bem nas gemas da coisa. Aqui o capô, por exemplo. Isto é feito de ouro bruto?

— É óleo — respondeu Amélia, distraída. — Eles queimavam óleo nos motores, não dominavam o mecanismo de alta-tensão.

— Óleo de deslizagudo?! — perguntou o contrabandista. — Mas nem todos os deslizagudos espalhados pelos oceanos do mundo seriam suficientes para alimentar um veículo tão belo e mortal como este, não?!

— Mas será que vocês não sabem mesmo nada de nada? — perguntou Mombiko, agitando a boca de gás sobre o enorme motor instalado na traseira do veículo. — Água negra do chão! Esta peça belíssima devia beber dessa substância como um cavalo.

Amélia assentiu. A acreditar nos relatos das sagas ancestrais, aquele era um dos muitos engenhos que deixara de funcionar há milhares de anos, suplantado pela canção-mundo e por um universo em transformação. Mombiko apontou para um sarcófago em prata instalado ao centro da carruagem e Amélia trepou para cima dele, puxando da sua faca para se servir dela como alavanca de abertura da urna ancestral selada a cera.

— Devem ter desmontado a carruagem em peças ali fora. — O irmão mais novo riu-se. — E depois voltaram a montá-la aqui em baixo.

— Pois, deve ter sido isso — respondeu Amélia, resmungando à medida que ia forçando a passagem da sua faca ao longo do tempo da urna.

O seu ombro ardia por causa do esforço. Maldito escorpião.

— Oh, vossa excelência é muito engraçada, professora Harsh — disparou o irmão mais velho. — Muita conversa sobre a ciência, a nobreza da História antiga e os ensinamentos do passado. Tantas e tantas lições iluminadoras quando estávamos no deserto, e agora está aí a esgaravatar o caixão de um ricoço para lhe sacar as joias. Por pouco não me enganavas, miúda!

Amélia lançou um olhar gélido ao bandido, mas preferiu ignorar as suas provocações. Ela merecia ouvir aquilo; talvez não fosse melhor do que

aqueles três bandalhos saídos das sarjetas das cidades fronteiriças do reino.

— As rodas desta carruagem não foram feitas para circularem na areia — divagou um dos Macanalie, passeando a sua mão cúpida ao longo dos espigões em ouro brilhante nas jantes do veículo.

Amélia estava praticamente a terminar; o último pedaço de cera cedia já ao esforço da sua faca. Aquilo era realmente uma profanação. Não era de admirar que as oito grandes universidades lhe tivessem recusado um posto, obrigando-a a implorar perpetuamente por fundos de expedição como um cão de caça que se mantém debaixo da Távola Alta. Porém, podia haver um tesouro dentro daquela urna. O *seu* tesouro.

— Não havia deserto nenhum ali fora quando o nosso chefe tribal foi enterrado — disse Amélia. — Era tudo estepes e terreno verdejante. Esta montanha chegou a estar diretamente ligada às terras altas, antes de os glaciares terem vindo e transformado a cordilheira em pó.

O tampo acabou por ceder e Amélia desviou-o para o lado, descobrindo o sarcófago. Lá dentro, havia armas dispostas ao lado das ossadas, assim como sacos cheios de moedas, provavelmente pilhadas em cidades que os antigos nómadas tinham sem qualquer dúvida saqueado; a Horda do Óleo-Negro usava ou levava todas as suas fortunas consigo para onde quer que fosse. Porém, será que havia mais alguma coisa escondida no meio daqueles prémios? As mãos de Amélia afastaram as chaves de ignição da carruagem com diamantes incrustados nelas e as armas de pólvora-negra do chefe bárbaro, hesitando entre vasculharem por entre as descobertas como se ela fosse uma salteadora ou honrarem o seu juramento de arqueóloga. Ali estavam eles! No meio de todos aqueles despojos, encontravam-se os livros-cristal hexagonais pelos quais ela tinha atravessado o deserto.

A professora Amélia Harsh ergueu-os à luz e começou a chorar. Todos os livros-cristal estavam infetados com o mal da informação; as linhas negras despontavam deles como se um cancro se tivesse apoderado da superfície púrpura do vidro. Teriam sido os bárbaros da Horda do Óleo-Negro a inutilizarem inadvertidamente os blocos de informação ancestral? Ou será que o seu último guardião os tinha amaldiçoado ao mesmo tempo que os nómadas abriam caminho e destruíam a biblioteca da civilização ancestral que os criara? Fosse como fosse, estavam inutilizados. Não serviam para nada, a não ser como curiosidade para um mercador com posses e queda para as antiguidades.

O irmão mais velho tomou os soluços de Amélia por lágrimas de alegria.

— Só no peito deste velho, há bugigangas em quantidade suficiente para comprar uma mansão em Ferromédio!

Amélia ergueu os olhos para as feições horríveis dos deuses nômadas esculpidos nos pilares que lhe devolviam o olhar. Chuba-Mudança, Tártaro dos Eixlos: deidades inúteis que não eram veneradas há vários milênios, caras lúbricas de granito, que pareciam agora divertir-se com os seus anseios de mortal.

— Os livros-cristal estão inutilizados — disse Mombiko, trepando para a carruagem de forma a fazer luz sobre os conteúdos do túmulo. — Que pena, *s'nhora*. Deixe lá, com as outras coisas que aqui estão, pode sempre financiar outra expedição. Haverá outras oportunidades no futuro...

— Lamento ter de vos dizer que foram mal informados.

Amélia virou-se para trás, deparando-se com uma companhia de guerreiros do deserto de vestes negras. A formação bloqueava completamente a entrada no mausoléu, e as máscaras atadas por baixo dos capuzes cobriam-lhes as faces. Quanto aos três irmãos Macanalie, tinham recuado para se posicionarem junto a eles, a salvo da linha de fogo das suas espingardas longas e esqueléticas.

— Nunca confies num Macanalie — rosnou Amélia.

— Não tínhamos a certeza se íamos conseguir encontrar esta horda — disse o irmão mais velho. — Já o prémio pela tua cabeça, miúda, esse está bem definido no escritório de todos os comandantes de guarnição daqui até Laminambul!

— O califa não esquece os que prometem mundos e fundos para depois não cumprirem com a palavra dada — disse o capitão da companhia de soldados. — Infelizmente para ti, recorda-os até com não muita afeição.

Amélia reconheceu o pequeno falcão-do-deserto pousado na sua luva em cabedal, exatamente do tamanho necessário para transportar uma mensagem. Bolas! Tinha permitido que a excitação de ter encontrado o túmulo lhe ocultasse a traição dos irmãos Macanalie. Agora eles tinham chamado a patrulha de batedores, e ela e Mombiko acabavam de ser magnificamente traídos.

— O califa ainda está chateado comigo por causa da jarra de Zal-Rashid, é isso? — perguntou Amélia, estudando os soldados, que eram pelo menos cinco. — Mas eu disse-lhe que isso não passava de um mito.

— Teria sido bastante mais justo se tivesse entregado a jarra a sua excelência *depois* de a ter desenterrado das dunas, professora Harsh — disse o soldado, — tal como tinha ficado acordado, em vez de a roubar e levar consigo para Laborterra.

— Ah, *isso*. Eu posso explicar-lhe o que foi que aconteceu — disse Amélia. — Há uma razão para isso, a sério. Como é que vocês costumam dizer, “a areia esconde muitos segredos”?

— Terá muito tempo para refletir sobre os aforismos dos cem profetas com sua alteza exultante — respondeu o oficial. — Muito tempo mesmo.

Mombiko olhou para Amélia com um medo genuíno estampado nos olhos, e a professora mordeu o lábio. O destino dele enquanto escravo foragido de um nobre cassárabe não seria muito mais dócil do que o seu, nem lhe serviria de grande consolação o facto de não ter um ventre como Amélia, passível de ser degenerado e transformado num recetáculo no qual os feiticeiros negros da Cassarábia conceberiam os seus animais de estimação e outras monstruosidades semelhantes. Um dos irmãos Macanalie riu com a perspectiva dos destinos que aguardavam a altiva professora laboresa e o seu auxiliar, mas quando o contrabandista fez menção de avançar para o veículo antigo, um dos guerreiros do deserto fê-lo recuar com a coronha da sua espingarda esquelética.

— O que é que se passa, rapazola? — exclamou o irmão mais velho dos Macanalie. — Nós tínhamos um acordo! Vocês ficam com estes dois, e nós ficamos com a recompensa e tudo o resto!

— Vocês vão receber a vossa recompensa — esclareceu o oficial do califa, acenando para o veículo antigo, — mas *isto* não fazia parte do acordo.

— Deves estar a brincar comigo, filho. Ouçam uma coisa, seus estafemos intrujões, está aqui uma fortuna mais do que suficiente para dividirmos por todos!

O homem do califa apontou para os corpos lúbricos nos pilares-tótem.

— Não vai restar nada para dividir, *effendi*. Estes infiéis soberbos não estão em consonância com os Cem Ditames, são ídolos das trevas que têm de ser destruídos — esclareceu ele enquanto gesticulava para outro guerreiro do deserto. — Vão até lá acima às bolsas das selas e tragam explosivos em quantidade suficiente para enterrar este lugar profano debaixo das rochas por mais mil anos.

— Mas será que perdeste a cabeça, rapazola?! Está aqui uma fortuna mais do que suficiente para nos fazer ricos a todos! Podemos passar a viver como reis, tu podias viver como um emir!

O oficial riu desdenhosamente.

— O califa já viveu duas vezes o teu miserável tempo de vida, e se os cem profetas assim o desejarem, viverá outras duas mais. Para que precisaria ele do ouro sujo dos deuses infiéis quando tem uma quantidade indefinida de servos em cada província da Cassarábia a trabalharem apenas no intuito de lhe oferecerem um tributo para a eternidade?

Amélia olhou novamente para Mombiko, e uma compreensão mútua estabeleceu-se entre ambos num abrir e fechar de olhos. Mombiko não voltaria a ser um escravo, e maldita fosse Amélia se alguma vez permitisse

ser usada como ventre conceptor ou entregue a um torturo-escultor que a deformaria, modificando os seus ossos até a deixar rígida como um dos muitos carvalhos humanos plantados nos aromáticos jardins de punição do califa.

— Ele pode até ter centenas de anos — disse Amélia, — mas deixem-me que vos diga umas quantas verdades incómodas acerca do vosso soberano. Primeiro que tudo, o califa é demasiado chato para eu conseguir ouvi-lo por uma hora que seja, quanto mais durante uma vida inteira de cativo em agonia. Segundo, ele nem sequer é um homem; é uma mulher vestida de homem, e feia como o raio, diga-se de passagem. Como ela continua a enganar-vos é algo que está para além da minha compreensão, rapaziada dos desertos.

Houve uma pausa para recuperar o fôlego roubado por aquela blasfémia.

— ... e terceiro, da próxima vez que vierem bisbilhotar nas minhas costas, tragam a *vossa* própria lanterna, raios!

Mombiko apagou a boca de gás. Ouviu-se a crepitação de um assobio, e a câmara ficou mergulhada na treva mais absoluta. Amélia baixou a alavanca ao lado do volante da carruagem com um pontapé e os assobios dos espigões montados na proa da carruagem que despontavam como ornamentos foram seguidos de gritos, berros e alguns ruídos surdos repugnantes, sintoma de que as cabeças em ferro estavam a dar com os alvos certos. A tudo isto, seguiu-se um *crac* de vidro a partir-se. O som característico das espingardas de um soldado do deserto moribundo, que desfez um dos seus cartuchos de forma a providenciar uma breve iluminação para a carnificina. Tudo o que a professora conseguiu distinguir foi Mombiko a correr na frente dela em direção à saída.

Alguém tentou agarrar Amélia, e ela ouviu o som típico de um punhal a ser desembainhado pela pega. Amélia usou o braço esquerdo para lançar um empurrão na direção do ponto em que o pescoço do perseguidor deveria encontrar-se, sendo recompensada com um estalido e o peso morto de um corpo que caiu desamparado sobre o seu. Amélia desembaraçou-se do cadáver e descobriu as escadas que davam para o exterior do túmulo, quase tropeçando noutro soldado atingido por um espigão.

Um dos traidores que os tinha guiado até ali gritava pelo auxílio dos irmãos, balbuciando qualquer coisa sobre tentar arrancar as joias que se encontravam no interior do sarcófago. Apalpando no interior do painel-nicho, Amélia inverteu as alavancas e a porta começou a descer com o seu arranhar característico. Com aquela manobra, tinha acabado de ganhar um par de minutos para ela e Mombiko, ao passo que os sobreviventes das forças do califa, deixados para trás na escuridão, tentavam dar com a roda de

abertura da porta que ela tinha descoberto no interior da câmara fúnebre. Amélia estava quase sem fôlego, galgando três degraus por cada passada. Bolas, a escadaria não tinha parecido tão longa e íngreme durante a descida! Além disso, a sua espingarda — uma *Brown Bess* laboresa de confiança — não lhe ia servir de muito, uma vez que agora apenas podia usar um braço.

— Professora!

— Avança, Mombiko! Cuidado à saída, é provável que os rapazes do califa tenham deixado sentinelas junto ao precipício.

Amélia sacou de um cartucho de vidro da sua bandoleira, fazendo-o estalar contra a parede de maneira a que as duas câmaras de seiva semente-pólvora ficassem num ponto prestes a misturarem-se; depois, e sempre a correr como uma condenada, baixou-se para fazer a cápsula deslizar ao longo do piso de pedra nas suas costas. Um muro de calor sufocante aguardava Amélia à saída da gruta: o Sol estava no seu zénite do meio-dia, e graças ao Círculo, não havia guerreiros do deserto a montar guarda por perto.

Mombiko escrutinou a área no sopé do penhasco.

— As montadas deles estão ali. Tanto quanto vejo, não há mais guardas à vista.

Amélia lançou um olhar para o sopé do penhasco; lá em baixo, uma manada de desertúpedes aguardava amarrada, com as longas caudas cobertas de pele e as cem patas semelhantes às de um inseto. O grau de engenhosidade dos magos daquela terra fustigada pelo calor não se restringira com a ética dos ensinamentos circunistas da sua nação. Amélia deixou que o seu braço não se ocupasse do desgaste ocasionado pela descida, servindo-se igualmente da gravidade e da adrenalina que lhe corria nas veias. O pó esfarelado e erguido pela descida ia-se instalando nas madeixas do seu cabelo, fazendo-a tossir, e o seu braço-fuzil ardia agonicamente. Tinha acidentalmente batido com a ferida envenenada do escorpião numa das saliências da encosta, e agora era como se os torturadores do califa estivessem já a reclamar a vingança no seu corpo. Estavam perto do sopé do penhasco quando se ouviu uma explosão: alguém devia ter pisado a sua cápsula semiquebrada, fazendo com que a seiva explosiva penetrasse na câmara de fogo.

Amélia desceu os últimos metros e acabou por deixar-se cair nas areias quentes e alaranjadas.

— Espero bem que tenha sido um dos Macanalie.

— Era preferível que tivesse sido um dos soldados, professora.

Mombiko trazia a sua faca em riste, e avançava já para o ponto em que os homens do califa tinham estacionado os desertúpedes. As patas das criaturas agitaram-se nervosamente quando ele se apro-

ximou delas e se esticou para lhes cortar as amarras. As mandíbulas murmuravam qualquer coisa impercetível, e os animais trocaram olhares nervosos; só o verde dos seus olhos humanos nas cabeças de escaravelho-negro era passível de denunciar a sua origem num ventre deformado pela feitiçaria. Demasiado bem treinados como estavam, os animais não tentavam fugir. Amélia pegou numa pedra com a mão esquerda, atirou-a com quanta força tinha na direção das criaturas e as montadas explodiram numa erupção de patas esqueléticas, fugindo da sombra das montanhas.

Ouviram-se uns estalidos com origem no topo do penhasco, e umas porções de areia ergueram-se não muito longe do ponto em que Mombiko e Amélia se encontravam: aquilo era uma chuva de balas de chumbo que caía cada vez mais perto deles. Os rufiões do califa tinham dado com a abertura da porta da câmara mais depressa do que ela tinha previsto. A areia escorreu das botas de Amélia no momento em que ambos se precipitaram para os respetivos camelos, e as pobres criaturas iam soltando os seus queixumes à medida que as balas dos soldados passavam a assobiar na proximidade das suas orelhas. Mombiko soltou um gemido surdo e cobriu com uma das mãos o seu flanco atingido, mas ainda assim, instigou o seu camelo a seguir na pegada dos desertúpedes em fuga, acenando na direção de Amélia para que esta seguisse em frente. Amélia forçou o camelo em que seguia a avançar a um ritmo nada habitual para aquelas paragens, sobretudo tendo em conta o calor que se fazia sentir. Menos mal que, depois de terem visto os bizarros desertúpedes, as criaturas mal-humoradas tinham ficado inquietas e ansiosas por galopar para longe das sombras das proximidades da montanha.

Assim que os perseguidores os perderam de vista para lá das dunas sem fim, Amélia abrandou o ritmo. Mombiko seguia prostrado sobre a sua sela. Ela fê-lo descer do camelo e estendeu-o na areia, abrindo as suas vestes para descobrir o ponto onde se encontrava a ferida.

— Não é muito profunda, Mombiko.

— Mas está envenenada — murmurou ele. — Os soldados esvaziam os cartuchos para voltarem a enchê-los com as peçonhas dos magos a quem dão guarida nas guarnições. Repare no meu camelo.

A sua montada estava muito queixosa, aconchegando o estômago na areia; enquanto isso, o camelo de Amélia ia tentando ajudá-lo a levantar-se. A criatura tinha sido igualmente atingida nos flancos pelos tiros de um dos soldados. Mombiko apontou para um cabo de madeira que sobressaía por baixo dos sacos da sua sela.

— Por causa do Sol.

Ela soltou-o e estendeu-o a Mombiko. O guarda-chuva tinha sido

uma prenda dela, dos tempos em que ele tinha começado a trabalhar na universidade. Que oferta tão modesta em troca dos seus talentos prodigiosos. Mombiko era capaz de aprender uma língua numa semana e de citar *ipsis verbis* livros que tinha lido há um ano. Uma vez, contou-lhe que a sua memória aparentemente extraordinária era um traço muito comum entre muitos dos da sua casta.

— O caminho da floresta — disse Mombiko.

Amélia assentiu com as lágrimas nos olhos, compreendendo o seu pedido. Nada de enterros. *Da natureza surgiste, à natureza regressarás*. O deserto encarregar-se-ia de cobrir os seus ossos por sepultar.

Mombiko esticou o braço para a mão de Amélia, e quando ela a abriu novamente, deparou-se com um diamante esculpido. A imagem de um dos deuses do Óleo-Negro estava gravada ao longo do prisma brilhante da joia.

— Venda-a — sussurrou Mombiko. — Use o dinheiro para descobrir a cidade... Por mim e por si.

— Mas afinal o que és tu, um assistente de arqueólogo ou um salteador de túmulos?

— Sou Mombiko Tibar-Wellking — respondeu o antigo escravo, erguendo o tom da sua voz.

O suor escorria-lhe agora a rojos ao longo da face, e o seu corpo estava tão encharcado que mais parecia acabado de sair do mar.

— Sou um senhor-lança da Floresta Vermelha, e hei de desaparecer aos olhos dos meus inimigos como... um... homem... livre.

Amélia amparou o corpo de Mombiko quando este começou a estremecer; cada espasmo surgia sucessivamente mais distanciado do anterior, até que ele deixou de se mexer. O seu espírito estava já a caminho do Sul, de regresso às florestas rubi do seu país natal. Porém, o caminho de Amélia era para norte, em direção a Laborterra, a república com um rei. A sua terra abençoada e verdejante. Uma casa que, agora, era muito pouco provável que ela voltasse a ver.

Amélia fechou os olhos.

— Muito em breve estarei contigo, Mombiko Tibar-Wellking.

Depois de recolher o cantil com água guardado na sela do camelo morto, a professora deixou o cadáver do seu amigo para trás, com o guarda-chuva disposto junto do seu peito imóvel como se fosse uma lança.

As estrelas da noite guiá-la-iam rumo ao seu verdadeiro norte, mas não através dos poços de água tão bem conhecidos dos irmãos Macanalie nem através das dúzias de tribos irascíveis dos senhores feudais das areias traiçoeiras. Amélia Harsh instou o seu camelo a avançar, tentando preencher a sua mente com o sonho da cidade perdida.

A cidade que pairava no ar.

...

Um pé a seguir ao outro, com o último dos cantis a arrastar-se penosamente junto às botas, preso por um mísero fio. Era necessária demasiada energia para se dobrar e cortar o fio que a ligava ao cantil vazio. Alguns pontos negros giravam em redor da fornalha do Sol: até os pássaros-rafeiros já sabiam que ela estava morta, apenas a algumas horas de distância de se converter numa boa refeição para os jardineiros do deserto. Cada vez que o cabedal desgastado das suas botas tocava as dunas em brasa, parecia que a sua vida se afundava sempre um pouco mais nelas. Amélia tinha sido reduzida a um núcleo duro de determinação, um saco de carne desidratada e cambaleante que deambulava perdido ao longo do Deserto do Norte (não, usemos antes o seu nome laborês, o Deserto do *Sul*), rumo a um objetivo que era como se estivesse situado do outro lado do mundo.

Amélia conseguiu distinguir um reflexo à distância através da aridez e da areia que se incrustara nos seus olhos. As vagas de calor retorciam-se e estremeciam ao longo das dunas, ao passo que as areias lhe pareciam de um branco deslavado por causa da altura do Sol, erguido no seu ponto máximo do meio-dia. Seria mais uma miragem de um oásis destinada a torturá-la? Não, desta vez não havia nada parecido com água. A miragem era uma rapariga com cerca de catorze anos a sair por uma porta rumo ao jardim no encalço do pai. Havia qualquer coisa de familiar naquela miragem. Os corredores ressequidos da sua mente esforçaram-se por perceber porque é que ela estava a reconhecer a rapariga.

— O que é que aquele homem sentado à mesa quis dizer quando afirmou que o registo de propriedade da casa não era o suficiente para saldar as dívidas, papá?

— Nada de importante — respondeu o pai da menina. — São negócios, é um assunto de negócios, de dinheiros, coisas meramente mundanas.

— Mas ele estava a falar da prisão dos falidos, não estava?

— Não uses essa expressão na companhia de pessoas educadas, querida. Fui fazer uma visita a alguns dos meus amigos que estão na casa de retenção de devedores — disse o pai da rapariga. — Boa gente. Com os dias difíceis que os do nosso ramo têm conhecido este ano, só me surpreende que ainda haja gente no nosso círculo de amizades com um teto fora da casa dos devedores. Mas não interessa.

— Tenho medo, papá, esses homens que vieram cá a casa ontem...

— Os beleguins não podem tirar-te aquilo que não te pertence.

O pai lançou um olhar para trás, na direção das vozes dos seus convidados do jantar ainda nas proximidades da porta de casa, e puxou de um cachimbo velho e usado de erva-murmurejante, acendendo as folhas

no seu interior com a ajuda da pedra do isqueiro integrada no próprio cachimbo.

— Foi por isso que a tua tia nos veio fazer uma visita a semana passada e partiu com mais umas quantas caixas no topo da carruagem do que aquelas com que tinha chegado. As relíquias e os livros que eu fui colecionando ao longo dos anos seguiram dentro delas, claro. Salva guarda sempre os livros. São o suficiente para pagar a tua educação.

— Eles não te vão mandar para a casa dos devedores, pois não?

— Que o Círculo nos livre de uma coisa dessas — respondeu o pai da rapariga. — Ninguém devia ser enviado para esse lugar. Bem que nós tentámos reunir apoio suficiente no parlamento para abolir esses malditos estabelecimentos, mas não serviu de nada. Há demasiada gente que continua a querer ter um exemplo em prática, e de forma bastante ríspida. Os guardiães esqueceram-se do tempo na História em que a existência de um lugar desses teria sido uma coisa impensável, quando nunca ninguém tinha ainda ouvido falar de destituição, e o regente da razão era o único monarca diante do qual o povo se ajoelhava.

— Estás a referir-te à cidade perdida?

O pai da rapariga soprou um círculo de fumo de erva-murmurejante. O homem parecia agora quase apaziguado.

— Estou a falar de uma era perdida, minha querida, inteiramente baseada na razão. Aqueles camlantes esquivos... Receio que hoje em dia sejam quase tão difíceis de encontrar como uma réstia dos seus nobres ideais entre os assentos do parlamento. A maior parte das pessoas nem sequer acredita que eles tenham alguma vez existido, mas nós acreditamos, não é assim, minha querida?

— Sim, papá.

— E um dia, nós vamos encontrar as ruínas da cidade deles — disse ele, apontando para o céu. — Ali em cima, é ali em cima que nós havemos de os encontrar. E quando isso acontecer, traremos um pedacinho desse lugar aqui para Laborterra, tu e eu. Um bocadinho de racionalidade para apaziguar este mundo desvairado. Agora volta lá para dentro, vá. Gostava de ir passar um momento junto à sepultura da tua mãe.

— Não o deixes ir! — gemeu Amélia para a miragem, cerrando as suas mãos na areia. — Não reparaste no vulto que trazia debaixo do casaco? Não deixes o papá ir para o jardim! Ele esteve lá em cima junto à secretária, tem a maldita pistola no bolso!

Ouviu-se o disparo de uma pistola, e a visão suscitada pelo calor dissipou-se numa explosão de penas dos pássaros-rafeiros que a estavam a acompanhar desde o topo da duna. Os pássaros fugiram para os céus, assustados por causa do inesperado acesso de fúria da professora.

Amélia arrancou a crosta incrustada nos seus olhos inchados e secos. O seu corpo já nem sequer tinha hidratação suficiente para ela poder chorar. De acordo com as leis do parlamento, as dívidas não podiam passar de uma geração para outra. Porém, ninguém tinha legislado sobre a herança dos sonhos.

Uma outra forma turva surgiu do muro-fortaleza constituído pela luz bruxuleante da vaga de calor, concretizando-se em algo mais: uma silhueta.

— Vai-te embora — resmungou Amélia de forma áspera na direção da miragem. — Será que não me podes deixar sozinha para eu poder morrer em paz? Estou farta do passado!

No entanto, a silhueta não se afastava. Pelo contrário, cada passo que dava fazia-a tornar-se mais definida. Oh, Círculo, desta vez não era uma miragem! Ainda tentou pegar na espingarda, mas a *Brown Bess* já lá não estava. Amélia nem sequer conseguia lembrar-se do momento em que tinha deixado o peso da arma modesta mas de confiança para trás. Apesar de tudo, tinha guardado a faca, por causa do assédio das cobras que deslizavam até junto dela durante a noite, atraídas pelo calor do seu corpo; o problema é que a faca parecia agora igualmente pesadíssima, um fardo em ferro que ela não conseguia sacar do cinto.

A parte do cérebro de Amélia que ainda não se tinha desligado reconheceu aquilo que ela via a avançar através da luz trémula diante dela. A bossa cheia de água nas costas do estranho era algo comum nas tribos do deserto; a maior parte deles fazia uso da mesma adaptação. As vestes vermelhas pairavam por trás da pequena mulher, e um séquito de lacaios seguia-a. Cada um deles retorcia-se e rodopiava numa dança individual.

— Bruxa das dunas! — gritou a garganta de Amélia. — Bruxa!

— Só uma de nós para reconhecer outra — cacarejou a silhueta. — Não estou a viajar com o teu passado, minha querida. Estou a viajar com o teu futuro.

A professora deixou-se cair para a frente, aceitando o abraço do deserto.

Quando Amélia voltou a acordar, já não se encontrava deitada na areia, mas sobre os fetos macios dos socacos das terras altas. O terreno estava húmido, ensoado de uma chuva real. Chuva laboresa. Queria então dizer que a fronteira com a Cassarábia estava já a um par de dias de distância. A feiticeira aguardava junto de Amélia com os lacaios logo atrás, dispostos numa linha horizontal silenciosa, suspensos do seu feitiço e pouco mais do que mortos-vivos, se aquilo que Amélia tinha ouvido dizer era realmen-

te verdade. Não havia camelos nas proximidades nem sombra de desertúpedes que pudesse explicar como tinham podido viajar para tão longe. Nenhum indício suscetível de revelar a Amélia quanto tempo tinha estado inconsciente. Por amor do Círculo, só a sua expedição para sul em busca do túmulo tinha levado nove semanas!

— Porquê?

A bruxa cessou o seu balanço, e o murmurar desvairado do seu diálogo interno foi interrompido por um instante.

— Porque foste requisitada, minha bela de braços possantes!

Requisitada? As bruxas do Deserto do Sul eram loucas, encantadas e caprichosas; certamente que não eram muito dadas a auxiliar viajantes desamparados.

— Requisitada por quem?

A criatura agachada e corcunda vasculhou bem no fundo do chão e recolheu uma folha com um rasto de formigas na sua lâmina.

— Por precisar desta folha, a formiga vai morrer; por precisar da formiga, o escaravelho-macho vai morrer; por precisar do escaravelho-macho, o lagarto vai morrer; por precisar do lagarto, o falcão-do-deserto vai morrer; por precisar do falcão-do-deserto, o caçador está cego, e quem poderá dizer aquilo que o caçador pode conseguir?

— Existem muitas folhas ao vento em Laborterra — disse Amélia, revirando o ombro e apercebendo-se quase sem surpresa de que a carne envenenada pela mordida do escorpião tinha sido limpa e estava completamente curada.

— Oh, minha coisa linda... Pensas que eu te fiz algum favor, é? — cacarejou a bruxa, ao mesmo tempo que a sua voz ia adquirindo uma tonalidade desagradável. — Se a minha intenção fosse fazer-te um favor, tinha deixado o tutano desses teus ossos entregue às areias da Cassarábia. A parte fácil do caminho acabou de ficar para trás!

— Seja como for, obrigada — respondeu Amélia.

Tal como as outras do seu género, a velha era maluquinha de todo e mortífera como uma víbora, pelo que o melhor era não a contrariar.

— Quer dizer, pela rudeza do caminho que me proporcionaste.

Uma névoa surgiu nas costas da bruxa. Os sistemas meteorológicos de Laborterra e da Cassarábia colidiam nas terras do interior, e os nevoeiros eram bastante frequentes naquela região. Normalmente.

— Que maneiras tão elegantes. Que perfeita filha de Laborterra. Agradece-me antes da próxima vez que me encontrares, *se puderes*.

A bruxa virou-lhe as costas e afastou-se, com os seus lacaios a formarem uma linha no seu encalço como uma ninhada de patinhos que segue a mãe.

A criatura corcunda foi desaparecendo por entre a névoa, e os ruídos das galinhas-bravas transfronteiriças regressaram aos contrafortes em redor de Amélia.

— Bolas! Que sorte a minha.

Sacudindo o orvalho das suas roupas gastas e demasiado leves para a frescura de uma manhã laboresa, Amélia encaminhou-se para norte, na direção das terras altas. Rumo ao coração de Laborterra. Rumo a casa.

Capítulo Dois

O miúdo de rua que os seus companheiros tratavam por Mergulhador baixou-se para recolher uma quantidade considerável de bosta de cavalo com a pá improvisada de madeira. Overhall Corner era um dos cruzamentos mais movimentados de toda a Ferromédio, sendo também o local onde se podiam fazer grandes recolhas na maior cidade do maior país de todo o continente; é que um saco cheio de pastéis de bosta de cavalo a secar diante da lareira equivalia a combustível mais do que suficiente para cozinhar durante uma semana inteira, e o estrume saía muito mais barato do que o carvão. O fedor? Quer dizer, tendo em conta o que custava, uma pessoa depressa se habituava a ele. Fosse como fosse, que jamais alguém se atrevesse a dizer que os recoletores de estrume de Overhall Corner não apreciavam o seu trabalho. William teve um gesto rude a partir do outro lado da alameda; o seu grito de vitória ouviu-se imediatamente depois de uma amostra de esterco de cavalo ter passado a rasar o boné de fazenda do Mergulhador. Reunindo uma mão-cheia de munição, este fintou as carruagens de transporte de passageiros, as carruagens carregadas com pipas e os gemidos dos cavalos do Shire destabilizados com os gritos dele e dos amigos para lançar o seu projétil de vingança na direção do colega de profissão no negócio do esterco. A bosta roçou ao de leve o outro miúdo de rua e por muito pouco que não atingiu o vendedor de fumo de erva-murmurejante em cheio, um homem com um tanque de gás narcótico gasto e ferrugento por causa da neblina típica de Ferromédio.

— Malditos fedelhos do esterco! — rugiu o velho vendedor, acenando com um punho cerrado na direção dos dois miúdos.

— Dá mas é uma passa na tua erva-murmurejante e vê se te acalmas! — respondeu o Mergulhador.

A alteração (o melhor desporto que tinham sido capazes de improvisar naquela manhã) foi interrompida pelo estrépito nervoso dos cascos dos animais ao longo da rua pavimentada. Depois, ouviu-se o gemido de

uma carruagem desprovida de cavalos, com o ronronar baixo do mecanismo automático do seu motor quase fora do alcance do ouvido de um ser humano. Era esse o ruído que estava a destabilizar os animais.

— Pelo Círculo — exclamou William, — olha-me bem para aquela beleza!

O Mergulhador desviou o seu comparsa da frente com um empurrão para ver melhor. Será que Will estava a falar da senhora que seguia sentada no espaço do condutor, ou da carruagem em si? Aço banhado em ouro brilhante, duas rodas à frente que faziam duas vezes o peso dele e de William, mais quatro atrás do compartimento dos passageiros, com os assentos ovais de estádio cobertos de um cabedal vermelho e macio.

— Não é de nenhuma oficina laboresa — disse William.

— Catósia — disse o Mergulhador. — É das cidades-estado.

Toda a gente sabia onde eram feitas as melhores carruagens automáticas sem cavalos. Ao contrário dos mecanismos de alta-tensão laboreses, os das fábricas da Liga Catosiana não tinham tendência para explodir nem para espalhar componentes da carruagem pelas ruas. O polícia encarregado de gerir o trânsito na zona mandou parar o fluxo de cabriolés, carroças e caranguejolas ao longo de Ollard Street, gesticulando no sentido de fazer avançar o trânsito do lado oposto de Overhall Corner. O Mergulhador ficou com a sensação de que aquilo que o polícia de casaco escuro queria realmente fazer era parar o veículo para admirar a sua opulência como todos os outros peões.

— Daquelas coisas não sai lá grande merda — disse William, cheio de inveja.

O Mergulhador teve uma ideia, sempre era uma forma de desencantar um *penny*, e, ao mesmo tempo, de conseguir observar a carruagem mais de perto. Avançando para o veículo, tirou o seu boné de fazenda.

— Desculpe, senhor, posso limpar os seus faróis a gás, senhor? Estão muito cobertos de fuligem, senhor!

A motorista saiu do assento do condutor, e só então o Mergulhador viu algo mais do que os seus caracóis louros e curtos, reparando igualmente no seu corpo. A mulher não só era belíssima, como tinha também o físico de alguém que passava o dia nas fossas de musculação. Era uma açoitadora, uma lutadora profissional!

O único passageiro do veículo parecia divertido com toda aquela situação. Jovem, bem-parecido e tão louro como a motorista, tinha além disso um ar autoritário que apenas saía naturalmente àqueles que nasciam em berço de ouro. Devia ser um magnata dos negócios.

— Podes sentar-te, Veryann. Um pouco de espírito de empreendimento é sempre de encorajar. Limpa à vontade, jovem amigo!

Se a faxina com o boné de fazenda combateu a sujidade ou a reforçou é algo que não se chegou a perceber, mas o Mergulhador fez o melhor que pôde e, ignorando a expressão pesarosa da guarda-motorista (que notoriamente estava a pensar pagar-lhe o serviço de outra forma), rasgou um sorriso para o magnata. O homem atirou uma moeda na direção do Mergulhador e o miúdo apanhou-a, regressando depois ao passeio, quando as carruagens de carga e os cabriolés voltaram a arrancar.

— Círculo danado — disse William. — Tens uns tomates e tanto!

— Olha só, uma coroa — respondeu o Mergulhador, revirando a moeda nas mãos. — Nada mal por um minuto de trabalho, hã?

— Nunca viste a fronha daquele finório nas folhas dos noticiários, Mergulhador? Fazes ideia de com quem é que acabaste de esfregar os cotovelos?

O Mergulhador ficou aborrecido. O seu amigo sabia muito bem que ele não aprendera a ler; as ruas de Ferromédio tinham sido a sua escola. Ele nem sequer se atrevia sequer a olhar para as folhas dos jornais, que para ele serviam apenas para o recordar de um mundo que jamais seria o seu: o das leituras, das refeições a horas certas, de quartos quentes e pais carinhosos.

— Quest! Aquele tipo era Abraão Quest!

Quest? O Mergulhador ficou petrificado. Ó volta do Círculo, o homem mais inteligente de Ferromédio, diziam eles, e provavelmente também o mais rico!

O Mergulhador lançou um olhar na direção da carruagem sussurrante, que desaparecia já à distância e não passava agora de um brilho dourado no meio das ruas escuras e cobertas de fuligem.

— Devias era ter-lhe pedido duas, seu grande nabo! — gozou William.

— Algo me diz que, depois disto, vamos precisar de instalar uma plataforma para trazermos mais uma guarda na parte de trás da carruagem — anunciou a condutora. — Quando a notícia daquilo que acabaste de fazer se espalhar entre os amigos dele, vamos ser assediados por fedelhos saídos dos esgotos em todos os cruzamentos da cidade.

Abraão Quest reclinou-se nas costas do seu lugar com um ar despreocupado.

— Aquelas crianças são o futuro de Laborterra, Veryann.

— Como se tu não desses já mais do que o suficiente ao Quadro dos Pobres e não financiasses todas aquelas academias para crianças desfavorecidas...

— Para grandes males, grandes remédios.

Tratava-se de uma citação de *O Livro das Reflexões Comuns*, um livro circulista.

— Já alguma vez paraste para pensar porque é que umas crianças jantam com um serviço de prata e dormem debaixo de cobertores de lã, enquanto outras vão para a cama esfomeadas e dormem numa cama com outras doze igualmente desesperadas, Veryann? Nunca te perguntaste que discrepâncias de destino, motivação e determinação podem levar às disparidades imensas que existem na nossa terra?

Veryann virou para Drury Dials, fazendo o veículo ronronante tomar a direção da Casa dos Guardiães.

— Tu deves saber a resposta para essa pergunta melhor do que qualquer outra pessoa, Abraão Quest; tu, que foste uma criança saída dos asilos que chegou aonde chegou. Os mais fortes e astutos prevalecem, os fracos soçobram. É assim que a natureza procede com todas as coisas.

— Ah, claro. Aí está a resposta típica de um verdadeiro soldado das cidades-estado — respondeu Quest, lançando um olhar melancólico para trás. — Não foi assim há tanto tempo que eu fui aquele miúdo de rua. Exatamente como ele. É como se estivesse a olhar para um espelho do que eu era há trinta anos. Mas as coisas não têm por que ser assim.

O encontro fora marcado no Clube de Strandwitch, apenas duas ruas abaixo do parlamento. O Primeiro Guardiã tinha um sentido da ironia que era uma verdadeira delícia: era provável que Benjamin Carl tivesse sido a última pessoa a ser aceite no clube político mais prestigiado em toda a Ferromédio antes de o Partido Igualitarista ter acedido ao poder nas últimas eleições, mas agora o comité do clube não tivera outro remédio senão admiti-lo no seu seio.

Tanto os guardiães como os servidores civis do Salão Verde observavam o avançar de Abraão Quest ao longo da alcatifa sumptuosa e cercada de poltronas em couro. Os seus olhares eram vivos como os de quem acaba de descobrir um *penny* de cobre esquecido por entre as pedras do pavimento. Será que o viam a ele, ou apenas à sua fortuna? Ele sabia perfeitamente a resposta para essa pergunta. O dinheiro era poder e notoriedade, uma lente através da qual a sua humanidade se distorcia aos olhos de todos os que consigo se cruzavam. Todos, exceto talvez o político com quem ele tinha vindo encontrar-se, o qual sempre parecera estranhamente incólume a quaisquer considerações desse género. Essa era de resto uma das razões principais para os dois se darem tão bem.

— Primeiro Guardiã — anunciou o mordomo. — Chegou o seu convidado.

Benjamin Carl pousou o seu exemplar do *Notícias Ilustradas de Ferronómio* e apontou para uma poltrona no lado oposto da mesa baixa que ocultava a sua cadeira de rodas.

— Campo neutro, Benjamin?

— Se o tivesse recebido nos meus gabinetes do parlamento, ia dar que fazer a muitas línguas — respondeu Carl.

— Mais especulação por causa dos meus donativos ao Partido Igualitarista, suponho?

— Pois. É curiosa a forma como o respeito de uma pessoa pela tenacidade descarada dos escribas de Dock Street enquanto está na oposição se altera tanto a partir do momento em que obtém uma maioria.

— A liberdade de expressão é uma das grandes conquistas da nossa civilização — observou Abraão, pegando no jornal do político.

A edição do dia trazia um desenho satírico na primeira página: o Primeiro Guardião olhava de cima para um séquito de guardiães dos partidos da oposição num duelo de bastões de debate, com uma bolha de insultos a erguer-se do ajuntamento de políticos a lembrar ostensivamente um amontoado de fantoches. A cadeira de rodas de Benjamin Carl tinha sido transformada num tanque de guerra com espigões em ferro, e as suas rodas esmagavam os membros mais radicais do seu próprio partido. Uma bola de discurso surgia do semblante irónico de Carl: *“Esta cavalgada é demasiado forte para vocês, caros compatriotas.”*

— Parece que sim — disse o Primeiro Guardião, assegurando-se que os ouvidos dos outros membros do clube não ouviam as suas palavras. — Foi por isso que eu pensei que talvez pudéssemos ter uma conversa franca esta manhã, Abraão.

— Nem eu esperaria menos da parte do agitador autor de *A Comunidade e os Comuns*.

Carl ignorou a piada acerca do seu livro acabado de sair da lista de publicações proibidas desde a sua eleição como Primeiro Guardião.

— A franqueza da conversa está relacionada com os seus interesses comerciais.

— Trata-se de outra doação? Ouvi dizer que o parlamento estava a ficar novamente áspero por causa das reformas laborais que propôs. Eu estou mesmo muito empenhado em fazer com que a Casa de Quest seja um exemplo.

— Não são as condições de trabalho das suas fábricas que me preocupam. As filas intermináveis de pessoas em busca de trabalho que se formam cada vez que abre um novo ramo são mais do que o suficiente para eu saber delas. O que eu queria discutir consigo é a sua produção, mais especificamente, a das indústrias de aeronaves nas Águas de Ruxley.

— O Quadro do Almirantado queixou-se de alguma coisa relacionada com a qualidade dos aeróstatos fabricados nas minhas fábricas, Primeiro Guardião?

— Nem por sombras — respondeu Carl. — Os seus artesãos aeronáuticos são dos mais eficientes que existem em Laborterra, e os desenhos das suas naves dos mais avançados, como de resto bem sabe pelo volume de encomendas da marinha aerostática.

O político fez um gesto com um dedo na direção da mulher discretamente posicionada junto à porta da sala de refeições do clube.

— Ela é uma mercenária? É das cidades-estado catosianas?

— Quem, Veryann? É, sim.

— O nosso país tem uma longa e muito reprovável tradição de tolerar que os ricos e poderosos mantenham exércitos privados com o subterfúgio de serem soldados territoriais, reservas espalhadas ao acaso para quando vierem os tempos de guerra. Não tenciono ser o primeiro líder do parlamento a tolerar também armadas aéreas privadas.

— Não é fácil testar os modelos novos de aeróstatos que vamos construindo sem celgas para os fazer voar — disse Quest.

— O monopólio de Laborterra em celgas tem mantido o nosso Estado a salvo durante centenas de anos a fio — respondeu o Primeiro Guardião. — Os testes de voo dos seus aeróstatos são um tudo-nada demasiado frequentes, e as discrepâncias entre as botijas de gás que recebe e aquilo que sai dos seus hangares um tanto ou quanto preocupantes.

— Nesse caso, vou ter uma conversa com o supervisor da fábrica — disse Quest.

— Faça-me esse favor — disse Carl. — Nós temos a nossa marinha mercante para servir os interesses dos nossos negócios e a Real Marinha Aerostática para nos defender. As provas de voo dos seus aeróstatos são uma coisa, mas permita-me que deixe este ponto absolutamente claro: não existe espaço para uma terceira força aérea nos céus de Laborterra.

Quest riu em voz alta.

— Não sou um pirata científico, Ben. Sei perfeitamente que existem formas mais subtis de assegurar reformas importantes para o nosso povo do que colocando dirigíveis por cima da Casa dos Guardiães e lançando bombas-barbatana sobre as cabeças dos membros do nosso parlamento até o senhor conseguir fazer aprovar leis em prol da harmonia entre os países e da prosperidade dos pobres.

— Nesse caso, compreende aquilo que lhe estou a dizer. A nossa nação está rodeada de tiranias invejosas que cobiçam as riquezas do nosso povo e seriam capazes de destruir as liberdades de que desfrutamos para as obter. Os bancos do parlamento estão cheios de Terrófilos, Puristas, Rugi-

dores e Médio-Circulinos que adorariam ver cair o primeiro governo igualitarista em cem anos. Quanto a si...

— O mercantilismo sempre foi um ramo competitivo, Primeiro Guardião. O número de inimigos que me rodeia lá fora é apenas uma das muitas razões pelas quais eu continuo a faturar.

Um membro mais solícito do pessoal do clube aproximou-se e ofereceu a cada um dos dois homens um copo de gim. O Clube de Stran-dwitch era tradicional a esse ponto: o conhaque ainda continuava fora de moda depois de Quatérturno, o país vizinho, ter tentado invadir Laborterra alguns anos antes. Benjamin Carl pegou no copo e agitou o álcool no rebordo, um pouco como se estivesse a tentar ler o futuro no seu turbilhão cor-de-rosa.

— Todos nós atuamos dentro de certos limites, Abraão. Eu pensava que podia conseguir tanta coisa quando chegasse a este lugar... Entre os burocratas do Salão Verde, os outros partidos e as lutas internas entre os meus próprios companheiros igualitaristas, parece-me que apenas poderei aspirar a conseguir um décimo daquilo que eu tinha ambicionado.

— Isso sim, eu percebo bem — disse Quest. — Afinal de contas, veja só o que aqueles canalhas me fizeram.

— E ainda assim, parece ter singrado na vida. Mesmo se eles queriam cortar-lhe as asas.

Quest encheu as suas narinas com o aroma do gim.

— Cortar-me as asas, ou confiscarem-nas? Eu vejo as coisas de forma diferente, Ben. Para alguns, isso faz de mim um génio, para outros, um lunático e um idiota; agora, o facto de ser bem-sucedido nos meus negócios, isso não passa de um jogo.

— Um jogo que você joga maravilhosamente bem — observou o político. — Tão bem, que na verdade eles alteraram as regras do jogo só para conseguirem colocar-se a seu lado.

— Nesse caso, acha que está na hora de um jogo novo, Ben?

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa — disse o Primeiro Guardião, inclinando-se para a frente. — A norma estabelecida não aprecia nem um bocadinho nenhum de nós, mas, comigo, pelo menos sabem o que esperar. Alguém que se tenha dado ao trabalho de ler *A Comunidade e os Comuns* sabe perfeitamente aquilo que eu defendo. Porém, no seu caso não têm pontos de referência. Você tornou-se o homem mais rico de Ferromédio, e agora todos os anos distribui a sua fortuna pelos pobres. Eles bem tentam destruí-lo a cada momento, mas na verdade *você* é que acaba sempre por ficar com as aflições e os negócios falidos *deles*. Lida com a maior nação do mundo como se fosse um simples jogo de cartas cujo único propósito é servir-lhe de fonte de diversão, Abraão, e isso assusta-os.

— Uma pequena travessura — disse Quest. — Tudo o que eu preciso é de uma pequena travessura para manter a mente fresca e os cães raivosos à distância. É tudo tão aborrecido e cinzento sem as minhas pobres distrações...

— Eu compreendo — disse Ben Carl. — Simplesmente certifique-se de que os seus hangares de dirigíveis sabem que tenciona manter os seus interesses confinados ao mercado livre.

— Alguém andou a contar-lhe histórias sobre mim, Primeiro Guardião?

Carl apontou para o teto.

— Fontes não oficiais. Um bilhete caído dos céus com o intuito de vir cair no parapeito da janela do meu gabinete no parlamento. Tem de ter mais cuidado, Abraão.

Abraão Quest passou os dedos pelo nariz.

— Acho que percebo perfeitamente o que quer dizer. Não precisa de dizer mais nada.

Carl observou o seu amigo desafogado a atravessar a sala do clube. Para bem do magnata industrial, Carl esperava apenas que Abraão Quest se mantivesse fiel à palavra dada. Caso assim não fosse, a mercenária semelhante a uma estátua que ele incumbira de velar pela sua segurança dificilmente seria suficiente para o proteger. Não se a Corte do Ar viesse à procura dele para o julgar.

O mordomo regressou para voltar a encher o seu copo de gim. O traje negro do clube pouco ou nada disfarçava o facto de o empregado ser na verdade um agente da polícia política. Um detetive oficial. Ben Carl ainda não se tinha habituado à ideia de que estes homens fossem agora os seus galgos, e não parte do cortejo que corria incessantemente no rasto da sua cadeira de rodas.

— Acha que ele lhe vai dar ouvidos, senhor?

— Quem, o homem mais inteligente de Ferromédio? — O Primeiro Guardião suspirou. — Como é que eu posso saber?

— Continuamos sem saber o que é que ele anda a tramar nos hangares das Águas de Ruxley.

— Para ele os dirigíveis não passam de brinquedos, tal como tudo o resto — disse Carl. — Brinquedos para fazerem chegar mais longe, mais depressa, mais alto.

— Trata-se dos brinquedos da Real Marinha Aerostática, senhor. Ele limita-se apenas a construí-los.

— Ele é bom homem — disse Carl. — Um homem humano. Metade dos nossos cidadãos que trabalham em fábricas comem melhor e trabalham menos horas por causa dos padrões estabelecidos pelas fábricas de

modelos da Casa de Quest. Já fez mais pelo povo de Laborterra do que aquilo que eu consegui com as minhas leis para a indústria. É um patriota.

O agente da polícia voltou a encher o copo do político e fez uma ligeira vénia.

— Tal como todos nós, senhor, tal como todos nós.

Chivery não estava a achar piada nenhuma ao facto de ter o novato colado às suas costas daquela maneira. Aquilo não era fácil; quantas vezes não arriscara já ele a pele, fazendo figas para que os agentes tributários do Salão Verde não tivessem a sua baía preferida às portas da Cidade dos Embarcadores debaixo de olho durante a noite, em busca de barcaças semelhantes à sua em vias de passar para lá da linha-limite de navegação? Ganhar a vida como contrabandista em Laborterra era perigoso o suficiente sem ter um miúdo inexperiente como Tom Gashford entregue aos seus cuidados. Um miúdo que, para cúmulo, falava pelos cotovelos quando devia estar calado e não abria a boca quando era suposto dizer alguma coisa. Ainda assim, era compreensível que o comandante do *Maricas Furioso* tivesse decidido emparelhar o jovem Tom com um biscateiro batido como Chivery. O rapaz precisava de ganhar experiência nos caminhos mais recônditos que os contrabandistas tomavam na floresta, de conhecer as clareiras onde as caixas de conhaque não taxado e de erva-murmurejante podiam ser passadas para os discretos contrabandistas, compradores por atacado.

O jovem Tom parecia estar convencido de que a proximidade do muro das maldições acabaria por fazer com que os casacas-vermelhas lhes fossem cair em cima. Desde a tentativa de invasão que o Sopé da Raia tinha sido reforçado ao longo de toda a fronteira laboresa, desde Cem Cadeados a norte até ao Estado Livre dos Vaporomens a sul. No entanto, o objetivo dos vibradores que os engenheiros dos casacas-vermelhas tinham enterrado no chão era a deteção de escavações de túneis a um nível suficientemente profundo como para atravessar a fronteira por baixo do muro das maldições; os sensores não tinham sido concebidos para apanhar um par de contrabandistas a executar o ofício mais antigo existente nas costas. Fosse como fosse, ter o rapaz consigo era um risco. De todas as encomendas que os submarinistas regulares do *Maricas Furioso* traficavam de Quatérturno para Laborterra, o conteúdo da saca de Tom iria acabar por ser o negócio mais lucrativo daquela noite fria. O miúdo ia batendo com os calcanhares para afastar o frio e o medo do escuro. Era bastante óbvio que também ele teria preferido ficar a salvo do frio nos beliches da barcaça.

— Se não fosse o risco de haver homens dos impostos por aí esta noite, fazia uma fogueira com esta javardice para aquecer os dedos e que se

lixasse o risco da luz do lume — disse Tom, fazendo dançar a saca nervosamente entre as suas mãos.

O contrabandista mais experimentado pousou a sua mão no punhal que trazia cingido à cintura com um ar nada amigável.

— Isso seria uma grande estupidez da tua parte, Tom. O nosso cliente abria-te a garganta ainda antes de o capitão te atar à torre de comando e te deixar em Quatérturno, para servires de ração aos caranguejos.

— Mas porque é que alguém paga tanto dinheiro por este lixo inútil, Chivery? — perguntou o miúdo, puxando por uma mão-cheia de panfletos amarelecidos e lendo alguns dos títulos à luz da Lua. — *Diretivas do Primeiro Comité. Os heróis das indústrias de carruagens Faidéaux: Uma Exortação ao Trabalho. A Língua da Igualdade: pensamentos e pureza da Revolução.* Desde a guerra que ninguém coleciona estes disparates em Laborterra!

Chivery acendeu a lanterna redonda que trouxera consigo, o sinal acordado para anunciar que estava tudo a postos para se consumir o negócio, e tirou partido da luz de foco cerrado para desenrolar a folha de um almanaque que trazia junto a si. *O Monitor do Norte*: opiniões sérias, exprimidas de forma direta e honesta. A capa estava ocupada por uma ilustração do Primeiro Guardião, Benjamin Carl, que sustinha um bastão de quatro-estacas com as palavras *Carvalho Laborês* gravadas nele. A cabeça de um dos membros do Primeiro Comité de Quatérturno ressaltava da madeira, ao mesmo tempo que várias caricaturas de membros do parlamento aplaudiam educadamente nas bancadas. Havia ainda uma bolha de diálogo que se erguia do líder da oposição, Hoggstone, na qual se podia ler: “*É a sua vez de jogar, senhor.*”

A vaga de terror continuava ativa na nação vizinha de Laborterra. O *Maricas Furioso* executava a mesma rota de contrabando todos os meses, e os seus amigos, contactos e comparsas de Quatérturno pareciam sempre cada vez mais magros e malnutridos. Envelheciam prematuramente por causa das convulsões internas do seu país, purga após purga, carestia após carestia. Famílias inteiras eram arrancadas das suas aldeias para rumarem à misericórdia rápida e mortal de uma Coleira de Gedeão, as máquinas da morte alimentadas a vapor que imperavam ao centro de todas as praças centrais das povoações de Quatérturno. De acordo com o que as folhas do jornal de Chivery diziam, nem mesmo uma posição elevada entre a elite da Comunidade da Partilha Comum era sinónimo de se estar a salvo da paranoia agitada das unidades da polícia secreta ou dos caprichos das multidões nas ruas. Quatérturno deixara de ser uma república funcional para passar a ser um cão atormentado pela sua própria carne dilacerada, ferida. O contrabandista abanou tristemente a cabeça. As pessoas conseguiam meter-se nos sarilhos mais estranhos por causa das suas malditas obsessões. Se al-

guém começasse com propósitos daquele tipo em Laborterra, bem, os seus vizinhos faziam-lhe uma visitinha noturna e davam-lhe uma boa coça. Era até uma espécie de favor que lhe faziam e tudo.

— Que barulho foi este? — perguntou Tom, olhando em redor.

Primeiro ouviu-se um assobio vindo do céu; depois, uma silhueta monstruosa caiu da copa das árvores, com umas asas de cabedal que se fecharam como se pertencessem a um anjo dos infernos. O rapaz deu um berro, saltou para trás e foi cair em cima de um ramo.

Chivery recolheu a saca do rapaz, esquecida no meio das ervas. Gashford limitava-se a olhar para ele, embasbacado; afinal não era um monstro, mas *dois*. A criatura réptil voadora tinha pousado o seu passageiro a meio da clareira e recuado, recolhendo as asas em redor dos flancos. Um azorrague-pluma. Um azorrague-pluma montado por uma figura de contornos humanoides. Mas será que era realmente humano? As botas eram altas e escuras, a capa negra, e a face estava escondida atrás de uma máscara demoníaca. Foi então que as histórias que ouvira e lera lhe vieram à memória. A praga de Quatérturno, a vingança corporizada em formas humanas. *Nick Bafo-de-Fornalha*.

Havia quem dissesse que Nick Bafo-de-Fornalha era o fantasma de um nobre quaterniano regressado dos infernos para atormentar os seus verdugos. Outros juravam que se tratava de um membro da Revolução Carlista traído e eliminado pelos novos soberanos, um espírito da morte que vinha em busca dos seus antigos compatriotas. Outros defendiam ainda que Nick Bafo-de-Fornalha não passava de um anjo negro do deus-sol de Quatérturno, enviado para castigar a nova república atea que partilhava a sua linha de fronteira com Laborterra.

— Está tudo aí?

A voz daquele demónio ecoou em redor da clareira como se estivesse a ser sugada diretamente do Inferno. Havia qualquer coisa na máscara daquela silhueta que lhe alterava a voz, tornando as suas palavras repugnantes.

Chivery não parecia nada incomodado. Tinha já passado por aquele ritual muitas outras vezes.

— Se tu tens o dinheiro contigo, está.

Uma mão coberta por uma luva avançou com firmeza, e um saco de moedas voou pelos ares na direção do contrabandista. Chivery pesou as moedas na palma da sua mão, abanando-as.

— O negócio está conforme — disse ele, atirando a saca cheia de propaganda quaterniana para Nick Bafo-de-Fornalha.

— Suponho que vai haver outra entrega para o mês que vem?

— Parece que isto está a ficar mais complicado — respondeu Chivery. — A culpa não é dos carlistas, nada disso. Esses continuam na sua

disposição de sempre. Se nós entrássemos no Palácio da Igualdade e pintássemos os cus dos membros do Primeiro Comité de azul, nem se dariam conta de nada.

— Não haverá pagamentos extra — disse Nick Bafo-de-Fornalha para o contrabandista.

Chivery prosseguiu, ignorando aquela observação.

— O problema é a nossa maldita marinha. Andam a criar patrulhas de dirigíveis ao longo da costa. Está a ficar de tal maneira que nós já não conseguimos atravessar uma enseada quaterniana sem que venha logo um aeróstato da RMA no nosso encalço.

— Só quando as tabernas de Cem Cadeados ficarem sem conhaque de contrabando é que eu vou acreditar que furar o bloqueio se tornou demasiado perigoso para vocês — disse Nick Bafo-de-Fornalha. — Até lá... Além disso, é como o teu rapazinho diz: isto não passa de lixo inútil.

Aterrorizado, o jovem contrabandista tentou rastejar para o meio da vegetação. Nick Bafo-de-Fornalha tinha estado à escuta, a ouvir a conversa deles.

— Até pode ser inútil para alguns — respondeu Chivery, fazendo tilintar o saco com moedas mais uma vez, — mas parece que tu lhe dás algum valor.

— Claro que sim. — Nick Bafo-de-Fornalha riu-se, emitindo um rugido que não parecia nada animador. — Mas maldito seja eu se as pessoas não costumam dizer que eu sou completamente maluco?

Dito isto, Nick Bafo-de-Fornalha foi recolhido pelo azorrague-pluma. O bater de asas da criatura atirou os tricórnios dos dois contrabandistas para bem longe, na direção das árvores, ao passo que a silhueta com a máscara demoníaca e a besta alada ao seu serviço desapareceram nos céus.

— Era ele! — exclamou Tom. — O das folhas dos almanaques. Nick Bafo-de-Fornalha!

— Pois era — concordou Chivery. — E tu que pensavas que fazer contrabando era aborrecido, hã?

— Mas ele é o demónio de Quatérturno, certo? A praga da Comunidade da Partilha Comum? O que é que ele pode querer de uma saca cheia de panfletos políticos ultrapassados?

— Talvez combustível para acender a lareira numa noite mais fria, miúdo? Maldito seja eu se percebo alguma coisa disto. A verdade é que, se soubesse alguma coisa, o mais certo era estar realmente amaldiçoado. Tal como, de resto, me parece que ele está.

Capítulo Três

Quirke abriu a porta do seu gabinete; a tristeza patente nos olhos por regra brilhantes do catedrático era um indício já bastante fiável daquilo que provavelmente se iria seguir.

— Venha comigo, Amélia.

A professora Harsh seguiu o diretor do Departamento de Arqueologia da Universidade de Saint Vines até ao espaço do seu gabinete velho e confortável, sentindo como a apreensão se ia apoderando do seu estômago. Sobre o tampo da mesa junto à janela, estava uma cafeteira de café, com o vapor ascendente da bebida recém-preparada a obscurecer a zona do andar de baixo, onde vários grupos de estudantes de capa castanha acabavam de ser chamados para os respetivos seminários pelas campanhas acionadas a vapor que se faziam ouvir nas instalações da totalidade do ancestral edifício da universidade. A presença da bebida fermentada dissipava quaisquer dúvidas; mais valia Quirke ter deixado um capuz de carrasco esquecido em cima do tampo da sua secretária.

— Por favor, sente-se, minha querida.

O seu colega de idade mais avançada retirou uma gema polida do bolso do seu colete em *tweed* e pousou-a sobre a secretária. Tratava-se da joia que Mombiko tinha subtraído ao túmulo nas montanhas da Cassarábia.

— Pensei que a universidade já a tivesse colocado atrás de uma vitrina de museu, ou quem sabe até vendido a uma casa de licitações da Crip-plecross? — disse Amélia.

— A Távola Alta ainda não está a par da existência desta pedra, Amélia.

Amélia olhou diretamente para Quirke, desconcertada.

— Isto chegou quando ainda estava fora.

O professor estendeu-lhe um envelope em papel pergaminho creme. Amélia pegou no abre-cartas em cobre pousado sobre o tampo da secretária.

ria do catedrático e abriu o envelope. Ao desdobrar a folha, ficou petrificada com o que estava escrito nela.

— Mas eles não podem fazer-me uma coisa destas!

— A Amélia não é professora titular. É claro que podem, sim.

Amélia amarrotou furiosamente o papel, transformando-o numa bola com o seu braço de gorila.

— Saint Vines foi a única universidade que se dignou a aceitar-me! O que é que eles estão à espera que eu faça agora? Que aceite um lugar como percetora dos filhotes ranhosos da fina-flor das Portas do Sol e lhes ensine a diferença entre a última guerra civil e os motins do pão do último inverno?

— Qual era a alternativa que o Reitor tinha, Amélia? Era suposto a professora estar a trabalhar numas escavações nas proximidades do muro do dique. Em vez disso, uns montanheses descobrem-na quase morta no deserto junto à fronteira. A sua obsessão com a cidade perdida está a destruir a sua vida.

— A Távola Alta não passa de um bando de idiotas — exclamou Amélia. — Idiotas de mentes fechadas, tão cegos por causa dos seus preconceitos que nem são capazes de perceber que a cidade não é um mito! Ela *existiu*. Quando estava no deserto, descobri o túmulo do homem que provavelmente a terá destruído!

Quirke abanou a cabeça e fez rodar o globo instalado sobre a secretária; o seu dedo percorreu a vastidão do Mar de Fogo à medida que ele ia girando.

— O conselho académico valoriza a ortodoxia, Amélia. Uma lenda sem provas concretas nunca poderá passar de uma pobre amostra de arqueologia. Devia dar-se por satisfeita pelo facto de o embaixador cassárabe ter sido expulso o ano passado, porque, senão, não duvido que já teríamos os servidores civis e os magistrados do Salão Verde a cirandarem pelos corredores da faculdade à sua procura com uma mala cheia de reclamações formais da parte da embaixada.

— Entregue a joia ao Reitor — pediu Amélia. — O dinheiro dela...

— Não vai fazer diferença nenhuma — assegurou Quirke, empurrando a gema na direção da professora. — Não desta vez. Podia até ter regressado com o pergaminho original dos princípios circulistas que ele iria dispensá-la na mesma. Mesmo se, por algum milagre, tivesse descoberto alguma prova de que a cidade da Camlântida existira realmente, que se mantivera intacta e fechada como uma projeção de terra nos céus, como é que a professora ou alguém poderia chegar até lá? Os aeróstatos a que temos acesso não passam de dirigíveis minúsculos. Parece-lhe mesmo que a RMA se associaria à sua perseguição de fantasmas?

— Não seria a primeira vez que o Quadro do Almirantado acedia a alguns pedidos da Távola Alta...

O velho catedrático puxou de uma edição impecavelmente dobrada do *Notícias Ilustradas de Ferromédio*.

— É com isto que a marinha anda preocupada — disse ele, batendo com o dedo em cima de uma reportagem sobre uma aeronave da marinha mercante atacada por um raspador, uma das enormes criaturas semelhantes a balões que habitavam a zona superior da atmosfera e que por vezes se abatiam sobre as naves laboresas, transformando-as num amontoado de destroços.

— Descubra-me um texto num livro-cristal que revele como espantar os raspadores para longe das nossas aeronaves, e eu garanto-lhe que em menos de nada o Primeiro Mestre dos Céus se disponibiliza para lhe marcar uma audiência com o Quadro do Almirantado. Agora, ir em busca da Camlântida pelos céus? O que é que a professora acha que a RMA poderia fazer com uma proposta dessas?

— A cidade está lá em cima — insistiu Amélia.

— Se as ruínas da Camlântida estivessem a uma altitude ao nosso alcance, alguém já as teria avistado. O Círculo sabe como os nossos navegantes das nuvens são tão maus como os seus homólogos marítimos mais as suas superstições, rituais e cantilenas absurdas. Não seria muito difícil acrescentar uma história sobre uma terra fantasmagórica perdida numa projeção de terra aos relatos de anjos a pairarem em redor das suas aeronaves e de objetos redondos e escuros de origem desconhecida que deslizam diante dos seus olhos com um assobio. Além disso, se a sua cidade mística está a uma altitude para além da nossa visão e alcance, enfim... Tenho a certeza que consegue perceber a raiz do problema.

— Os azorragues-pluma estão convencidos de que a cidade está lá em cima — disse Amélia. — Eu contei-lhe a minha viagem aos seus ninhos nas montanhas. As canções deles falam de uma cidade que poderia perfeitamente ter sido a Camlântida, erguida para lá de um voo de guerreiros em busca de uma revoada de raspadores.

— Os azorragues-pluma são uma raça bastante exuberante — disse o catedrático. — Arrisco até afirmar que era capaz de encontrar qualquer coisa passível de corroborar grande parte dos contos da ficção celestial impressos nos almanaques baratos, nos seus ensinamentos aurais; isto, claro, se decidisse interpretar as suas sagas dessa forma.

— A falar dessa maneira, mais parece um dos obtusos da Távola Alta.

— Pois é — suspirou o académico. — Não duvido que sim.

Quirke levantou-se e escolheu um volume arrumado nas suas estantes.

— O refúgio dos gamos de Uriá. O equivalente a dois anos de sagas chamânicas de azorragues-pluma, transcritas durante uma expedição aos picos em redor de Cem Cadeados há cinquenta e cinco anos. Gosto particularmente da parte em que o deus Lambe-Tormentas convoca doze demónios do gelo para um concurso de assobio de canções, apostado em acabar com a era fria, e triunfa ao adicionar astutamente uma semente semelhante à da mostarda nos copos de vinho dos demónios quando estes estão distraídos. Tente vender essa gema ao Departamento de Estudos Geográficos como uma explicação para o recuo dos glaciares relativamente ao continente.

— Não estamos a falar de um mito, estamos a falar de História.

— A História está fora de moda nestes corredores — disse Quirke. — Temos História a mais, estamos a afogar-nos nela.

O académico abriu uma gaveta e retirou do seu interior uma moeda selada numa caixa de vidro; a cara cunhada na prata estava tão desgastada que a impressão da cabeça da mulher já quase não era discernível.

— Qual é a idade que os trabalhos irregulares publicados nas suas revistas de fontes duvidosas propõem para a Camlântida? Sete mil anos? Oito mil? Descobri esta moeda num dos arquivos lá em baixo, quando andava a escrever um artigo sobre o reinado do rei Hull. Por uma questão de mera curiosidade, pedi a Pumblehook que usasse aquele novo processador de informação de que ele tanto se gaba na metalurgia. Faz ideia da idade desta moeda de acordo com o seu novo método?

— É do período da nação-escrava quimecana?

Uma das sobranceiras de Quirke ergueu-se.

— Duzentos e setenta mil anos. O que é que a professora me diz desta heresia?

Amélia quase derramou o conteúdo da sua chávena.

— Isso é impossível! Pumblehook deve ter-se enganado nalgum passo.

— Ara-se os campos de Laborterra e tropeça-se em História, lança-se uma rede de pesca ao Mar Sépia e recolhe-se História. Temos demasiada História em mãos, e a Távola Alta está cansada das suas.

— O que é que vai fazer com essa moeda?

— O que é que eu vou fazer? — repetiu Quirke, reabrindo a gaveta e guardando o objeto no interior da caixa de feltro. — Vou guardá-la como um lembrete de que existem coisas mais antigas neste mundo do que eu. Seguramente que não vai ver trabalhos da minha autoria a especularem sobre as origens dela. Vou deixá-la em seu nome no meu testamento. Pode ficar com ela e com o resto do meu gabinete, quando a Távola Alta já não se lembrar nem do seu nome, nem da sua irreverência.

— Eu jamais serei o género de pessoa que eles pensam adequada para se sentar nessa cadeira — disse Amélia.

— Veremos — disse o académico. — Com o passar do tempo, logo vamos ver.

— Imbecis, estão cegos. Malditos imbecis.

— Um conselho, Amélia — disse Quirke, passando mais uma chávena de café à professora. — Da parte de um dos amigos mais antigos do seu pai. Não publique mais trabalhos sobre a cidade; mantenha a cabeça baixa, deixe a procissão da natureza levar o seu curso normal. Os membros da Távola Alta vão mudar, com o tempo hão de aparecer caras novas, pessoas que nunca ouviram falar de si. Há uma escavação nos sopés de Mecância, umas ruínas da era quimecana soterradas pelos glaciares durante a idade gelada. Posso arranjar-lhe um lugar nessa expedição; não passará de mais uma cara anónima a dar uma mão. Passe uns anos fora do alcance das revistas oficiais, fora do alcance dos seus inimigos.

— Um desterro académico.

Amélia afastou a sua chávena sem beber dela.

— Eu ensinei-lhe mais do que isso, minha querida. Uma retirada estratégica. A entropia pode ser um aliado extraordinariamente poderoso nestes nossos corredores sonolentos. O jogo é longo, minha querida, o jogo é longo.

Amélia levantou-se. Tanto um como o outro sabiam que ela não iria seguir o seu conselho, e o velho homem tinha já prejudicado os seus interesses mais do que o suficiente ao fazer de Saint Vines a última oportunidade dela no seio das oito universidades.

— Manteve-se ao lado do meu pai depois de ele ter perdido tudo — disse Amélia, — e agora volta a fazer a mesma coisa por mim. Você é uma verdadeira ave rara, Sherlock Quirke.

O académico encolheu os ombros. Nunca, nem mesmo por um instante, lhe passou pela cabeça que havia outra forma de fazer as coisas. Na verdade, ele era uma preciosa amostra de humanidade no meio dos ossos e da poeira das coisas esquecidas.

Amélia abriu a porta, preparando-se para sair.

— Professora, alguma vez lhe ocorreu que algumas coisas perdidas se encontram nesse estado por alguma razão?

Ora aí estava algo estranho de se dizer. Quem teria acabado de falar, o mestre em Arqueologia ou o amigo do seu falecido pai?

Ela fechou a porta, deixando Quirke e a sua vida anterior para trás das costas.

...

Amélia percebeu perfeitamente que aquela mulher no pátio tinha qualquer coisa de estranho assim que abandonou o edifício da universidade. Havia qualquer coisa nela que estava fora do lugar. Tinha a idade certa para ser uma estudante, mas a sua postura não apontava nesse sentido; mais parecia uma pantera, aguardando pacientemente sobre a relva ao mesmo tempo que observava minuciosamente o bulício dos estudantes universitários. Seria uma castora enviada pelo califa no seu encalço? O Círculo sabia como sempre houvera assassinos profissionais para dar e vender em Ferromédio, dispostos a executarem o trabalho sujo da capital quando as moedas tilitavam em quantidade suficiente sobre os tamboretos das tabernas mais mal-afamadas da capital.

Ao reparar na presença de Amélia, começou a caminhar na direção dela. As sombras caíam nas suas costas, e a visitante aproximava-se com o sol sobre os olhos. Amélia tranquilizou-se; afinal de contas, a jovem não estava a planear afundar uma lâmina entre as suas costelas.

— Damson Harsh? — inquiriu a jovem com um ligeiro sotaque.

De onde é que aquele sotaque poderia vir? Fosse de onde fosse, tinha já sido suavizado por alguns anos passados em Laborterra.

— Professora Harsh — corrigiu Amélia.

A mulher retirou uma folha dobrada de um caderno de apontamentos do interior do seu casaco.

— Segundo as minhas fontes, encontra-se neste momento à procura de emprego. Eu represento um indivíduo que talvez esteja interessado em oferecer-lhe um lugar adequado às suas pretensões.

O sobrolho de Amélia ergueu-se.

— Está suspeitosamente bem informada, damson.

A forasteira estendeu a folha dobrada a Amélia.

— A oferta está dependente da sua capacidade de traduzir o texto que aqui tem.

Amélia desdobrou a folha. Não podia ser possível! O texto que estava escrito naquela folha não devia estar nas mãos daquela jovem mulher.

— Isto é alguma brincadeira?

— Estou em condições de lhe garantir que a oferta é mais do que autêntica, *professora*.

— Diz-me uma coisa, miúda, onde é que tu foste buscar isto?

— A tradução, se tiver a amabilidade.

— O último... livro... de... Pardão. Leitor-Administrador da... Camlântida.

Foi com a voz entrecortada que Amélia terminou de ler a linha seguida pelo seu dedo ao longo daquele escrito em língua antiga. Por pouco não morrera nas lixeiras desérticas do califa para meter as mãos num tesouro

semelhante àquela, e agora esta cachorrinha aparecia no pátio da universidade com um ar flagrantemente despreocupado e na posse de uma inscrição do título de um dos livros-cristal perdido para a humanidade há cerca de seis mil e quinhentos anos.

— O conteúdo do livro-cristal de onde isto foi retirado está inutilizado?

— Vire o papel ao contrário, professora.

Amélia observou o lado oposto da folha. Uma morada: Avenida Snowgrave. A zona mais próspera das Portas do Sol, o coração latejante do comércio que mantinha as correntes de negócios continentais em circulação por Laborterra.

— Vá até lá imediatamente, professora. Poderá ver pelos seus próprios olhos se o livro funciona ou não.

Amélia não poderia ter procedido de outra maneira para se impedir de desatar a correr.

A avenida Snowgrave ficava a cinco minutos de distância da estação de atmosférico do Guardiã Wren, o sistema de transporte subterrâneo que servia a capital e regurgitava naquele momento os trabalhadores para os largos passeios da avenida. Este ano, parecia que as mulheres tinham adotado a moda das fardas austeras dos funcionários: o corte dos casacos era longo, concebido para cobrir os vestidos, e fazia-se acompanhar de cartolas. No último ano, a grande moda tinham sido as boinas ornamentadas com os distintivos dos respetivos partidos cosidos num laço. Amélia prestava ainda uma vaga atenção às montras das casas de chapéus para senhoras, mesmo se normalmente tendia a concentrar-se mais nos modestos rendimentos do seu salário (sobretudo por ter seguido a sua vocação). Os cidadãos mais ricos das casas de contabilidade ligados ao ramo dos negócios saíam de caleches de aluguer que ressoavam nas pedras da calçada de Snowgrave, ao mesmo tempo que os verdadeiramente abastados — a nata da fina-flor da capital — se remexiam nos coletes à procura das cebolas de bolso em ouro no agradável conforto dos seus coches privados. É claro que ser pobre equivalia a vir a pé desde os bairros mais pobres, localizados na sombra das novas e vastas torres pneumáticas, cujo gorgolejar da borracha reforçada para contenção da água abafava o arengar dos vendedores de enguias e de leite fresco.

Amélia levantou a cabeça, observando a torre que correspondia à morada escrita na folha de papel. Setenta andares de altura. Porém, e ao contrário dos edifícios vizinhos, este pneumático não tinha plintos de granito no exterior, tal como não dispunha de qualquer placa a anunciar os

nomes dos interesses que se agrupavam no seu interior. Era possível que andassem ainda a tratar desse assunto. Um número de torres muito considerável tinha-se erguido após a invasão de Laborterra por Quatéturno que tivera lugar alguns anos antes; metade da cidade tinha sido consumida pelas chamas, depois de a marinha aérea se ter virado contra a sua própria capital num ato de traição inqualificável.

Lá dentro, o átrio era em mármore polido, e encontrava-se povoado de homens altos de sobrecasacas ornamentadas. Os homens aguardavam numa postura semelhante à das sentinelas do parlamento. Cada um dos porteiros sustinha um buldogue pela coleira, e os narizes das criaturas estavam inchados como um tomate. Os seus caninos tinham sido torcidos, fosse através da feitiçaria de cantor-mundo ou pelas mãos ainda mais infames das feitiçarias do ventre.

— Damson Harsh — exclamou um dos porteiros. — Faça o favor de entrar. Estávamos à sua espera.

Os olhos de Amélia desceram para o buldogue a farejar suspeitosamente em redor dos seus tornozelos.

— Disparou alguma arma de fogo nos últimos tempos, damson?

— É *professora* Harsh, e sim, é possível que tenha andado por perto de alguma seiva de semente-pólvora no último mês.

— Quem a espera é um homem de posses, professora — disse o porteiro, — e de bom gosto.

O homem puxou de um cartão de registo em guta-percha preso a uma corrente, avançou até ao lado oposto do átrio e inseriu o cartão de perfuração no motor de transação instalado na parede. Os tambores foram acionados e giraram na máquina de calcular a vapor, e só então uma porta brilhante de cobre recuou, revelando um ascensor cuja área era superior à casa de Amélia situada em Crisparkle Street.

O porteiro corpulento apontou para o ascensor.

— Faça favor, professora.

Amélia avançou e apontou para o buldogue.

— Será que o seu cachorrinho também é capaz de cheirar pontas de punhais?

— Obviamente que não, professora — respondeu ele, piscando o olho e apontando para um dos outros buldogues. — Isso é com aquele.

Amélia observou o seu reflexo no espelho instalado no ascensor. A luz amarelenta a gás fazia com que a sua cara lhe parecesse pálida; ainda não tinha recuperado da desidratação de que padecera durante a sua fuga da Cassarábia. Não havia como contornar aquela evidência: Amélia estava feita num farrapo, e não conseguia conceber que alguém em Laborterra pudesse estar disposto a oferecer-lhe um emprego. Pelos dentes do Círculo,

nem ela seria capaz de se propor um emprego a si mesma se aparecesse assim no seu antigo gabinete da universidade.

Depois de o ascensor se deter silenciosamente, as portas deslizaram e abriram-se. Amélia deu consigo diante de três mulheres que bem podiam ser irmãs da jovem com quem tinha conversado no pátio da universidade. Três caras lindíssimas e ríspidas, que a inspecionaram e ergueram no ar (provavelmente para calcularem se seria muito difícil imobilizarem-na).

— Bom dia, senhorinhas — disse Amélia. — Não me digam que também estão interessadas em farejar as minhas pernas?

— Não existem muitos académicos que se passem pelas ruas de Ferromédio na posse de armas — disse uma das guardas, fazendo contrair a cicatriz que ostentava na face à medida que falava.

Mais uma vez, aquele estranho sotaque; o tempo que estas açoitadoras deviam já ter passado em Laborterra ainda não lhes tinha permitido suavizar aquele R gutural.

Amélia reparou na forma como uma das mulheres lhe abriu a porta, ao mesmo tempo que as outras duas menos dotadas no campo da subtiliza se colavam às suas costas em dois pontos estrategicamente fora do seu campo de visão.

— Armas? Hoje só trouxe comigo a minha mente arguta. Será que isto é mesmo necessário?

— Creio bem que sim — disse a da cicatriz na cara. — Afinal de contas, a professora ameaçou matar o nosso patrão.

Os olhos de Amélia cerraram-se ao descobrirem quem a esperava no interior da sala. *Ele*.

— Lá isso é verdade.

— Se bem me lembro, foi durante o funeral do seu pai que proferiu essa ameaça — disse Abraão Quest.

— Isso não passava de uma miúda de catorze anos a falar. Deve ter andado bastante atento à coluna de necrologia dos jornais por essa altura — disse Amélia. — De quantos suicídios é que o senhor foi responsável nesse ano?

— Nem um, professora. O suicídio acontece pelo simples facto de alguém encostar uma arma à têmpora e puxar o gatilho, tentando limpar uma mancha na honra da família de forma equívoca. A pistola não é resposta, e o decurso de uma vida não constitui um pretexto sólido para se fazer uma coisa dessas. Se decidir ir dar um passeio no Parque da Mecha Dourada, deve estar consciente de que por vezes chove, e outras faz sol. Não vale a pena choramingar quando nos molhamos. Ninguém é capaz de controlar o tempo. Tudo o que podemos fazer é controlar a forma como

nos sentimos quando ficamos ensopados. Se não nos queremos molhar, devemos desde logo evitar a famosa passeata no parque.

— Não foi uma maldita molha que deixou o meu pai completamente arruinado — disse Amélia, apontando um dedo na direção de Quest. — Foi você!

— Toda a gente que coloca o seu dinheiro na Bolsa de Intercâmbios Comerciais das Portas do Sol sabe que o seu capital está em risco. A especulação não passa disso mesmo. A possibilidade de obter ganhos, ou perdas. Eu não fiz nada de ilegal; limitei-me a dar asas à minha intuição, de maneira a jogar o jogo de forma significativamente melhor que todos os outros que se encontravam sentados à mesa.

— Tanto quanto sei, não foi assim que a Bolsa viu as coisas — contrapôs Amélia. — De resto, foi por isso que tanto você como qualquer corretor ao seu serviço foram proibidos de meter os pés naquele edifício para o resto da vida.

— Isso não passou de uma petulância da parte deles — disse Quest, desviando o olhar para uma das vistas principais das torres e espirais de Ferromédio. — Não foi o facto de eu jogar melhor as minhas peças do que os membros da Bolsa que fez com que eu fosse banido. O problema foi a *cupidez* deles, o facto de eu me recusar a partilhar os modelos de previsão que tinha estabelecido nos meus motores de transação. Nem sequer se tinham dado conta de que era possível usar um motor de transação dessa forma, e pouco importa o número de homens dos motores e afia-cartões que possam comprar. Jamais serão capazes de recriar aquilo que eu consegui. Mostrei-lhes o quão incrivelmente tapados eram, e nunca me vão perdoar por ter revelado a extensão da sua ignorância aos olhos do país.

Amélia mal podia acreditar na arrogância daquele homem. Abraão Quest, o único homem da história de Laborterra a ter um *crash* financeiro batizado com o seu nome. Quest tinha-se afastado da mesa de jogo com as fichas todas na sua posse, e foi por muito pouco que não rebentou com todo o sistema de investimentos financeiros ao fazê-lo.

Ela amarrotou a folha de papel que a tinha levado até ali e atirou-a para cima do seu tapete cassáabe.

— Isto é o que eu penso da sua oferta de emprego, Quest. Estou de partida, vou juntar-me a uma escavação ao longo da Cordilheira Mecânica.

— Não se vá embora — disse Quest. — Não antes de ver aquilo que eu descobri. É possível que não estejamos de acordo quanto à questão da responsabilidade pelas nossas escolhas pessoais, mas acredite em mim quando lhe digo que lamento sinceramente que o seu pai tenha perdido o seu lugar no parlamento depois de ter declarado falência, e que lamento

ainda mais que ele tenha chegado à conclusão de que lhe restava tão pouco por que viver que tenha decidido tomar o alegado caminho da honra. Sei que, enquanto foi vivo, foi um apoiante da heresia camlante. Como tal, talvez até seja especialmente apropriado que seja a Casa de Quest a auxiliá-la a avançar mais alguns passos na procura da cidade perdida.

Camlântida.

— O que é que você sabe acerca da cidade, Quest?

— Um par de coisas que não vai encontrar nas publicações a circularem pelos corredores bafientos da universidade de Saint Vines — disse Quest. — Como, por exemplo, a localização da cidade, ou melhor, do lugar onde a cidade *se encontrava*.

— Eu não acredito que...

— Por favor — disse Quest, abrindo uma porta lateral do seu escritório. — Veja por si mesma.

Quem quer que tivesse instalado o leitor, conhecia bem aquilo com que estava a lidar. O livro-cristal hexagonal jazia enlaçado por uma rede de cabos e fios. As baterias químicas borbulhantes providenciavam a energia necessária — a energia selvagem. Quest devia ter contratado alguns dos companheiros de Amélia para instalar aquele sistema. O manuseamento dos livros-cristal era uma faculdade rara; os seus mecanomânticos jamais teriam conseguido montar aquele dispositivo sozinhos.

— Você tem um — sussurrou Amélia. — Você tem realmente um livro-cristal ativo...

— E não se trata de um exemplar qualquer — disse Quest. — Não é um volume de registos de negócios em bruto nem um número ao acaso de uma coletânea de poesia pessoal. Este livro pertenceu ao maior dos filósofos camlantes, um dos gestores bibliotecários: Pardão. Ele sabia que a Horda do Óleo-Negro estava a pilhar, que começava a apoderar-se de cada uma das províncias do império. Esta história foi escrita já no final da civilização deles.

— Isto não tem preço — gaguejou Amélia. — *Isto* pode mudar tudo aquilo que nós sabemos a respeito dos camlantes!

— Oh, mas pode acreditar em mim quando lhe digo que o livro teve um preço, sim, professora — disse Quest. — Um preço que até a mim me fez pensar duas vezes antes de o pagar.

— O que é que lhe interessa na Camlântida? — perguntou Amélia. — Isto é o trabalho da minha vida, mas para você? O que é isto? Uma distração menor enquanto faz mais dinheiro do que as finanças do Salão Verde num ano de impostos?

— Aquilo que me interessa verdadeiramente são as ideias, professora. Os conceitos fascinam-me. Infelizmente, devo admiti-lo, mais do que

qualquer pessoa tenha alguma vez sido capaz de fazê-lo. As lendas contam que os camlantes tinham uma civilização perfeita. Que viveram juntos e em paz durante séculos a fio, numa sociedade que tinha abolido a fome, a pobreza e a violência. Que lições poderíamos nós tirar das suas vidas, diga-me, professora?

— Que os pacifistas deviam construir muralhas ainda mais altas para manterem os seus inimigos à distância — respondeu Amélia. — Onde é que foi desencantar este livro, Quest?

— Um antiquário foi dar com ele a ser usado como calha de uma porta numa padaria de Lace Lane, dentro de uma saca de pele. O padeiro tinha-o trazido da quinta da sua avó quando ela morreu e não fazia ideia do seu real valor. Infelizmente para mim, o antiquário estava mais do que bem informado sobre o valor exato desta peça.

Amélia passou os dedos ao longo da superfície fria do livro-cristal.

— Não pode ter uma coisa destas aqui, Quest, nem mesmo você. Ele tem de ser estudado.

— E assim será, mas não por aqueles imbecis da Távola Alta, para quem a existência de uma sociedade camlante nos nossos dias é o equivalente a uma heresia arqueológica. Sabe tão bem como eu o que é que eles fariam com um artefacto destes. Iam enterrá-lo nas caves do Museu de Ferromédio e tirá-lo da estante uma vez por ano para lhe darem uma boa limpeza.

— E você quer que eu o estude?

— Quero algo mais do que isso... Repare bem.

Quest aproximou-se de um dos seus tambores químicos e empurrou uma alavanca de ativação. Umhas faíscas pequenas saltaram das ligações estabelecidas em redor da base do livro, e um dedo de luz emergiu da superfície da relíquia no meio de um enorme halo que envolvia o cristal, agitando-se diante dos olhos de todos como se de uma névoa se tratasse. A luz tornou-se sucessivamente mais nítida, até que se concretizou na imagem de um homem. O espectro falava, mas não era possível ouvi-lo; a escrita movia-se no ar imediatamente diante dele.

— É Pardão quem está diante dos seus olhos, professora. O último Leitor-Administrador da Camlântida.

Mas Amélia quase não ouvia aquilo que Quest estava a dizer-lhe. Estava concentrada na tarefa de seguir os caracteres ancestrais que subiam através do ar, ao mesmo tempo que ia tentando observar Pardão. Que idade teria ele? Trinta, quíçá? Parecia jovem para o lugar de poder que desempenhava. A cabeça de Pardão virou-se para um lado, fazendo com que a sua coroa ornamentada de uma única gema ao centro cintilasse com a fúria dos incêndios no exterior, e Amélia viu aquilo para que ele estava a olhar. A

cidade de Pardão ardia à distância, atacada por bolas feitas de palha e alcatrão ensopadas em petróleo, consumindo-se em chamas que as catapultas da Horda do Óleo-Negro lançavam dos carros de guerra, distribuídas de forma a cercarem a cidade. A justaposição entre os cristais de comunicação que giravam tranquilamente nas torres mais altas das espirais etéreas da Camlântida e a brutal carnificina animalesca levada a cabo pela Horda era quase demasiado para os olhos de Amélia, mesmo depois de tantos milhares de anos. Era como se estivesse a acontecer agora, numa das cidades de Laborterra.

— Pobre Pardão — disse Quest. — Repare na tristeza estampada nos olhos do Leitor-Administrador. Está a assistir ao fim do seu próprio mundo, e percebe-se que está consciente disso. É o princípio de uma era obscura, que perdurou até ao início do Império Quimecano.

— Pouco barulho — cortou Amélia, tentando acompanhar o desfilar das palavras. — Preciso de me concentrar. Ele está a dizer qualquer coisa acerca de um plano.

Quest levantou ligeiramente a alavanca de controlo e a imagem ficou suspensa diante deles; o borbulhar do tanque enchia aquela divisão de um fedor típico de ovo podre. Amélia ia protestar, mas Quest acenou no sentido de ela ouvir antes o que ele tinha para dizer.

— O tradutor que eu contratei antes não tinha a sua proficiência, professora, mas já tenho nas minhas mãos as ideias-base da história.

Quest apontou para uma montanha alta, situada à distância na imagem, e para as estrelas que brilhavam acima dela, congeladas e perdidas na distância do tempo.

— A chave é esta montanha, professora. Os glaciares passaram por ela durante a idade gelada. Ela não mudou assim tanto ao longo dos tempos.

— Você conhece a localização exata da Camlântida! — gritou Amélia.

— Sei onde estão localizadas as suas fundações — esclareceu Quest. — Tanto quanto podemos dizer, o plano de Pardão era negar o acesso à cidade à Horda do Óleo-Negro. A projeção de terra que destruiu a Camlântida não foi fruto do acaso, professora.

Amélia estava petrificada pelas implicações de tudo aquilo. Entre os investigadores capazes de abordar o tema da Camlântida com um mínimo de seriedade, Amélia sabia que sempre especulara se depois de a cidade ter sido saqueada e os bibliotecários-mágicos assassinados, não sobrevivera ninguém para escoar os fluidos de energia da terra e o terreno fora assolado por uma projeção de terra. O primeiro dever dos cantores-mundo foi acalmar e controlar as linhas Ley, capazes de arrancar

quilómetros inteiros de terra do chão e mandá-la pelos ares, rumo à noite fria. A ordem dos cantores-mundo dominava o poder da terra, usando-o como fonte de energia para as suas feitiçarias e rituais. Quando as civilizações antigas soçobraram e a destabilização começou, as erupções e os tremores de terra tornaram-se comuns, fustigando a terra. Isso era um facto inegável.

— Nesse caso, foram os camlantes que destruíram a sua própria cidade — concluiu Amélia, quase incapaz de acreditar naquilo que tinha acabado de dizer.

— Os bárbaros não eram assim tão parvos — disse Quest. — A Horda não tinha intenção de incendiar e arrasar a Camlântida por uma questão de despeito ou inveja. A ideia deles era controlar a cidade das maravilhas para usufruírem dela em benefício próprio. Teriam prendido e levado os bibliotecários nos seus carros como escravos. Com o poder da Camlântida à sua inteira disposição, os Senhores das Rodas teriam conseguido estender o seu poder a todos os reinos da sua era sem grande esforço. Não consigo imaginar um destino mais negro para uma sociedade de pacifistas, e a professora? Transformados em servís magos da corte de um bando de déspotas, de assassinos. Meras testemunhas da forma como a Horda acorrentava as crianças dos seus terrenos conquistados às suas carruagens, arrastando-as até elas se transformarem em pedaços de carne em sangue no saibro durante as suas corridas de honra. Cúmplices no saque de outras cidades que não as suas.

Amélia olhou para a imagem imóvel e digna do Leitor-Administrador.

— Pobre homem. Pobre Pardão.

— Pense nisso, professora — aconselhou Quest, avançando em direcção a uma espécie de janela em forma de portinhola incrustada nas paredes de borracha da sua torre pneumática. — A Camlântida continua a girar em redor do mundo algures nos céus. Não me refiro às suas ruínas de mármore e pedra pilhadas, mas à Camlântida intacta, com as suas ruas desertas a servirem de ninho para as águias e depósito para o pó das esperanças de Pardão. Também é o seu sonho, não é?

Maldito fosse ele. Quest sabia perfeitamente que sim.

— Você disse que sabe onde é que a cidade estava localizada antes da projecção da terra, certo?

— Tal como sei porque é que nunca ninguém descobriu as ruínas das suas fundações.

Quest conduziu-a novamente até à mesa do seu gabinete, onde uma das suas mercenárias catosianas tinha já disposto um mapa. O seu dedo passou sobre uma vasta extensão de terreno, a maior parte dele pintado a

negro por se tratar de um conjunto de regiões desconhecidas e inexploradas.

— Gelileão.

Amélia lançou um olhar de soslaio para aquela região incharacterística e inóspita. Uma selva infernal sem limites. Um ambiente tão agreste, que apenas os parentes distantes da raça humana (como os caranguenarbianos, protegidos que estavam pela sua carapaça) poderiam viver em semelhante lugar.

— Os seus geógrafos devem ter-se enganado, Quest. Todos os textos antigos sugerem que a localização da Camlântida devia ser bastante mais a norte. A meu ver, algures a norte da Liga Catosiana, ou talvez encravada entre as pampas de Kikkosico. Talvez estivesse até enterrada por baixo dos baldios controlados pelos bárbaros polares.

Quest abanou a cabeça em sinal de discordância.

— Confie em mim, Amélia. O lugar que eu ocupo neste mundo foi estabelecido à custa de seguir os meus instintos contraditórios. Será que eu poderia surpreendê-la se lhe revelasse que as suas heresias académicas não são as únicas que eu tenho seguido? No que toca à geografia continental, existe uma hipótese atualmente proscribida pela Távola Alta que defende que a totalidade do mundo em que vivemos pode ter mudado de posição inúmeras vezes no passado, com o norte a trocar de posição com o sul e toda a superfície da terra a entrar em convulsão por causa disso. Tremores de terra, projeções de terra, fogos e enxofre. De certa maneira, a professora está correta. As fundações da Camlântida *estão* realmente mais a norte. A diferença é que mais a norte hoje é mais a sul, mais concretamente cerca de mil e cinquenta quilómetros.

Como é que aquilo podia ser possível? O mundo deles seria assim tão inconsistente? É que se fosse, se fosse...

— Todos estes anos passados a vasculhar as pampas — disse Amélia, assimilando o significado das palavras de Quest, — a pedir ao deus-imperador de Kikkosico só mais uma autorização escrita para só mais uma província. Nem sequer andávamos à procura da cidade no país certo!

Quest desenrolou um segundo mapa com uma descrição mais detalhada de Gelileão. Provavelmente o mapa de um negociante privado, indubitavelmente bastante caro e de difícil obtenção. Áreas enormes de terreno selvagem continuavam angustiantemente por classificar.

— Seja como for, os seus instintos não estavam errados, Amélia. A cidade não é um mito. Era, ou melhor, é *aqui!* — exclamou ele, batendo com o dedo sobre a nascente do rio Elobscurela, uma cratera enorme e semelhante a um lago que alimentava o curso de água mais poderoso do conhecimento dos cartógrafos laboreses. — Quando a cidade foi arranca-

da do chão e projetada para os céus pelos feiticeiros camlantes, criou uma bacia, uma bacia que se encheu de água das chuvas e águas subterrâneas, dando origem a um mar interior: o Lago Ataa Naa Nyongmo.

Amélia abanou a cabeça de incredulidade. Era como se as prendas da Mãe-Cavalo Branco próprias do Solstício de Inverno tivessem chegado todas mais cedo. Um trecho completo de história perdida abria-se a seus pés. Tudo fazia agora sentido: a razão pela qual as suas escavações se tinham revelado sempre tão malditamente inúteis; o mundo que mudara e voltara a mudar. O que um dia tinha sido um paraíso com amenos sistemas meteorológicos jazia agora debaixo da selva.

— Pode comprová-lo pelos seus próprios olhos nos registos de outros livros-cristal. Pardão fala a um conselho do seu povo acerca de construir correntes do fluxo terrestre suficientemente fortes para separarem a sua cidade da superfície da terra e projetar a civilização deles para fora do alcance da Horda.

— Existe alguma pista sobre o local exato onde pairam os restos da Camlântida hoje em dia?

Quest abanou a cabeça.

— Infelizmente não. No entanto, existem indícios de que a localização da cidade pode estar descrita noutros livros-cristal, segundo os quais ela poderia estar encerrada numa cápsula temporal cujo acesso está ao alcance apenas dos descendentes da Camlântida, lado a lado com os planos de algumas das suas maiores maravilhas. Tenho esperança de que as ruínas das fundações da cidade nos possam fornecer algumas pistas quanto à localização atual da Camlântida.

— Nunca houve qualquer relato de tripulações de dirigível que tivessem avistado a Camlântida — disse Amélia. — Estava convencida de que os nossos aeróstatos ainda não podiam voar suficientemente alto para a poderem localizar.

— Essa é uma falha que eu pretendo colmatar em breve. Tenho os meus artesãos aeronáuticos apostados em construir uma frota de supracensores, aeronaves que serão capazes de viajar até às camadas mais rarefeitas da atmosfera, a uma altitude tal que poderemos até tocar as próprias luas.

— Parece-me que anda a ler demasiada ficção celestial — disse Amélia.

— Imaginação, professora, com um pouco de imaginação, tudo se torna possível. Onde todos os outros viram apenas mito e inexistência de provas, você imaginou uma cidade perdida. O primeiro passo para se conseguir o que quer que seja é imaginar que pode ser possível. Sem essa convicção, o seu percurso jamais teria começado, e a professora ter-se-ia limitado a seguir as suas dúvidas até ao fracasso.

— A RMA jamais iria autorizar uma investigação-fantasma desta magnitude — disse Amélia. — Nem mesmo por Abraão Quest.

— Aquilo que o Quadro do Almirantado não sabe, não lhe pode fazer mal. A sua missão é viajar até Gelileão e descobrir a localização exata da cidade dos céus. Eu tratarei de providenciar os meios de subirmos até aos seus templos e às ruas asfixiantes da cidade.

Amélia olhou para os contornos anónimos e incaracterísticos de Gelileão no mapa. O coração das trevas. A sua expedição seria obrigada a mergulhar mais profundamente no interior da selva do que qualquer outra se atrevera até à data.

— E você já desviou celgas da marinha em quantidade suficiente para fazer um dirigível voar até Gelileão?

Quest voltou a abanar a cabeça.

— Posso deixá-la junto à foz do Elobscurela; não me vai ser possível avançar para lá desse ponto. A nascente do rio fica já em pleno território daguixe. Com os seus canhões de chamas, a malha-verde é capaz de abater qualquer dirigível laborês que surja nos céus por cima deles.

Amélia susteve a respiração. Ela tinha muitos amigos caranguenarianos, pelo que já tinha ouvido algumas histórias sobre o terror de Gelileão. A malha-verde: um território cheio de animais e vegetação que se fundia numa simbiose mortífera de perversidade viva. Os daguixes podiam ser chamados um império, mesmo se apenas por uma questão de cortesia, mas na verdade não passavam de uma colmeia ancestral, transformada numa estranha e funesta entidade por meio da feroz batalha pela sobrevivência que ocorria nas profundezas mais recônditas da selva. Na melhor das hipóteses, os forasteiros eram considerados células foragidas, em espera para serem absorvidos pela sua cooperativa. Na pior, não passavam de inimigos a abater assim que avistados. Quest só podia estar louco. A sua equipa teria de fazer os trabalhos necessários na margem do Lago Ataa Naa Nyongmo, desenvolvendo uma atividade de arqueologia subaquática de grande minúcia ao mesmo tempo que estaria obrigada a permanecer a salvo dos olhos e ouvidos de criaturas que, tão-só pelo crime de violarem os seus domínios, os desfariam a todos.

— Não me parece que possamos levar isto a cabo se as fundações da cidade estiverem localizadas em território daguixe — disse Amélia. — Deve haver outra forma de descobrir o ponto exato onde se encontra a Camlântida nos céus?

— Tudo o que resta da civilização deles na terra encontra-se submergido nas águas desse lago — informou Quest, caminhando para a frente e para trás ao mesmo tempo que os seus braços se movimentavam para acompanhar a sua agitação. — A lenda fala de um milhão de habitantes da

Camlântida, perto de um milhão de cidadãos que sacrificaram as suas vidas de forma a evitar que o seu legado fosse pervertido pelas hordas de bárbaros contemporâneos. Pense na coragem absoluta que requer um ato desta dimensão: mandar a própria casa pelos ares numa morte de frio e asfixia, lenta, tanto para si como para os seus amigos e familiares, e tudo isto para não virar as costas aos seus ideais pacifistas. A professora podia passar uma vida inteira a escavar buracos em Mecância, em Kikkosico, na Cassarâbia, em busca de uma pista escondida nos registos de um negociante ou num livro-cristal de um refugiado sobre o ponto para o qual eles projetaram a cidade.

Neste momento, o seu dedo esmagou Gelileão.

— O filão principal encontra-se aqui. O facto de se encontrar presentemente debaixo de umas águas próximas da costa de uma cidade daguixe no coração da selva é um acidente geográfico que não temos outro remédio senão ultrapassar.

— Debaixo de água...

Amélia refletiu, e depois esboçou um sorriso rasgado.

— Quanto dinheiro é que você está realmente disposto a gastar nesta expedição, Quest?

— Para desvendar os segredos dos antigos e para oferecer a Laborterra a oportunidade de viver em paz e na prosperidade da era camlante? De quanto é que precisa?

Amélia explicou-lhe o plano que tinha em mente.

Veryann observou a professora a abandonar a torre.

— Ela é quase tão louca como tu, Abraão Quest.

— Louca? Não, inspirada — corrigiu Quest. — O plano dela é bastante inspirado. Sabias que ela estudou sob a supervisão de Hull? É o mesmo homem que conseguiu traduzir a linguagem camlante e descobriu a forma como os livros-cristal podiam ser ativados.

— Suponho que se fosse vivo, também o terias contratado para a tua expedição.

— Suponho que sim, que o teria feito — disse Quest.

— Ainda assim, e apesar de toda essa esperteza e *inspiração*, preferiste não lhe mostrar as imagens do segundo livro-cristal do par que compraste.

— Os conteúdos do segundo livro-cristal iam perturbá-la — disse Quest. — Prefiro manter a fé de Amélia num estado puro, inquebrantável.

— Pois, imagino que essas imagens a iriam perturbar — disse Veryann. — Os teus ideais têm um risco demasiado elevado que lhes é inerente. O paraíso não é para se obter na Terra.

— Já aqui foi estabelecido uma vez...

Quest deteve-se diante de uma das portadas enormes, ouvindo o gorgolejar da água a movimentar-se ao longo da sua torre pneumática. A sua mão apontou para o céu.

— ... e o segredo para o estabelecer novamente está escondido algures ali em cima.

Smike não sabia o que pensar do velhote que tinha diante dos olhos. Não era todos os dias que um cego se aventurava a andar sozinho pelas ruas de Rottonbow. O que é que levaria alguém com umas vestes cinzentas e pesadas como as de um monge circulista a passear-se por uma das zonas mais perigosas de Ferromédio àquela hora da noite? Smike prestou atenção ao ressoar no chão da bengala em madeira velha, que ia tateando as pedras da travessa por entre os escombros das antigas torres.

Por um momento, Smike pensou deixar que o parvo do velho se perdesse ainda mais pelas ruelas de Rottonbow; porém, e apesar do seu limitado nível de consciência, não foi capaz de fazer uma coisa dessas. O forasteiro invisual era seguramente um homem de idade, mas até parecia ágil para os anos que tinha.

— Espera lá, avozinho! — chamou Smike. — Sabes aonde é que vais?

— Oh, sei sim, senhor — respondeu o cego, com a sua cara escondida pelo capuz e pela escuridão da noite. — Vou a caminho de Furnival's Wark.

Smike deu uma passa no seu cachimbo de erva-murmurejante.

— Ó amigo, aí para baixo não há nada a não ser o cemitério dos pobres.

— Pois, creio que um velho amigo meu foi sepultado lá.

— Ouve lá uma coisa, avozinho, tu sabes que horas são?

— Para mim é sempre de noite. — O homem riu em voz alta.

— Se não tens mais cuidado contigo, ainda vais é dar com a noite interminável — disse Smike, puxando pelas vestes do desconhecido. — A bater com a bengala por estas ruas abaixo, vais acabar a meteres-te em sarilhos, aí vais, vais. Larápios batidos e à espreita é o que não falta aqui por Rottonbow. Olha que eles não iam pensar duas vezes em atravessar-te as costelas com uma lâmina só para te esvaziarem os bolsos.

— Mas se eu tenho tão pouca coisa para me roubarem — respondeu o forasteiro. — Sobretudo agora, que tu me surripiaste o meu dinheiro.

A bengala do forasteiro ergueu-se e recuperou a carteira dos fundos do casaco andrajoso de Smike. Uma mão rugosa e fria insinuou-se fulminante, semelhante a uma língua de sapo, e voltou a guardá-la por entre o tecido das suas vestes.

Smike deu um salto para trás, engasgando-se com o fumo da erva-murmurejante por causa do choque.

— Não vais censurar uma pessoa por tentar a sua sorte, certo? Mas tu és *mesmo* cego, chefe?

— Oh, podes ter a certeza que sou cego, sim. — A silhueta riu novamente, envolta nas suas vestes. — Os olhos são a primeira coisa que deixa de funcionar. O tratamento preserva tudo o resto, menos os olhos.

Smike lançou um olhar inquieto em redor. Tinha pensado que este velho cego idiota era caça, mas afinal era maluco, ou algo bastante próximo disso.

— Sabes dizer-me se já foi o funeral de Seis-Rebites lá no cemitério dos pobres?

— Do vaporomem? — perguntou Smike. — Já não resta lá grande coisa do corpo dele no cemitério, avô. Quando o Seis-Rebites morreu, o médico-legista do Estado enviou a placa de alma dele de volta para as montanhas do Rei-Vapor como manda a lei. O resto do velho bule era tão velho, mas tão velho, que o rei nem sequer pediu os ossos em ferro de Seis-Rebites para os reciclar.

— Mas o funeral já foi?

— Foi ontem. Vieram os amigos dele do Bairroavapor e cantaram com aquelas vozes esquisitas, na língua-máquina deles. Apesar de Seis-Rebites querer ser enterrado aqui e não no Bairroavapor, eles vieram na mesma.

— Eles viriam de qualquer forma — disse o velho homem. — Os vaporomens nunca se esquecem dos seus semelhantes. Agora desaparece da minha vista.

Smike saiu disparado pelo beco abaixo mas depois estacou, fulminado por um pensamento que lhe tinha atravessado o espírito. O interesse do velho bode no cadáver de Seis-Rebites: o velho devia ser um profanador de sepulturas! Os mecanomânticos de Ferromédio tinham o hábito de fazer incursões às sepulturas e aos cadáveres dos membros da raça dos vaporomens, em busca dos segredos de arquitetura que se escondiam nos seus cristais enferrujados e nas rodas de engrenagem em plena decadência. Seis-Rebites era tão antigo e obsoleto que os cidadãos de Dwerrihouse Street tinham achado seguro honrar a última vontade do vaporomem, enterrando-o lado a lado com o resto do povo no cemitério ao longo da estrada. No entanto, este velho invisual devia estar desesperado ou a atravessar um momento complicado. Não admirava que andasse por ali a passear àquelas horas, numa das zonas menos saudáveis da capital; o que ele andava a fazer era a tratar dos seus negócios sujos.

Smike espreitou por trás da esquina e viu a silhueta avançar em direção ao cemitério. Uma névoa disseminava-se por entre as ruas pavimentadas: o miasma da indústria, formado por uma corrente de fábri-

cas, oficinas e manufaturas. O demónio cego tinha uma lata dos diabos, lá isso é que tinha. Seis-Rebites era um dos deles. Diziam que o vaporomem tinha chegado a assistir à algazarra de ferro e às baforadas dos tiros de pólvora no tempo em que os homens da guarda monárquica e o exército do novo modelo tinham combatido nas ruas de Ferromédio, durante a guerra civil que ocorrera há seiscentos anos. Gerações após gerações de crianças tinham surgido e desaparecido de Dwerrihouse Street enquanto Seis-Rebites ia deambulando pelas travessas de Rottonbow. Quem é que aquele lobo cego julgava ser para aparecer assim do nada e desenterrá-lo da terra só para levar algumas peças do corpo do vaporomem para recordação? Smike ponderou gritar pelos nomes de alguns comparsas, mas o gatuno astuto podia ouvi-lo e desaparecer na noite, voltando mais tarde à carga, quando não houvesse ninguém por perto. Mais valia espia-lo e aguardar, apanhá-lo em flagrante, e só então dar o sinal de alarme.

Smike avançou em pezinhos de lã através dos velhos barracões, com os pés descalços e mudos no gelo das pedras enevoadas e frias. Junto aos portões do cemitério (nos quais duas enguias circunistas esculpidas sob a forma de rodas consumiam as suas próprias caudas), Smike ouviu vozes a sussurrarem. Depois de esfregar os olhos, procurou o espaço em que Seis-Rebites tinha sido enterrado, onde foi encontrar duas sombras a escavarem. No entanto, nenhuma deles pertencia ao velhote. Para começar, eram demasiado grandes, e além disso as suas vozes pareciam-lhe conhecidas.

Smike deslizou para o interior do cemitério, aproveitando-se das sombras das sepulturas para se aproximar de forma discreta. Pouco depois, ouviu o ruído próprio de um pedaço de terra dura a ser atirada para o lado e um grunhido de alguém a praguejar em voz baixa.

— Já consegues ver o corpo?

— Tem de estar por aqui!

— Já estou a ver a cabeça. O resto está perto. Continua a escavar, mas agora com muito cuidado para não partires nada.

— Partir? Só se for as minhas cruces, amigo, só as minhas cruces. Isto aqui que nós estamos a escavar não é argila, sabes?

Os olhos de Smike cerraram-se. Não admirava que as vozes lhe parecessem conhecidas. Eram dois dos proxenetas da Gibão-Felina, uns rufiões que trabalhavam para a quadrilha-relâmpago, e, ainda por cima, não para um gangue qualquer. A Gibão-Felina era a rainha do submundo de Ferromédio. Diziam que ela tinha os guardiães e metade da polícia numa mão, e os magistrados, juízes capitais e demais funcionários judiciais na outra. Smike não sabia o nome deste par, mas era costume cruzar-se com eles

durante o dia no bairro, quando andavam a extorquir dinheiro aos donos das lojas com insinuações nada subtis acerca do destino de outros estabelecimentos que se tinham recusado a entregar o dinheiro para “incêndios e incidentes”.

Estava Smike a perguntar-se por onde andaria o velho caçador quando alguém surgiu da névoa erguida nas costas dos mafiosos.

— Boa-noite, cavalheiros. Uma noite fria, diga-se de passagem.

Sobressaltados, os rufias rodaram sobre si mesmos, um deles com uma espada erguida como um machado, e o outro deixando cair a sacola e puxando de uma pistola do bolso do casaco.

— Não é da polícia.

— Claro que não é um esmagador; nem sequer consegue ver! Não vê a bengala?

— Desaparece, cegueta — disse o que apontava a pistola na sua direção. — Este cadáver é nosso.

— Tenho a certeza que esse corpo pertence a Seis-Rebites — respondeu o vagabundo idoso. — Além disso, qual é a utilidade que vocês poderão dar a um cadáver do povo do metal, agora que a sua alma ancestral avançou para o grande padrão?

O homem armado com a espada puxou de um punhal com um aspeto bastante pérfido.

— Vamos mas é calá-lo antes que metade de Rottonbow se levante da cama e nos venha cair em cima.

O homem da espada saltou por cima da cova aberta, mas o velho gatuno já se tinha entretanto desviado do lugar em que se encontrava, movendo-se mais depressa do que qualquer ser vivo poderia normalmente fazê-lo. O movimento do rufia saltador não se interrompeu; a parte de cima do seu corpo foi embater numa lápide, ao passo que as suas pernas cortadas ficaram suspensas da cova aberta. O seu colega tentou ainda disparar a pistola, mas não lhe levou muito tempo a aperceber-se de que na verdade sustinha agora apenas o punho da arma, uma vez que a outra metade com os cartuchos de cristal na câmara fora igualmente cortada, indo cair na terra suja.

O velhote tinha as suas pernas em posição de combate e estava munido de uma espada em prata que bramava pelo ar, dando forma a um padrão semelhante à escrita de alguém na névoa, até que a devolveu de forma graciosa à bainha camuflada na bengala.

Smike estava prestes a fugir dali — tudo aquilo se tinha tornado um tanto ou quanto sofisticado para os seus gostos simples — quando pisou uma rama. O estalar da madeira soou como um disparo de canhão, mesmo para os seus ouvidos. O cego girou ligeiramente a cabeça, avaliando o po-

tencial daquela ameaça, e decidiu ignorá-la; depois, colocou a ponta da sua bengala imediatamente diante da cara do rufião vivo.

— O que é que a Gibão-Felina deseja fazer com as componentes antigas dos cadáveres dos vaporomens?

Em lugar de uma resposta, o brutamontes aterrorizado virou-se e correu o mais rápido que pôde ao longo do cemitério.

— Não tem importância — disse o velhote, mantendo-se alerta. — De todas as formas, duvido que soubesses grande coisa. Aquilo que os da tua espécie melhor sabem fazer é partir os dedos daqueles que se atrevem a meter o nariz numa das tuas extorsões.

Depois, e falando para o ar:

— É porque é que tu não sais daí de trás? Gostava de te agradecer por todo o auxílio que me prestaste.

— Estava só a guardar-me de reserva, avozinho — disse Smike. — É sempre bom ter alguém a vigiar as nossas costas. Parece-me que te safaste mais do que bem com aqueles dois.

— Para um cego, queres tu dizer?

— Boa piada — disse Smike. — Tu não és mesmo cego, pois não? Isso é só um stratagema para fazeres com que as pessoas te subestimem. Seja como for, imitas bem, com esse bater todo que fazes com a bengala no chão e tudo. Só de te ver assim a passar, nunca ia imaginar.

— Creio ter já respondido a essa tua pergunta há coisa de um minuto atrás, mas parece que a ti ninguém te engana, jovem companheiro.

— Conhecias o Seis-Rebites, avozinho? Estavas a protegê-lo como um velho amigo?

— É algo assim desse género.

Smike apontou para a cova aberta, na direção dos despojos do vaporomem agora acompanhados pelas duas metades do corpo do ladrão morto.

— Nesse caso, o que é que os tipos da quadrilha-relâmpago queriam do cadáver de Seis-Rebites?

— Estava na expectativa que tu soubesses responder a essa pergunta. Smike abanou a cabeça.

— Eu não, pá.

— Que lástima. Bem, eu tenho as minhas suspeitas, mas não são para serem partilhadas.

O velhote recolheu a sacola deixada para trás pelo criminoso, trepou para a sepultura e começou a enchê-la com as componentes ferrugentas do vaporomem sepultado. Quando terminou a sua tarefa, trepou para a superfície e entregou a sacola a Smike.

Este olhou para ela com um ar pouco satisfeito.

— O que é que tu queres que eu faça com isto?

— Tenho a certeza de que não estás completamente por fora das formas de esconder ganhos obtidos por vias ilícitas — respondeu o velho, puxando de duas libras. — Uma destas é para esconderes as componentes de Seis-Rebites em algum lado onde a quadrilha-relâmpago não possa meter as mãos. Peço-te que tenhas a decência de não atirares a sacola para o rio, o Seis-Rebites não merece uma desfaçatez dessas, e se fosse esse o meu desejo, podia encarregar-me pessoalmente de o atirar ao Apostamisa e poupar-me a despesa de um soberano.

— E a outra?

— É para lebares uma mensagem a alguém que pode ajudar-nos a esclarecer esta embrulhada. Tens de lhes contar tudo aquilo que viste esta noite, assim como deves decorar aquilo que eu te vou dizer.

Smike ouviu atentamente aquilo que o velhote tinha para lhe dizer. Aquelas duas libras brilhantes eram mais do que ele normalmente conseguia roubar num par de meses.

Quando o velhote terminou de lhe transmitir a mensagem e de responder a todas as perguntas de Smike, o rapaz concluiu o inquérito com a pergunta mais óbvia:

— E como é que tu sabes que eu não enfio as tuas moedas ao bolso e desapareço?

— Primeiro, porque eu arranjo maneira de te encontrar para te lembrar de um negócio mal terminado. Segundo, porque quando eu regressar dos meus assuntos, ofereço-te outra moeda para conviver com essas duas que já te vão aquecendo os bolsos.

— Mas se tu nem sequer sabes onde eu vivo... — começou Smike.

O bode velho bateu na asa do seu nariz.

— Com esse fedor a erva-murmurejante barata? Podes estar certo de que eu descubro os teus aposentos, mesmo se te *transferires* para outro lado. Seja como for, terás de ser paciente para receberes a tua terceira moeda. É possível que eu me ausente por algum tempo, uma vez que os meus assuntos poderão forçar-me a ausentar-me da capital.

Smike aguardou que o velhote cego desaparecesse por completo no meio da neblina e que o ressoar da sua bengala nas pedras lapidares desse lugar ao silêncio, e só então reuniu a coragem necessária para morder os soberanos em prata. As moedas eram mais do que verdadeiras. Smike contemplou as duas metades do sicário da Gibão-Felina espalhadas ao longo da sepultura aberta pelo próprio. Estava na hora de desandar dali para fora, não fossem as facas da senhora do crime reaparecer em força.

As moedas afundaram-se novamente no bolso do larápio, e ele colocou a sacola ao ombro.

— *Vais entregar esta mensagem por mim, rapaz. Vais esconder Seis-Rebites por mim, rapaz.* Mas quem é que ele pensa que eu sou, um maldito carteiro ou um coveiro, não?

Porém, era exatamente isso que Smike iria fazer, por uma questão de medo... e também pela perspectiva de mais uma libra em prata.

A professora Amélia Harsh assentiu educadamente para o vaporomem que empurrava um rolo-amassador ao longo do relvado, e o pequeno duende em ferro com um único olho telescópico devolveu-lhe o aceno. O servo não era suficientemente inteligente para entrar em diálogo direto com Amélia, mas não deixava de passar a informação da sua chegada à consciência central que o controlava.

Amélia avançou ao longo do caminho de gravilha e ergueu os olhos para a torre, dominada por um enorme relógio na sua parte superior. A Casa de Tock apresentava já poucos ou nenhuns indícios dos estragos decorrentes da batalha, mas a verdade é que tinha ficado num estado calamitoso após a invasão de Ferromédio. Fora atacada, incendiada, e por fim ocupada e saqueada pelos turnianos. Amélia sabia a sorte que tivera por se encontrar nos terrenos do condado de Stainfolk aquando da captura da capital de Laborterra pela terrível Terceira Brigada de Quatérturno; porém, contava por amigos todos os habitantes da casa, e infelizmente um deles acabou por não ter tanta sorte como ela. Amélia auxiliou os proprietários da Casa de Tock durante as buscas pelo corpo de Silas Nickleby na subcidade, mas nunca mais ninguém conseguiu encontrar o que quer que fosse dos seus restos mortais para enterrar no pomar.

A porta da casa abriu-se antes ainda de Amélia chegar ao par de leões que flanqueavam as escadas de acesso à torre, revelando-lhe uma jovem de cabelos da cor do fogo à sua espera para a receber. Amélia esticou a sua mão excessivamente grande para a palma pálida e esquelética vinda ao seu encontro.

— Há quanto tempo, professora Harsh. Soube que perdeu o seu lugar na universidade, mas também não estava em sua casa quando mandei chamá-la.

— Tenho andado de um lado para o outro, miúda, sabes como eu sou. Onde é que ouviste esse mexerico obscuro?

— Foi um amigo mútuo que me contou — revelou Molly Templar. — Um amigo que trabalha nas salas dos motores do Salão Verde.

— Binchy? Essa toupeira? O que mais me surpreende é que, depois do que lhe aconteceu durante a invasão, ele continue a falar contigo.

Molly encolheu os ombros e conduziu Amélia até ao *hall* acolhedor da Casa de Tock.

— Uma vez afia-cartões, para sempre afia-cartões. Ele não tem nada melhor para fazer com o seu tempo do que pôr os cartões de perfuração em funcionamento nos tambores dos motores do Salão Verde. O mais certo é ele ter relatórios acerca de todos nós. Precisa de dinheiro para financiar o seu trabalho, professora?

— O meu tipo de trabalho precisa sempre de dinheiro, miúda, mas não do de pessoas como tu.

— A professora salvou-me a vida, e quaisquer que sejam os problemas que eu tenho agora, garanto-lhe que o dinheiro não é um deles.

— Já calculava que não — disse Amélia. — Tal como o resto de Laborterra, também li o teu romance.

— Queria apenas que soubesse que a oferta fica em aberto — disse Molly.

— “Se precisas de dinheiro, pede-o aos teus inimigos, nunca aos teus amigos e família.” É um velho provérbio quimecano. Não, vim para falar com o velho lobo-do-mar. Ele está por aí?

Molly levou-a até ao princípio de uma grande escadaria.

— O Comodoro está lá em cima com Aliquot Lagartas-de-Cobre. Tem estado a dar uma mão ao velho bule na sua obsessão mais recente.

Amélia assentiu. Os entusiasmos do génio vaporomem que partilhava os aposentos da Casa de Tock com Molly e o Comodoro nunca recebiam menos do que um empenho total da parte dele. O laboratório de Lagartas-de-Cobre estava montado ao lado do mecanismo do relógio, no topo da torre. Por vezes, não era fácil distinguir onde começavam as rodas de engrenagem e as respetivas componentes da casa do relógio e onde terminava a neblina química caótica, giratória e sinuosa das pesquisas do vaporomem. Aliquot Lagartas-de-Cobre deslizou ao longo do chão com o seu crânio transparente incendiado pela efervescência de diversas energias mentais; os servos — os mu-corpos da sua consciência expandida — chilreavam em redor do seu amo vaporomem, seguidos de muito perto pelo Comodoro Black. Em vez do habitual conjunto de colete e casaco, o Comodoro trazia sobre o corpo um avental manchado de óleo. O homem de dimensões semelhantes às de um urso cambaleava sob o peso de um caixote de maquinaria.

— Ah, Aliquot, isto não é trabalho para um pobre diabo como eu! Mais uma caixa para carregar até aos bosques.

— Estimado mamífero — respondeu Lagartas-de-Cobre, — quanto mais depressa transferirmos esse material para os bosques, mais rapidamente vamos poder começar a trabalhar na fase seguinte do nosso projeto.

O Comodoro viu Amélia junto de Molly e avançou pesadamente na direção das duas.

— Professora Harsh! Vieste oferecer-nos a força dos teus braços abençoadamente musculados? O Lagartas-de-Cobre pôs-nos a todos a construir um templo de loucos em honra do seu génio no pomar! A maior parte dos habitantes de Ferromédio dar-se-ia por satisfeita a cultivar maçãs e peras nos seus terrenos, mas nós temos de trabalhar numa maldita torre para ele.

— Amélia corpomacio — implorou o vaporomem. — Enquanto colega do conhecimento, peço-lhe que incuta algum espírito de iniciativa no nosso amigo recalcitrante. Estamos a montar um dispositivo para detetar vibrações ao longo do éter. Acredito que existem inteligências nas esferas celestiais vizinhas do nosso mundo, e é bastante possível que elas desejem comunicar connosco. Isto, claro, se houver um dispositivo adequado para comunicar com elas.

Amélia desviou-se para permitir a passagem de um par de duendes metálicos de Lagartas-de-Cobre, que saíram da câmara do relógio com um carregamento de cabos.

— Vibrações ao longo do éter? Não estou lá muito segura disso, Aliquot. Parece-me que tem andado a encarar a nova moda dos romances de Molly demasiado a sério.

— Muito bem dito, cachopa — disse o Comodoro, pousando a sua carga. — Abençoada seja a voz da razão, por fim. Quando Aliquot começou a gastar as nossas últimas poupanças nisto, eu disse logo que este projeto não servia senão para um enredo de ficção celestial.

Amélia recolheu a carga pousada no chão.

— Eu levo-lhe isto para o vosso pomar, Jared. Entretanto ouça o que eu tenho para lhe dizer, e depois vai dizer-me se eu ainda lhe pareço a voz da razão...

— Gelileão — murmurou o Comodoro na sombra imponente de uma torre de ferro e vidro. — Amélia, cachopa, não pode ser. Nunca ninguém se atreveu a aventurar-se tão longe no Elobscurela.

— Mas o rio tem profundidade suficiente — argumentou Amélia. — É como se fosse um mar interior ao longo de grande parte das ramificações da selva.

— É possível que o teu rio seja suficientemente profundo — disse Black, coçando nervosamente a sua barba escura e densa. — Mas há uma razão que é mais do que suficiente para explicar porque é que nenhum submarino ou embarcação de superfície avança para leste do entreposto comercial da Confluência de Rapalaw. Há coisas à espreita na selva e no rio, criaturas que fazem com que as bestas mais terríveis com que alguma vez me deparei nos oceanos mais pareçam uma travessa de sardinhas.

— Está muito dinheiro em jogo para montar uma expedição destas, Comodoro.

O Comodoro bateu com os dedos na torre improvisada que se erguia já no pomar da Casa de Tock.

— Podes deixar esses guinéus sobre a minha sepultura, cachopa. Eu vou ficar aqui, a ajudar o Lagartas-de-Cobre a construir a sua torre demencial para mandar mensagens para os anjos. Da última vez que te dei ouvidos, acabámos os dois escoraçados das pampas de Kikkosico por aqueles demónios das legiões do deus-imperador ao mesmo tempo que tentávamos evitar o exército dos rebeldes. Só já me faltam mais alguns anos para descansar os meus ossos mortais. Uma refeição saborosa e revigorante acompanhada de uma garrafa de vinho morno antes de ir dormir é excitação mais do que suficiente para mim.

— Dê-me pelo menos um dia para o fazer mudar de ideias, seu velho lobo-do-mar — disse Amélia. — Deve-me pelo menos isso.

— Eu dou-te o teu dia — disse o Comodoro Black. — Mas bem podias levar um ano inteiro, cachopa. A decisão do Blacky está tomada e não se vai alterar, não no que toca a pôr o meu pescoço no cepo por causa de mais umas quantas aventuras tresloucadas.

Amélia sorriu e do casaco puxou dois cartões de perfuração de aspeto elegante.

— E o que é que vêm a ser esses dois cartões, professora?

— Bilhetes de embarque para o dirigível que vai partir do Campo de Maydon — disse Amélia. — Vamos fazer uma pequena excursão até Cabeçadespuma!

O porto de Cabeçadespuma era um local especialmente movimentado por causa da atividade comercial que se desenvolvia nas suas águas, como de resto seria de esperar no maior porto da Costa Oeste de Laborterra. A sua vista transmitia um certo conforto familiar. O Comodoro Black observava as velas do veleiro a serem içadas de maneira a evitarem os vapores desajeitados a caminho das colónias. Algumas das naus mais amplas avançavam com escolta: a sombra escura dos aeróstatos da RMA abatia-se sobre as ondas, ao mesmo tempo que a marinha aérea acompanhava a saída dos seus navios de mercadorias ao longo da rota dos piratas à espreita nos estreitos de Adelfi. O olho experiente de Black detetou o rasto branco das embarcações subaquáticas que passavam sob as torres de pedra Martello, encarregadas de vigiarem as fortificações do porto. O velho lobo-do-mar suspirou ao avistar a vinda à tona de um submarino junto de uma frota de cargueiros irregulares, umas coisas de triplo casco com um aspeto horrível,

concebidas para contornarem as Ebulições Garurianas e os trechos mais perigosos do Mar de Fogo.

O Comodoro olhou na direção de Amélia, cujos bolsos se encontravam extraordinariamente repletos de notas destinadas a serem gastas em dois ancoradouros na costa para dirigíveis. As suas inquietações e suspeitas tinham-se apaziguado.

— Conheço uma taberna fantástica aqui perto, cachopa, caso nos tenhas trazido até aqui para alimentar e hidratar o pobre e velho Blacky numa tentativa de o convenceres a entrar nos teus projetos arriscados. Seja como for, volto a avisar-te que será necessário mais do que o cheiro da água salgada do porto para me fazer voltar a ir procurar as minhas bússolas!

— O almoço vai ter de ficar para mais tarde, Jared — disse Amélia, — quer aceite ser o capitão do meu navio ou não.

— Pareces-me abençoadamente confiante, professora.

Ela levou-o a dar uma volta pela cidade, percorrendo os cais cobertos de redes de secagem de peixe e passando por diante dos vendedores que transportavam carroças de comida e mantimentos para venderem aos esquifes ancorados no porto. Um edifício de grandes dimensões tinha sido construído na falésia do lado oposto, e uma silhueta envolvida numa capa de veludo carmesim aguardava por eles junto aos portões em ferro da entrada.

— Amélia, Comodoro Black — cumprimentou o homem. — Não creio ter tido ainda o privilégio de o conhecer.

O velho lobo-do-mar estacou sobressaltado, percebendo de imediato quem tinha diante dos olhos. Aquele admirável perfil era-lhe familiar de muitas e muitas ilustrações das folhas dos jornais da capital.

— Abraão Quest! Agora percebo porque é que os bolsos da professora ficaram tão recheados de *pennies* tilintantes de um momento para o outro! Que lugar é este, homem, e qual é a sua parte neste projeto de loucos de Amélia, que pretende navegar até às zonas não cartografadas de Gelileão?

— Esta é a baía dos submarinos de Cabeçadespuma — disse Quest. — Dos submarinos da Casa de Quest, para ser mais preciso. Amélia convenceu-me de que o senhor estava bastante familiarizado com eles.

— Bah — disse o Comodoro. — Um capitão independente atraca à superfície e é pago ao dia de trabalho para raspar os perceves incrustados no casco, não é como os seus macacos lubrificadores que se fazem pagar a peso de ouro. Está aqui para me oferecer grandes somas de dinheiro, Abraão Quest, para me pagar para que eu suba o Elobscurela? É uma viagem apenas de ida, lá isso posso eu garantir-lhe.

— Sim — confirmou Quest. — Na verdade, parti do princípio que

o senhor teria ainda grande parte do tesouro do *Pavão Caçador* esquecido nos confins das casas de contabilidade da capital, o que faria com que qualquer estímulo financeiro que eu pudesse apresentar-lhe para aceitar a minha proposta lhe parecesse pouco atrativo.

O Comodoro e Amélia seguiram Quest ao longo das passagens esculpadas na pedra da baía dos submarinos até uma câmara iluminada por várias lanternas a gás. O fulgor das lâmpadas de cabeça tripla iluminava as docas secas e a baía por igual. Sequências inteiras de navos estavam a ser trabalhadas e reparadas por operários de aspeto robusto e protegidos por aventais de cabedal.

— Tem andado a ler coisas sobre mim — disse o Comodoro. — A verdade é que deve ser necessária uma mente mortalmente sagaz para manter toda esta indústria a funcionar como deve ser.

Quest pareceu satisfeito pela lisonja, mesmo se, dono como era de tantas riquezas, estivesse seguramente mais do que habituado a frases daquele género.

— Sagaz o suficiente para reparar nas discrepâncias do seu registo de cidadão, Comodoro. No entanto, a nossa professora está convencida de que o senhor é o capitão indicado para a nossa expedição, e eu acabei por passar a confiar nas apreciações dela no que toca a assuntos desta natureza.

Quest conduziu-os até uma divisão lateral, separada dos outros compartimentos, e puxou uma corrente de forma a que as lanternas se acendessem com um silvo na rocha esculpida.

— Círculo misericordioso! — exclamou o Comodoro Black, que por pouco não se engasgou. — Você encontrou-a!

A mão de Quest passou sobre o casco negro do submarino que ocupava aquele espaço, dotado de duas torres construídas na proa da sua estrutura longilínea.

— Está bem bonito, não está? *Agora*, porque não era bem assim que se encontrava quando demos com ele, acostado e destroçado na costa da Isla Desafogada, em pleno Mar de Fogo. Duvido que alguma vez se tenha levado a cabo uma operação de resgate mais difícil e perigosa, mas Amélia fez finca-pé nisso, e ainda hoje não sei porquê. Podia ter escolhido qualquer um dos meus barcos submarinos construídos nas minhas fábricas... Material mais moderno.

— A *Fada do Lago*! — disse o Comodoro, limpando as lágrimas que lhe escorriam pelas bochechas. — Oh, minha beleza, minha menina maravilhosa! Pensava que tinhas morrido do outro lado do mundo!

— Tendo em conta as leis de resgate, parece-me que terá de concluir que se trata agora da *minha* beleza — disse Quest. — E acredite em mim

quando lhe digo que estava morta. Só com o dinheiro que gastei nas reparações e reestruturações desta maldita embarcação, podia ter comprado barcos novos para metade dos mercadores livres desde Cabeçadespuma até Cem Cadeados.

— Reestruturações! — exclamou o Comodoro, sentindo-se ultrajado. — A *Fada do Lago* é um clássico. Se lhe extorqui a sua alma, garanto-lhe que vai precisar de mais do que os braços de Amélia para me tirar de cima do seu pérfido cadáver.

Quest rejeitou os protestos do submarinista com um aceno.

— Eu apenas contrato os melhores, senhor. O engenheiro que chamámos para fazer este trabalho chama-se Robert Fulton. Suponho que estará familiarizado com o trabalho dele?

— Fulton? Claro que o conheço; estou a reconhecer a mão dele nas linhas do casco, na área em que a fenda foi consertada... Estes traços pertencem a Fulton. O velho Bob, nem mais nem menos. Se alguma vez houve homem capaz de fazer justiça à minha miúda...

— Fulton parecia nutrir o mesmo género de sentimentos relativamente ao submarino que o senhor, Comodoro — disse Quest. — Ele estabeleceu a sua idade em quase seiscentos anos. O último dos navios de guerra monárquicos foi seu contemporâneo, um sorve-mares da classe *Rainha Belinda*. Concebido para viajar a trinta nós com sessenta torpedos. Se dependesse de mim, creio que me sentiria tentado a fazer dele a próxima atração da ala marítima do Museu de Ferromédio.

O Comodoro Black apontou para um bolbo esférico colocado diante das duas torres.

— Pelo lorde Tridentescama, o que é aquele carbúnculo?

— Uma batisfera. Fomos nós que a acrescentámos, assim como o novo anel de atracagem — disse Quest.

Depois, olhou para Amélia.

— Não lhe explicou qual é a utilidade do submarino?

— Acabo de explicar a expedição de Gelileão a Jared — disse Amélia. — Pareceu-me um bocadinho supérfluo mencionar a arqueologia subaquática no final da viagem.

— Maldito seja eu — chiou Black. — Não estás a pensar levar a minha beleza por aquele rio infernal acima, Amélia? Diz-me que não é verdade. Mas não terá a *Fada* passado já mais do que o suficiente? Fervida sobre as águas do Mar de Fogo, atacada pelos foragidos de Porto Príncipe, perseguida pelos navios de guerra do Sagrado Império de Kikkosico... Não podes fazê-la passar por mais esta prova!

— Receio bem que possamos, sim, Comodoro — disse Amélia. — É por isso que eu quero que seja você o nosso capitão nesta expedição.

— Autorizo-o a seguir como comandante da *Fada do Lago*, e ofereço-lhe a embarcação caso a faça regressar sã e salva do Lago Ataa Naa Nyongmo — disse Quest. — Ou isso, ou então nomeio um capitão dos meus sorve-mares para subir o Elobscurela com ela.

— Ah, seus maltrapilhos — gritou o Comodoro. — Ah, seu par de piratas! São então essas as alternativas que me dão? Condenado a perder o meu próprio barco, ou a conduzi-lo rumo à boca do próprio inferno?

— Você vai perceber melhor quando souber aquilo de que nós estamos à procura — disse Amélia. — Logo verá a diferença que poderá fazer para o povo de Laborterra.

— Que Laborterra seja amaldiçoada, cachopa! O que é que Laborterra alguma vez fez por mim, para além de alinhar os seus burocratas gananciosos do Salão Verde com a intenção de me surripiar o tesouro do *Pavão Caçador* e meter as mãos em cada uma das moedas que eu ganhei de forma limpa ao longo das minhas intrépidas aventuras?

Quest avançou até ao nariz da *Fada do Lago* e bateu no casco escuro por baixo da sombra do seu gurupés, que tinha a forma de uma guerreira a atirar uma lança na direção da parede da gruta.

— Tendo em conta todas as coisas, parece-me que Fulton fez um trabalho excepcional.

Black pareceu encolher diante deles.

— Maldito seja você e os seus olhos sagazes e pérfidos, Quest. Aceito a sua proposta, mas com uma condição: sou eu quem escolhe a minha tripulação.

— Nem eu estava à espera de outra coisa — respondeu Quest. — Amélia também tem carta-branca na escolha dos seus assistentes de expedição. Além disso, haverá também um complemento de marinheiros a bordo, bem armados para contornar qualquer dificuldade com que possam vir a deparar-se.

Black assentiu em sinal de aquiescência, virando a sua mirada para a belíssima embarcação. A *sua* embarcação. Inútil seria acrescentar que a presença dos marinheiros serviria também ao capcioso magnata industrial para se assegurar de que o Comodoro não alteraria a rota do *Fada*, orientando-o na direção do oceano.

As cabeças dos fregueses viraram-se quando aquela jovem tão elegante entrou na casa de gim. Ela não tinha nada em comum com os clientes habituais da taberna “Bacon do Bernal”, onde o provérbio “bêbedo por um *penny*, morto de bêbedo por dois” era a frase de ordem.

A jovem arranjou o chapéu e avançou até ao balcão por entre a tumultuosa multidão de cabouqueiros encarregados de renovarem o canal de

navegação da capital. O seu olhar desceu, não sem alguma repulsa à mistura, até à serradura que manchava as suas botas de cabedal cingidas à perna, subindo depois novamente para se deparar com a mirada neutra do dono da casa.

— Pequeno, médio ou grande? — perguntou ele, puxando dos três tamanhos de copos arrumados por baixo do balcão.

A cliente de aspeto pouco habitual fungou e abriu a palma da mão, pousando uma pequena flor arroxeadada sobre o balcão. Era uma torção-púrpura, a flor rara cujo pólen parecia ser tão do agrado dos feiticeiros que o inspiravam para propiciar o poder da canção-mundo latente nos seus corpos.

— Ah, certo, já percebi.

O homem levantou o tampo de passagem para o balcão, conduzindo-a até um salão das traseiras atulhado de pipas de gim. Depois de destrancar uma porta, fez-lhe sinal para que avançasse.

— Por aqui, damson.

— Aqui não há nada, amigo — protestou ela. — É isto o seu quintal das traseiras?

— Eu não preciso de saber o que se passa por aqui, damson — respondeu o dono da casa de gim. — Espere um minuto.

Ele fechou a porta, e a mulher lançou um olhar reprovador em seu redor. O tilintar de uma fábrica onde se fazia trabalho noturno chegava até ela por cima da barreira dos muros altos do quintal, e as sombras das torres das espeluncas de Ferromédio ocultavam os estilhaços de garrafas partidas e o lixo acumulado sobre a lama.

Um ruído palpitante fê-la virar-se. Sobre o muro estava agora um azorrague-pluma, imóvel e semelhante a uma estátua; as asas de lagarto do animal estavam fechadas. Logo atrás do azorrague-pluma encontrava-se Nick Bafo-de-Fornalha, com a sua máscara demoníaca a olhar acusadoramente para ela.

— Tem andado a fazer muitas perguntas por entre os refugiados — disse ele. — E tem andado à minha procura.

Ela notou que a máscara lhe alterava a voz, fazendo com que esta soasse inumana.

— Muitos desses refugiados devem-lhe a vida. Salvou-os da revolução, trouxe-os de Quatérturno para Laborterra.

— Existem dois tipos de pessoas que costumam vir até estas traseiras — disse Nick Bafo-de-Fornalha. — Uns são agentes quaterturnianos, e vêm com as suas armas de gás nos bolsos e os punhais escondidos nas botas. Os outros são os que precisam da minha ajuda.

— Eu não trago punhais nenhuns — soluçou a mulher, — e você é a minha última esperança. Gastei todo o meu dinheiro a tentar tirar o meu

pai de Quatérturno, mas os meus recursos foram-me roubados por traidores e gastos por charlatães.

— Fale-me da sua família.

— O meu pai chama-se Jules Robur, era membro da corte do Rei-Sol.

— Já ouvi falar desse nome. É um mecanomântico?

— Artífice — disse a mulher. — O maior de Quatérturno, talvez mesmo do mundo. Quando o Rei-Sol passava a guarda em revista, fazia-o num cavalo mecânico: tratava-se de um corcel prateado, concebido pelo meu pai. Quando os nossos exércitos se bateram contra os cavaleiros vaporemens na fronteira com o Estado Livre, foi sempre para o meu pai que o rei se virou em primeiro lugar para procurar formas de vencer o povo do metal.

— Sim — disse Nick Bafo-de-Fornalha. — Já me lembro. Robur concebeu automens de uma tal complexidade que se dizia que o próprio Rei-Vapor tinha curiosidade por conhecer os seus métodos de construção.

— As suas melhores criações tinham apenas uma falha — disse a mulher. — Estavam tão dotadas de vida que, quando se apercebiam de que tinham sido criadas apenas para serem escravas, enlouqueciam ou autodesativavam-se. Assim, ele não teve outro remédio senão fabricar outros de menor qualidade, abaixo das suas capacidades, de maneira a que os seus automens durassem mais tempo. Mas você parece bastante familiarizado com a minha terra?

A capa de Nick Bafo-de-Fornalha foi apanhada pelo vento frio que soprava nas traseiras, agitando-se como se fizesse parte do seu corpo.

— Já andei por lá, damson. Os meus olhos viram o que tem sido feito em nome do progresso e da revolução.

— Então você sabe — choramingou a mulher. — Sabe que eles têm o meu pai preso numa comunidade. Num *campo*. Você sabe o que se passa nesses sítios.

— Sei.

A voz deformada de Nick Bafo-de-Fornalha assobiou como se estivesse em sofrimento:

— O Primeiro Comité tem empurrado todos os aristocratas ainda vivos para os Colares de Gedeão montados nesses campos. Agora, uma pergunta: porque é que eu devia salvar o seu pai em detrimento de todos os milhares que trabalham e morrem por lá hoje em dia?

A mulher pareceu ter ficado surpreendida com aquela pergunta.

— Porque ele é um bom homem. Porque eu lhe estou a suplicar que o faça. Porque o Primeiro Comité o tem fechado lá e vai obrigá-lo a trabalhar em planos para armas de retaliação contra Laborterra para o resto dos seus dias. A sua fuga irá desferir um golpe profundo na revolução.

Nick Bafo-de-Fornalha saltava alternadamente entre um pé e o outro ao mesmo tempo que o seu corpo se contraía. A mulher parecia desconfortável com aquela sua silhueta desvairada. Pelo nome de tudo quanto era sagrado, como é que ela poderia confiar àquela criatura a missão de salvar a vida preciosa de Jules Robur? Mais parecia ter por diante um internado do asilo. No entanto, este louco parecia ser a única pessoa capaz de atravessar o muro das maldições que separava Quatérturno de Laborterra. Este lunático, que se movia por entre os terrenos devastados pela revolução como um fogo-fátuo, assassinava carlistas e membros do comité com total impunidade.

Ela abriu a mala e ofereceu-lhe um cartão branco, com uma caligrafia elegante incrustada num pedaço rígido de papel.

— Esta é a minha morada em Westcheap. Aceita a minha proposta?

Nick Bafo-de-Fornalha aceitou o cartão e cheirou-o com uns modos um pouco obscenos.

— A propriedade de uma senhora. Se o seu pai ainda estiver vivo, eu hei de encontrá-lo — disse ele, percorrendo o topo do muro e colocando-se ao lado do azorrague-pluma silencioso e imóvel.

— Os carlistas — disse a mulher. — Foram eles que mataram o Rei-Sol, que assassinaram a maior parte dos meus familiares e amigos, que roubaram as minhas terras e os meus bens, que baniram o culto do meu deus. Eles fizeram-me todas estas coisas. Mas *você*, porque é que os odeia?

— Eu não os odeio — disse Nick Bafo-de-Fornalha. — Mas hei de *destruí-los*.

O azorrague-pluma recolheu Nick Bafo-de-Fornalha nas suas asas e levantou voo numa espiral rumo à noite, deixando a jovem a sós com os seus medos; os seus medos, e o fedor do gim rançoso.

Capítulo Quatro

Quando disse que queria escolher a sua própria equipa — disse Amélia, — parti do princípio que iria fazer as coisas como é hábito e afixar um anúncio às portas das tabernas de Cabeçadespuma.

O Comodoro fez a sua bengala ressoar no teto do fiacre; ouviu-se um chocalhar dos cascos, e o cavalo deteve-se.

— Quero rodear-me de pessoas com quem já tenha trabalhado antes, cachopa, de sorve-mares que tenham alguma consciência daquilo que são os rios de Gelileão. Não me vou meter numa destas com as esponjas das tabernas dos portos de Laborterra. Nem com os domésticos cautelosos de Quest, já que falamos nisso.

O cocheiro saltou do seu lugar nas traseiras da carruagem e foi abrir-lhes a porta. Lá fora, os passeios do Parque da Mecha Dourada estavam ainda repletos de estroinas, apesar de ser (ou melhor, talvez precisamente por isso mesmo) já uma hora tardia. As mulheres serviam-se dos seus melhores xailes para se protegerem do ar frio de princípio de noite, ao passo que os seus acompanhantes davam forma a um mar de cartolas.

— Pensava que a maior parte dos membros da sua tripulação tinha desaparecido na Ilha Desafogada depois de a sua embarcação ter sido destruída.

— Não me fales desses terríveis tempos — implorou o Comodoro. — Não foi o Mar de Fogo nem as rochas em redor da ilha que acabaram com a minha maravilhosa rapaziada; foram as coisas daquela ilha, em conjunto com a febre que por pouco não me fez também a mim avançar ao longo do Círculo.

Amélia olhou em redor. Encontravam-se na ala ocidental dos jardins bem cuidados do Parque da Mecha Dourada, já perto dos covis de apostas que se estendiam ao longo de Tulkingshorn Road.

— O que é que você está a cozinhar, Jared? Os tempos em que eu

precisava de fazer apostas nos galos de combate para financiar as minhas investigações já lá vão.

— Sim, e agora aí estás, corada com o tilintar das moedas daquele jovem espertalhão nos bolsos — disse o Comodoro. — No entanto, hoje estamos aqui para assistir a um género de combate diferente.

Um chuvisco ligeiro começou a cair, fazendo com que os casais que passeavam pelas redondezas se apressassem a procurar um abrigo debaixo das árvores ou no interior dos pavilhões; os para-sóis abriram-se como um canteiro de flores. O Comodoro Black conduziu Amélia até uma porta situada junto a um corrimão, tomando a direção de um dos recintos intensamente iluminados. Um açambarcador enfiado numa gola de tufos em veludo encarnado a espreitar do seu uniforme deixou-os passar a ambos com um assentir de cabeça para o Comodoro. Lá dentro, um corredor estreito encaminhou-os até uma divisão mais alargada, onde três filas de assentos alinhados diante do ringue se encontravam ocupados por convidados e apostadores. Iluminado pelo óleo de combustão de deslizagudo barato, o topo do recinto circular estava circunscrito pelos bares e pelas barracas de comida.

Amélia teve de gritar para se fazer ouvir no meio do tumulto da multidão.

— Eu disse que ia ajudá-lo a encontrar uma tripulação, não um fazedor de apostas.

Um dos recintos estava temporariamente vazio, enquanto noutra um par de gatos selvagens das montanhas das terras altas rosnava e circulava, à volta um do outro, ignorando os gritos da multidão e as incitações dos donos. Num terceiro ringue, dois homens agachados, cada um deles a tentar erguer um peso maior do que o do seu adversário. Os halteres alinhavam-se diante deles num tamanho sucessivamente maior, e cada um dos músculos dos seus corpos murmurava um cântico, tentando sintonizar as linhas Ley da capital e acompanhar o ritmo da canção-mundo. Aquilo não passava de feitiçaria barata, uma vez que, caso algum dos concorrentes tivesse um talento realmente inato, teria entrado para a ordem dos cantores-mundo e vestido as vestes roxas.

Amélia seguiu o submarinista através de uns degraus que davam para um recinto vazio, forçando a passagem pelos laboreses que aguardavam com expectativa nas escadas. Sentada no extremo de uma das filas, uma caranguenarbiana pareceu reconhecer Jared Black. Os padrões impressos na sua armadura-escudo do seu clã resplandeciam num tom alaranjado por causa da luz artificial.

— Bela noite, não está? — perguntou o Comodoro.

— Que maré desafortunada é que o trouxe até aqui? — perguntou a

mulher caranguenarbiana, não se dando ao trabalho de esconder o tom de suspeita na sua voz.

— Mas será que um pobre homem já não pode sair à rua em busca de uma pequena distração noturna sem que os seus motivos sejam colocados em causa? — disse o Comodoro. — Se bem que, agora que falas nisso, me lembro de ter ouvido que vocês os dois tinham acabado aqui, na companhia de Gabriel.

No momento em que a caranguenarbiana lançou um olhar furioso para o Comodoro, Amélia apercebeu-se de que o homem baixote sentado a seu lado era cego.

— A natureza supersticiosa dos marinheiros é uma coisa terrivelmente mortal — disse Black para Amélia. — Segues a bordo de uma embarcação que se afunda por causa de um cardume de deslizados jovens e és um dos poucos que consegue um capacete de oxigénio para chegar à superfície. Quer dizer, seria de esperar que agradecesses às tuas estrelas por essa boa fortuna. Uma tripulação de submarino não pensa assim. Os sorve-mares temem pessoas deste género. Chamam-lhes Jonas. Evitam-nos, com medo que eles lancem um feitiço nas suas hélices ou uma maldição nos seus recicladores de ar.

— E tu deves saber mais de gerir embarcações azaradas do que qualquer outro, Jared Black — disse o homem cego.

— Não é assim tão azarada como isso — respondeu o Comodoro. — A minha bela *Fada do Lago* levou algumas amolgadelas, mas fez-me regressar a Laborterra são e salvo com o tesouro do *Pavão Caçador* no meu baú. Seja como for, eu perdoo-te por essa língua afiada. É que sabes, professora, Billy Snow é um dos melhores sonaristas que se podem encontrar deste lado da Costa Oeste. Com as suas velhas orelhas encostadas a qualquer trompeta de sonar marítimo, consegue dizer-te se o cardume que se encontra a nadar a uma légua de ti é de atuns ou de barracudas, assim como ouvir a canção de um deslizado e dizer-te se é uma vaca ou um boi.

— Isso serviu-nos de muito quando fomos atacados pelos deslizados — disse a mulher caranguenarbiana.

— Ah, mas se ao menos o teu último capitão de submarino tivesse decidido manter-se tranquilo em vez de os atacar estupidamente, terias fugido no melhor par de motores de expansão que existem debaixo de água, para já não falar nos quatro braços robustos de T'ricola, que mantêm a embarcação em funcionamento e os seus pistões a rodarem...

Dois corpos surgiram no meio da serradura do recinto e a multidão em redor deles rejubilou, fazendo com que as palavras do Comodoro se perdessem no meio daquela confusão.

— Damsons e cavalheiros — anunciou o apresentador, — façam as vossas apostas agora, antes de estes dois titãs do pugilismo se envolverem numa demonstração da nobre arte para vosso deleite, prazer, e se as estrelas da fortuna estiverem de feição, para vosso lucro!

— Ali está o terceiro membro do meu trio de sorve-mares — disse Black para Amélia.

— Tenho o prazer — continuou o apresentador, — ou melhor, a *honra* de vos apresentar Gabriel McCabe, o homem mais forte de Laborterra!

O foco do recinto abateu-se sobre a pele escura do gigante e este arrancou uma barra de ferro das mãos do apresentador, dobrando-a e atirando-a com aparato para o meio da serradura.

— E aquele tipo cabe dentro de um submarino? — perguntou Amélia.

— Cachopa, um imediato tem de estar preparado para rachar umas quantas cabeças ao mesmo tempo. Manter a ordem é uma questão essencial a bordo de um barco.

— ... e para enfrentar este colosso vindo de uma era lendária, temos o indivíduo mais perverso que alguma vez pisou este chão... Cratchit Mãos-de-Moca!

Amélia não antevia um desenlace muito prometedor para o amigo do Comodoro. O braço direito do segundo pugilista tinha sido modificado pelos mesmos feiticeiros de esquina que tinham criado os seus braços disformes. Quanto aos ossos da sua mão direita, surgiam inchados e reformulados ao jeito de uma bigorna maciça, tal como um instrumento de impacto contundente, com os músculos transformados numa montanha de carne coordenada. Como que querendo justificar a sua reputação, Cratchit Mãos-de-Moca não esperou que o apresentador anunciasse o princípio do combate, atacando Gabriel pelas costas numa altura em que o submarinista recebia ainda os aplausos do público. As mocas ossudas de Cratchit ressaltaram nas costas de McCabe, enviando-o pelos ares às cordas do ringue; depois, tentou derrubar o amigo do Comodoro atacando-lhe as pernas.

McCabe deslizou para o chão, fazendo uma tesoura ao seu adversário e projetando-o para a serradura do chão; depois, rodopiou e assestou de imediato um pontapé na cara de Cratchit. Os dois lutadores levantaram-se logo de seguida, rodando pesadamente um em redor do outro. McCabe podia até ser o homem mais forte de Laborterra, mas com um porte daqueles, seguramente que não era o mais rápido. Cratchit Mãos-de-Moca conseguiu atingir novamente o seu adversário, fazendo a sua mão-moca atingir o peito de McCabe como se estivesse a esmurrar o casco do submarino do comandante e voltando a castigar as costelas de McCabe; porém, o gigante agarrou-o com ambos os braços e levantou o feroz lutador do

chão. Cratchit Mãos-de-Moca foi depois balançado no ar, esbracejando descontroladamente.

Foi então que o gigante distinguiu o Comodoro Black sentado ao lado dos seus dois antigos companheiros; uma expressão estranha apoderou-se da sua cara. Servindo-se da perna direita como alavanca, McCabe atirou o seu adversário na direção do Comodoro. A multidão silenciou-se por um instante, testemunhando a forma como a professora Harsh conseguiu apanhar o lutador um segundo antes de ele cair diretamente em cima de Black.

— Belo trabalho — disse Cratchit, olhando para os braços de gorila de Amélia com um ar de admiração.

A professora lançou Cratchit Mãos-de-Moca novamente para o ringue, onde McCabe o apanhou e o fez dançar no ar, atirando-o depois para o chão e deixando-o inconsciente.

— A força triunfa sobre a manha e a perversidade! — gritou o apresentador, recuperando da estupefação um instante antes do resto do público. — É certo que com uma pequena ajuda da sua, eh... amiga sentada no público.

— Oh, não é fantástico? — disse Amélia. — Agora sou a meretriz de um lutador de ringue!

O Comodoro virou-se para Billy Snow e T'ricola.

— Muito bem, companheiros, está na hora de falarmos sobre a possibilidade de voltarem a ter o assobio de um belo filtro de gás nos ouvidos e de sentirem novamente o balançar do convés por baixo dos pés.

— Mas será que vocês perderam o juízo por completo?

Os olhos de Gabriel McCabe viajavam entre Billy Snow e T'ricola.

— Eu sempre soube que este velho bode iria acabar empalado num coral, mas agora vocês estão dispostos a juntar-se a ele?

— É uma embarcação — disse Billy Snow, — e um ancoradouro. Nenhuma dessas coisas tem aparecido com demasiada frequência no nosso caminho nestes últimos tempos.

— Tu não podes continuar a aguentar estas sovas indefinidamente — disse T'ricola. — Mais cedo ou mais tarde, algum tipo parecido com Cratchit vai deixar-te com uma mozza fatal no crânio.

— Mais vale o dinheiro do ringue do que *isto* — disse McCabe, olhando para Amélia e para o Comodoro. — Existe uma razão para que nenhuma embarcação de sorve-mares com dois dedos de testa se aventure a leste da Confluência de Rapalaw, e a razão é que isso é um suicídio.

— Nunca houve uma razão suficientemente boa para tentar fazê-lo como agora — disse Amélia. — Nós não somos negociantes de escravos

nem caçadores de caça grossa, e vamos limitar-nos a seguir o leito do rio Elobscurela. Não vamos tentar explorar o interior de Gelileão.

— Vai entrar em território daguixe, damson — disse McCabe. — Nem mesmo a Frota Leste da RMA se atreve a sobrevoar o território deles por causa do medo que tem de ser abatida pelos seus canhões de chamas. O coração daquele enxame funciona a seiva-pólvora e ferocidade, e eles têm o mesmo género de consideração pelos da nossa espécie que você demonstra por um carvalho que precisa de ser derrubado por causa da madeira.

— A nossa sorte pode ser invertida — insistiu Billy Snow. — Podemos livrar-nos desta maldição de chumbo que nos caiu em cima. Black e os seus amigos vão navegar em busca de um tesouro.

Gabriel McCabe passou a mão pelo restolho do seu escalpe, ainda suado depois da contenda com Cratchit Mãos-de-Moca.

— Jared Black regressou a Laborterra com o tesouro do *Pavão Caçador*. O que não trouxe com ele foi a sua última tripulação.

— Ah, cachopo, esse foi um golpe baixo. Eu tratava aqueles rapazes e aquelas raparigas como se fossem meus filhos — disse o Comodoro. — Foi um capricho mortalmente cruel do destino que fez com que eu sobrevivesse quando os seus corações corajosos pereceram naquela terrível ilha.

— E no entanto, é você que agora está instalado numa bela mansão de Ferromédio — disse McCabe, — ao passo que a *Fada do Lago* vai apodrecendo nos rochedos da sua última loucura juntamente com os ossos dos membros da sua tripulação.

— Isto não se trata de um capricho do Comodoro — esclareceu Amélia. — O *Fada do Lago* está ancorado numa doca seca em Cabeçades-puma, e a nossa expedição vai ser financiada pela Casa de Quest. Vamos para Gelileão aprovisionados com o melhor equipamento e a melhor força que o dinheiro dele pode comprar.

Aquela novidade pareceu apanhar McCabe de surpresa. Seguir o Comodoro era uma coisa; seguir a fonte de dinheiro mais inteligente de toda Laborterra, outra bem diferente.

— Certo — disse McCabe. — Digamos que nós os três aceitamos dar-lhe assistência, eu como imediato, Billy a tomar conta das comunicações e T'ricola na sala dos motores. Onde é que está a pensar encontrar os outros membros da tripulação suficientemente idiotas para vos seguirem? Com os assentamentos que têm sido estabelecidos nas colónias nestes últimos tempos, dificilmente existe um sorve-mares desempregado daqui até Nova Alban. O trabalho nos rios é perigoso durante a maior parte do tempo, e você está a falar de ir navegar nas águas do Elobscurela...

— Lembrei-me que talvez pudesse falar com Bull — disse o Comodoro.

— Com Bull?!

McCabe rugiu com uma gargalhada:

— Se for capaz de convencer Bull a embarcar consigo, aceito a sua proposta, Black, e sigo-o até aos aposentos do lorde Tridentescama, volto e todas as noites hei de tocar uma balada de embalar na sua cabina com a harpa de cavalo-marinho dele.

Amélia seguiu o Comodoro, que se preparava para abandonar o covil de apostas com a risada do imediato a ressoar ainda nas costas de ambos.

— Pensei que tínhamos combinado recrutar o resto da mão-de-obra na marinha mercante de Quest.

O Comodoro Black abanou a cabeça.

— McCabe tem razão. Precisamos de homens experimentados em rios profundos, cachopa, de uma tripulação de espírito combativo que esteja consciente daquilo que Gelileão representa, e não de uns transportadores de mercadoria tenros para quem perigo é sinónimo de uma tarte mal cozida numa casa de gim na Cidade dos Embarcadores.

— E você tem alguma ideia do lugar onde se pode encontrar esse tipo de experiência, Jared? — perguntou Amélia. — É que se sabe, os recrutadores de Quest não devem ter dado com ele.

— Isso é porque eles andaram a arrastar-se pelas tabernas de Cabeça-despuma e pelos refúgios onde se escondem os negociantes livres, cachopa, e esqueceram-se de ir procurar na Prisão de Bonegate!

Não havia grande coisa em comum entre Bonegate e as casas de retenção de devedores de Laborterra. Nesses lugares, os parentes desesperados podiam pelo menos assegurar alguns confortos básicos para os presidiários. Em Bonegate, o único consolo existente era a esperança de ser desterrado e escapar à queda rápida num dos alçapões do exterior com o barão ao pescoço. Dizia-se que os guardas faziam tanto dinheiro com a venda dos melhores lugares na praça em dias de enforcamento que chegavam ao cúmulo de subornar os juizes para que estes lhes assegurassem sempre novas fornadas de vítimas para dançarem a quadrilha de Bonegate.

Ao que parecia, o dinheiro de Quest também podia revelar-se bastante útil atrás das grades. O seu advogado de peruca empoeirada estava junto à porta, ao passo que Amélia e o Comodoro iam ouvindo o tilintar das correntes dos prisioneiros que se arrastavam no corredor externo, com o fedor forte da urina e dos corpos pouco ou nada asseados a fazer-se sentir até na sala de visitas.

— Será que tencionam manter-nos aqui à espera muito mais tempo? — perguntou Amélia.

— O tipo que viemos visitar está a cumprir uma sentença aquática —

disse o Comodoro. — Têm de o pescar dos tanques e tirar do capacete de imersão. Existem milhares de reclusos nesses tanques, e mesmo que cada um deles traga um número no fato, é mortalmente difícil distinguir aqueles caranguejos nos níveis das caves.

— Pela forma como fala, parece que também esteve perto de ser metido num deles.

— Estes pobres ossos? Nem pensar — disse o Comodoro. — Jamais viram nem verão este maldito lugar por dentro.

Amélia susteve a língua. Ela era uma das poucas pessoas em Laborterra que conhecia a verdadeira identidade do Comodoro. Tanto a Casa dos Guardiães como a sua polícia política estavam convencidas que o outrora duque rebelde e mal-afamado estava morto, mas se um dia chegassem a descobrir que ele ressuscitara na pele de Jared Black, os tanques de flutuação de Bonegate seriam o mínimo que o Comodoro poderia esperar.

— E este Bull Kammerlan tem a sua tripulação inteira fechada aqui? — perguntou Amélia.

— É esse o destino dos traficantes de escravos — refletiu o Comodoro, — pelo menos desde que os abolicionistas levaram a deles avante e a RMA colocou em prática a lei de supressão.

— O tráfico de escravos é um negócio repugnante. Não se pode confiar no tipo de escumalha das lagoas que ganha a vida em tráfico humano.

— O califa considera essa atividade mais do que legal — disse o Comodoro. — Só quando se é apanhado do lado errado do Mar Insípido é que essa lei se aplica, e embora eu não tenha qualquer apreço pessoal por esse tipo de tráfico ilegal, é para Bull e para os do género dele que nós temos de nos virar por causa do conhecimento que têm do rio obscuro, uma vez que ninguém mais navega pelas águas do Elobscurela em busca de lucro.

Um tilintar junto à porta assinalou a chegada do “convidado” de Bonegate. Bull Kammerlan avançou com passos pequenos e bamboleantes, por causa das correntes que lhe cingiam os tornozelos. O seu fato de imersão em borracha ainda pingava, encharcando as lajes, e um nariz branco e ossudo despontava da sua cara, da qual tinham já retirado o capacete de respiração.

Dois guardas com a farda negra dos esmagadores empurraram Kammerlan para diante, sentando-o num banco em frente a Amélia e Black e partindo logo de seguida. A única testemunha presente era agora o advogado silencioso de Quest.

— Não é bem a mesma coisa que mergulhar de um barco em Porto Príncipe, pois não? — perguntou o Comodoro.

Os olhos de Bull sentiam bastantes dificuldades em focar as silhuetas que tinham diante de si depois de tanto tempo imersos na escuridão do tanque de imersão, mas os seus ouvidos reconheceram imediatamente aquela voz.

— Ainda está vivo, seu velho bode miserável? Pensei que a gota entretanto já tivesse levado a melhor sobre si... A quantidade de sarilhos em que se deve ter metido só com os pingentes e joias do *Pavão Caçador* para pagar o beleguim!

O Comodoro bateu com a mão sobre a pança sustida pelo colete.

— Já vêes como estou com um aspeto abençoadamente bom, Bull.

— Tem cá uma lata, velho, para vir aqui visitar-me! Basta-me chamar os esmagadores e dizer-lhe quem você realmente é para eles o enfiarem num tanque comigo e o resto dos rapazes. Metem-no lá dentro num ápice.

— Bem, nada de precipitações — avisou o Comodoro. — Ainda fazes com que nos pendurem aos dois por monárquicos. Vamos mas é usar os nossos belos nomes novos neste lugar escuro.

— Você nunca esteve envolvido com a causa monárquica, Black — disse Bull em voz baixa, — apenas se sentou à mesa de pequeno-almoço com eles, nada mais. Era demasiado macio, e a frota-no-exílio foi queimada nas suas próprias docas pela RMA por causa de si e da fraqueza dos da sua espécie.

— Ah, Bull, vamos mas é esquecer as velhas políticas e os nossos ressentimentos com a Casa dos Guardiães, uma vez que o parlamento ainda te mantém a ti e aos teus rapazes nas suas celas, mesmo que seja por tráfico de escravos e não por pirataria e sedição. Além disso, tenho uma coisa para te propor, a ti e aos teus rapazes, que pode fazer com que todos vocês voltem a ver novamente a luz do dia.

— E como é que pretende conseguir uma coisa dessas? — perguntou Bull. — Acabou de ser eleito Primeiro Guardião, gorducho? Ou é aqui a covinhas que foi nomeada Chefe de Justiça?

Amélia inclinou-se para a frente.

— Aqui a covinhas acha que o melhor é voltar a deitar-te para o tanque por não passares de um traficante nojento, marujo.

Bull riu-se.

— Oh, esta não está nada mal! Sempre teve queda para elas apimentadas, Black. As minhas excursõezinhas ao longo do Elobscurela serviam apenas para eu pagar as minhas contas, rapariga, e na verdade o que eu estava era a fazer-lhes um favor. Porque é que achas que os caranguenarbianos trazem aquela carapaça de caranguejo às costas? Comparando com a vida infernal que levam no buraco negro da selva de Gelileão, fazer parte de

uma coluna de escravos numa licitação cassarabiana é uma coisa altamente recomendável.

O Comodoro puxou Amélia para trás antes de esta ter oportunidade de derrubar o prisioneiro do seu banco, olhando diretamente para a pupila dos olhos de Bull.

— É uma pena mortal que o dirigível laborês que te apanhou no terreno com os teus barcos carregados de desafortunada carne caranguenar-biana não tivesse pensado o mesmo, não é?

— Que se lixe Laborterra — praguejou Bull, — e que se lixe você também, velhadas. Nós fizemos o que tínhamos de fazer para sobrevivermos. Você tornou-se autóctone, Black, esqueceu a nossa causa. Foi comprado por lençóis macios e fiambres adocicados, e passou a pagar os seus impostos ao parlamento como um merceeiro bonzinho e anafado.

Amélia virou-se para o funcionário de Quest junto à porta.

— Tragam-lhe o capacete e metam-no novamente na água. O assunto está arrumado.

— Esperem lá, bolas! — gritou Bull. — Eu não disse que não vos ajudava.

— Assim é que é — disse o Comodoro. — Quando te lembras da tua equipa a flutuar a teu lado no tanque, comesas a pensar como o capitão que eras, e não como o homem em que te tornaste. A nossa oferta é esta: tu e a tua equipa vão fazer parte da minha tripulação numa pequena incursão rio acima até Gelileão, cachopo. Eu arranjo maneira de transformar as vossas penas em deportação nominal, não para as colónias, mas para as plantações perto da Confluência de Rapalaw. Fico responsável pelos teus papéis, e aqueles que regressarem comigo vivos a Laborterra serão considerados cidadãos livres no final da viagem.

— Agora tem assim tanta influência, é?

— Eu não — disse o Comodoro. — No entanto, aqui o velho Blacky conhece um certo merceeiro que sim.

A revolta pareceu apaziguar-se no condenado.

— Quer dizer que agora anda ao colo da Casa dos Guardiães?

— E tu estás sentado no meu — disse o Comodoro, sacudindo o seu casaco. — Temos um exército de soldados a bordo, munidos de ferro afiado e munições quanto baste para manterem o teu batente ao ritmo do meu compasso.

— Não vá ser o caso de te piores com ideias de desaparecer com o nosso submarino — acrescentou Amélia.

Black piscou o olhou para o condenado.

— Quando os vires, vais gostar deles, Bull, lá isso é que vais.

...

Membro exemplar da Segunda Brigada Revolucionária do Povo como era, o soldado de cavalaria de casaca-azul bateu com a sua espingarda baionetada no chão assim que reconheceu o compatriota coronel Tarry. Como todos os carlistas de confiança, o compatriota ostentava uma pena encarnada no seu tricórnio; não que a fidelidade de Tarry à revolução alguma vez pudesse ser posta em causa. Não de forma segura, pelo menos.

Tarry passou um dedo pela baioneta do soldado, avaliando a sua lâmina.

— Já vejo que existe ao menos um soldado neste campo que sabe como usar uma pedra de amolar nas suas cutelarias.

A postura do soldado tornou-se ainda mais hirta.

— Não nos podemos esquecer daquilo que se aprende no terreno, compatriota coronel. Uma baioneta afiada é uma baioneta útil.

— Um homem de ação. Muito bem.

O coronel aproximou-se um pouco mais do soldado; não que houvesse alguém no corredor a ouvi-los, mas um pouco de paranoia não deixava de ser uma reação saudável tendo em conta os costumes da sociedade quaterniana. Na verdade, *muita* paranoia seria mesmo a reação mais saudável.

— O prisioneiro Setenta e Seis não tem sido muito produtivo. Há meses que o comité do campo anda a arranjar-lhe desculpas, mas eu sinto-me francamente... desiludido. Ouviste algum dos membros do comité do campo fazer algum comentário contra a comunidade?

— Esse prisioneiro é um aristocrata, compatriota coronel — disse o soldado. — Nós apaparamo-lo com carvão para se aquecer e damos-lhe duas refeições por dia. Para tornar produtiva uma sanguessuga dessas, é necessário uma abordagem mais direta...

— Direta, certo, isso agrada-me — disse o coronel. — Sim, metê-lo num Colar de Gedeão, um raio a atravessar-lhe o pescoço, e os seus restos mortais que fertilizem os campos do povo. Sim, vamos tratar disso. Abre a porta. Tenho muito que discutir com o compatriota Robur. Vamos ver como é que este aristocrata mimado implora pela sua miserável vida. Se ouvires gritos...

— A minha audição ressent-se muito com a humidade deste corredor miserável, compatriota coronel.

No interior da cela, uma mão jazia suspensa no ar sobre um tinteiro. Uma pluma de ferro estremecia de frio, pairando sobre uma folha de papel de desenho pregada a um quadro que já vira melhores dias.

— Chamas-te Robur?

O prisioneiro cingiu ainda mais os lençóis molhados em que estava embrulhado o corpo, como se eles pudessem protegê-lo da violência do coronel.

— Sou eu, compatriota.

O oficial pegou na folha de papel barato em que o prisioneiro estava a esboçar os seus projetos.

— E o que é que tu chamas a isto, se é que mo podes explicar?

— Isso é o que o Primeiro Comité me deu ordens para criar, compatriota. Um canhão com um mecanismo de fogo controlado por um motor de transação. O grau de precisão reformulada irá...

— Este género de brinquedos não serve a revolução em nada! — gritou o coronel. — As pessoas estão a morrer de fome nas províncias! Será que o teu maldito canhão vai alimentar as nossas cidades? Será que ele vai meter pão nas nossas mesas?

— O coronel parece bem alimentado — respondeu Robur, arrependendo-se daquelas palavras no exato momento em que elas lhe saíram da boca.

O coronel Tarry esbofeteou o prisioneiro com as costas da mão, derubando-o para o chão.

— Verme! Escumalha aristocrática, antirrevolucionária! Tens andado a sabotar os nossos esforços de guerra, a arrastar os pés de um lado para o outro, à espera de seres alimentado enquanto os teus compatriotas morrem de fome no mundo que está para lá das quatro paredes da tua cela confortável. As pessoas morrem de fome porque os nossos amigos aristocráticos sabotaram as nossas quintas. Está na hora de pagares o preço pela tua traição!

O soldado que estivera sempre à escuta abriu a porta e sorriu, sentindo que se aproximava o fim da sua vigia fria no exterior daquela cela.

— Leva-o — ordenou o coronel, tomando a dianteira. — Não quero conspurcar as minhas mãos neste criminoso incomunitista.

A porta de ferro no extremo oposto do corredor abriu-se, e uma rajada de vento gelado entrou pelo corredor adentro, vinda do Pico do Solobscuro. De todas as comunidades organizadas em Quatérturno que funcionavam como prisão, a Fortaleza de Solobscuro era sem qualquer dúvida a mais pobre de todas. Antes da deposição do Rei-Sol, tinha servido como posto de retenção apenas para os revolucionários carlistas mais perigosos. Agora que os homens e as mulheres que um dia tinham sido prisioneiros ocupavam os comités dirigentes das terras, as masmorras escavadas na montanha passaram a ser ocupadas pelo número cada vez mais pequeno de defensores do antigo regime.

O coronel Tarry apontou para o Colar de Gedeão ao centro do pátio.

A máquina da morte a vapor estava tranquilamente embalada nas suas estacas de madeira, e a sua caldeira murmurava um lamento.

— Uma morte rápida e indolor para ti, Robur, se bem que se as coisas fossem feitas à minha maneira, não serias alvo de tanta misericórdia por parte da Comunidade da Partilha Comum. Se dependesse de mim, entregava-te aos antigos torturadores do rei e deixava que eles te esquarterassem vivo depois de te arrancarem todos os nomes dos teus amigos traidores.

Cantarolando alegremente, o soldado da Segunda Brigada colocou a espingarda ao ombro de forma a não perder o equilíbrio. Os degraus que davam para o pátio daquela fortaleza íngreme eram traiçoeiros o suficiente para ter de se tomar cautela, mesmo quando o tempo se mostrava mais clemente. Normalmente, o aristocrata deveria estar agora a suplicar pela sua vida, a prometer lingotes escondidos de ouro e gemas enterradas aquando do início da revolução. Contudo, Robur não o fazia; o miserável espantalho não dispunha de quaisquer bens, como o soldado de resto bem sabia, dado o número de vezes que o seu preso o tinha tentado subornar com um cêntimo ou dois.

Nas muralhas mais abaixo, um bando de soldados acelerou o passo. Um deles gritava qualquer coisa que se perdia no ar frio da névoa eterna que cobria a fortaleza.

— Malditos idiotas! — gritou o coronel Tarry. — Ignore-os e traga o traidor até aqui!

— Mas...

Havia qualquer coisa ali que não estava a bater certo. O soldado espreitou da ameia para o grupo lá em baixo; o seu olhar desceu para a cara zangada e vermelha do... Não podia ser, do coronel Tarry!

O mais próximo dos dois coronéis Tarry agarrou o soldado pelas botas e atirou-o das muralhas abaixo. O uniforme azul do soldado agitou-se no ar, indo cair a pique na direção do pátio.

A silhueta descarnada de Robur recuou assustada no momento em que a cara do coronel Tarry se dissolveu, transformando-se numa... imagem reflexiva da cara do próprio Robur, com um grau de detalhe que chegava ao nível dos seus olhos afundados e das suas faces macilentas e famélicas!

— Quem és tu? — perguntou Robur.

— Tenho muitas caras, muitos nomes — sussurrou-lhe o seu sócia, forçando-o a correr diante dele para fugir das estepes e dos soldados que vinham na peugada dos dois. — Fazes-me as perguntas mais tarde, isto no caso de sobreviveres, claro.

— Agora eles vão matar-nos aos dois, seu inconsciente!

— Eles têm já o seu quinhão da minha carne — riu o reflexo de Robur, fazendo um dedo da sua mão esquerda enrolar-se para descobrir um cano em ferro que desatou a trepidar, ao mesmo tempo que uma vaga de esferas de um azul marmóreo saía disparada na direção dos guardas, estilhaçando e reformulando os degraus com um véu de gás.

Enquanto ia sendo empurrado para um torreão próximo, o verdadeiro Robur sentia-se forçado a admirar o desenho daquele braço mecânico. Quase não se podia ver que era artificial, mesmo quando se sabia para onde olhar em busca de sinais de mecanomância. As balas dos guardas começavam a atingir o muro nas suas costas, dando origem a uma chuva de pedaços de granito sobre as suas cabeças. Os soldados disparavam às cegas, através do gás. Robur virou-se; o seu libertador desvirado estava a abrir um pacote deixado atado a uma corda do outro lado das muralhas da cidadela, suspenso das ameias. Uma vez aberto, o embrulho desabrochou numa estrutura ossuda, com maços de seda suspensas por baixo, à espera de serem esticados. Robur tinha visto uma coisa daquelas nos jornais, antes de a revolução eclodir. Porém, só uma nação no mundo fazia uso daquele género de coisas.

— Um papagaio-queda aerostático. Tu vens de Laborterra! Eles diziam que tu virias buscar-me, mas eu nunca acreditei que...

— Eles disseram que eu viria!

O reflexo de Robur agarrou-o e apertou um arnês de cabedal em redor dos seus ombros, prendendo Robur a uma espécie de jugo semelhante ao que trazia camuflado por baixo do falso uniforme de coronel, e a sua face contorceu-se de fúria.

— Quem é que te disse que eu vinha?

— Um dos guardas foi subornado.

Robur estava agora aterrorizado, temendo que o seu estranho resgataador o abandonasse ali, nos picos da Fortaleza de Solobscuro.

— Diziam que alguém de Laborterra viria à minha procura. Eu pensava que era só mais um dos seus muitos estratagemas para tentarem quebrar-me.

O seu *doppelgänger* levantou-o do chão e fê-lo saltar das muralhas na sua companhia. A seda abriu-se com uma espécie de gorgolejar e adquiriu a forma de uma vela triangular, agitando-se sobre as suas cabeças — sempre em queda a pique —, até que os susteve e fez subir em direção à névoa gelada que passava sobre a montanha com um assobio. Robur gritou, mas a sua voz foi sufocada pelo vento e pelo rugido animalesco de vitória do seu libertador.

— Se te deixar cair agora, podes ter a certeza que vais *quebrar*, Robur. Não percebo é por que é que a tua família não se limitou a distribuir

uns convites personalizados aos membros do Comité de Segurança Pública para virem assistir à tua quebra.

O voo arrepiante dos dois terminou dez minutos mais tarde, num prado ensoado no sopé de um dos penhascos alpinos. Foi uma aterragem áspera, que fez com que Robur saísse projetado contra a cerca que guardava um rebanho de cabras. Um sextúpede aguardava aparelhado nas redondezas; o cavalo escavava na lama, ansioso por sair dali, com os seus seis cascos protegidos por ferraduras de ferro reluzente e dispendioso.

Erguendo-se novamente, Robur virou-se para o seu perigoso reflexo.

— Quem és tu?

A silhueta puxou de qualquer coisa guardada na alforja do cavalo e virou-se para ele; foi uma máscara demoníaca que lhe devolveu o olhar. *Nick Bafo-de-Fornalha*. Nem mais nem menos do que o demónio em pessoa.

— Aqui está a minha verdadeira cara!

Robur apreciou quase tanto a visão daquela máscara como o momento em que aquele demónio lhe surgiu por diante com a sua própria cara. Estava agora encostado à cerca, e nem sequer se dava conta de que tentava fugir.

— Até ao final do dia, a Segunda Brigada vai ter os seus batedores de montanha a percorrerem toda esta área. Todos os acessos daqui até ao oceano estão cobertos por pontos de vigilância. Caso não tenhas um aeróstato para nos fazer passar por cima do muro das maldições...

Nick Bafo-de-Fornalha avançou na direção daquela criatura esquelada.

— Não tenho.

— Pelo nome do Filho do Sol! Nesse caso, como é que te propões tirar-nos de Quatérturno?

O braço de Nick Bafo-de-Fornalha retorceu-se. Robur ouviu o guinchar de um mecanismo automático por baixo de uma camada rasgada de pele falsa no seu braço. Uma bala das espingardas dos soldados tinha destruído uma das suas rodas de engrenagem durante a fuga. Robur sabia-se capaz de arranjar o braço daquele demónio, mas antes de ter tempo de se oferecer para o fazer (o que de resto também lhe permitiria observar aquela maravilha mais de perto), ouviu-se um estouro de ar vindo de uma artéria do pulso artificial de Nick. Robur apenas teve tempo de arrancar o pequeno dardo com uma pena do seu peito antes de cair sobre a erva, sentindo os seus membros a enrijecerem como se ele próprio fosse feito de mecanismos automáticos. Pouco depois, a sua paralisia converteu-se em inconsciência.

— Isso é problema meu — disse Nick Bafo-de-Fornalha, levantando do prado o corpo inerte do aristocrata.

...

Amélia Harsh gemeu ao separar o tubo de reabastecimento do casco do *Fada do Lago*. O tubo em guta-percha ficou suspenso do dirigível de Quest, deixando um cheiro a combustível de motor de expansão a pairar no ar. Este seria o último reabastecimento da embarcação, agora que os charcos e os vales de Laborterra tinham dado lugar à interminável Floresta de Leste, uma área precursora da selva feroz e densa de Gelileão.

As mercenárias de Quest recuaram com o guinchar da subida da linha de combustível no casco axadrezado do dirigível.

— Tudo a postos? — gritou Gabriel McCabe para uma das torres de observação do submarino.

Amélia brindou o imediato com um polegar levantado, olhando depois para Veryann, o anjo da morte pessoal de Abraão Quest presente naquela expedição. Havia qualquer coisa de desconcertante naquela mulher, algo que ia para lá do facto de tanto ela como a sua companhia de mercenárias se obstinarem em trazer os seus casacos de guerra vestidos durante dia e noite. As armaduras acolchoadas tinham sido concebidas para acolher os seus músculos artificialmente inchados, fruto de mascar a droga brilho, e os coldres das suas pistolas-gêmeas despontavam dos seus seios. Veryann era um punhal humano. Calma, educada, mas capaz de apontar uma faca à garganta de uma pessoa de forma mais rápida que o seu próximo fôlego.

— Tens algum apelido, Veryann? — perguntou Amélia.

— Quest — disse a guerreira.

— És casada?

Ela abanou a cabeça e apontou para as suas guerreiras de braços nus, atarefadas com o encerrar dos postigos do tanque de combustível.

— Agora todas nós nos chamamos Quest. É essa a nossa natureza. Nunca esteve na Liga Catosiana?

Amélia hesitou. As cidades-estado eram uma das poucas terras tão avançadas em indústria e filosofia modernas como Laborterra, com as suas carruagens sem cavalos e os seus servos mecânicos trazidos em *ferries* por negociantes até aos portos mais setentrionais (como, por exemplo, o da Cidade dos Embarcadores). A sua natureza insular e a forma depurada de democracia — ou anarquia, dependendo das perspetivas — que praticavam servia um fundo de temas infinito para os cartoonistas satíricos dos pasquins de Laborterra.

— Nós somos de Satenas, que é uma cidade com uma importância significativa para os negócios da Casa de Quest, mas entretanto o conselho local entrou numa querela com a cidade de Unarta. Nenhuma outra cidade se mostrou disposta a dar abrigo a uma companhia de mercenárias, e só

Abraão Quest se mostrou disposto a apoiar-nos. Embora quase não se tivesse envolvido na nossa guerra, aceitou-nos e empregou-nos.

Amélia compreendia agora por que razão o povo de Veryann se mostrava tão leal a Quest. Depois de terem perdido uma das guerras rituais em que as cidades se tinham batido nas planícies externas às suas muralhas, as guerreiras de Veryann deviam ter deambulado como fantasmas na sua própria terra, enxotadas das portas de todas as cidades-estado civilizadas da Liga.

Um marinheiro fez soar a buzina de imersão, chamando todos os que ainda se encontravam no convés para as portas abertas das torres de observação.

— Viver sem um governo fixo é uma ideia que não soa mal de todo, não é?

Amélia olhou para trás; Billy Snow, o sonarista cego, aproveitava a última oportunidade que lhe surgiria nos próximos tempos para respirar ar fresco.

— Desculpe?

— A anarquia catosiana — esclareceu Billy, — o sistema que trouxe as mercenárias dela para Laborterra e as levou a aliarem-se com Quest. Não ter qualquer voz autoritária a mandar em nós, a dar-nos ordens. Votar na resolução de qualquer problema que surja. Soa mesmo bem... Até que nos apercebemos que continua a haver alguém a quem chamamos senhor; as paixões das multidões, ou a pessoa a nosso lado que é mais forte, mais esparta ou maior do que nós, ou cinco dos seus amigos. É nessa altura que as coisas se põem feias num abrir e fechar de olhos.

Amélia encolheu os ombros.

— A mim não me parece assim tão diferente de Laborterra.

— É bastante diferente — disse Billy. — Laborterra tem a lei. A lei parlamentar.

— O meu pai era Guardião — disse Amélia. — Isto é, foi Guardião até lhe ter sido retirado o privilégio do lugar por se ter declarado falido. Ele também costumava votar toda e qualquer coisa que aparecesse para resolver.

— Votava leis para serem aprovadas, não votava se a Damson Hawkins da porta do lado devia ser exilada por ser uma espalha-brasas. As leis conseguem ser maiores do que as pessoas; conseguem ser melhores do que nós. Entre uma boa lei e a benevolência de um bom homem, eu hei de preferir sempre a primeira. Aliás, prefiro uma má lei do que as intenções de um bom homem.

— Parece-me que você tem passado demasiado tempo a ouvir o fluir das águas — disse Amélia. — Está em vias de se tornar filósofo. Precisa de uma mão ali no postigo?

— Que o Círculo me livre de começar a pensar — disse Billy Snow, apontando para o rio. — Eu desenrasco-me sem qualquer problema para descer, professora. O meu compasso está ali em baixo, nas águas do Elobscurela.

Uma rede de coisas em tons de verde passou no sentido contrário ao do *Fada*, encaminhando-se na direção da margem repleta de vegetação densa.

— Consegue desenvencilhar-se só com os sons da selva? — perguntou Amélia.

— Não — disse Billy. — Ainda temos de entrar na selva, acho. Espere uma semana. Depois logo vai ver.

Nem mesmo na ala de repouso do *Fada* era fácil escapar ao odor de tantos corpos fechados no interior daquela lata submarina. Sete dias debaixo da superfície do leito do rio, e o ar cálido tinha-se transformado numa confluência de fedores. O trabalho nas torres de observação (sobretudo quando o *Fada* subia à superfície por alguns instantes durante a noite) tinha entretanto adquirido os contornos de uma vantagem negociável entre os membros da expedição. Um breve inspirar de ar fresco ao som chilreante dos caçadores noturnos da selva e as roupas da tripulação encharcadas em suor por causa da temperatura febril (fazia ainda mais calor no exterior do que no interior do *Fada*), até que o casco negro do submarino deslizasse novamente para debaixo das águas, com as portinholas da torre de comando cobertas pela espuma causada pelo movimento descendente.

— Se viajássemos à superfície, andávamos mais depressa — observou T'ricola.

O braço-espada da engenheira caranguenarbiana estava pousado em cima da mesa, com o seu osso de lâmina serrada a ressoar nervosamente no tampo. Só o rumor vindo da sala das máquinas parecia reconfortá-la.

— Lá em cima há menos resistência, até porque estamos a avançar contra a corrente.

O Comodoro Black lançou um olhar na direção de Bull Kammerlan, e Bull abanou a cabeça.

— Aqui em baixo é mais seguro.

— Não te esqueças que não estamos a planear incursões pelas aldeias em buscas de escravos — disse Amélia, — e além disso já só estamos a um dia de distância da Confluência de Rapalaw.

— É certo que não existe malha-verde num ponto tão a oeste, isso posso garantir-to — disse Bull. — Porém, não penses que vais encontrar gente civilizada. Se estivesses a navegar à superfície numa jangada apenas com um par de apoios como companhia, depressa ias descobrir o quão

amigáveis são alguns deles. Por mim, passamos pela Confluência de Rapalaw discretos e caladinhos.

Bull parecia horrorizado com a ideia da malha-verde. A selva cúmplice: animais e plantas unidos numa simbiose profana, de maneira a formar uma única máquina consciente de morte.

Veryann tomou a palavra, iluminada pela luz ténue e verde que chegava por trás do vidro pintado no nariz do *Fada*:

— Essa hipótese não é viável. Temos alguém à nossa espera na Confluência de Rapalaw.

— Ah, cachopa, tu e os teus abençoados segredos.

O Comodoro Black ia observando uma variedade notável de predadores do rio a esquivarem-se do caminho deste estranho intruso metálico, expostos pelos lampejos da iluminação das lanternas do submarino.

— Seja como for, temos de aportar na Confluência de Rapalaw. É a nossa última oportunidade para abastecermos de água fresca e mantimentos.

— O Leste de Rapalaw é território das tribos, e também não são umas carapaças lá muito civilizadas — disse Bull, apontando para T'ricola. — Tu sabes do que é que eu estou falar, não sabes, rapariga? Assim que nos meterem os olhos em cima, são capazes de arrancar o casco do *Fada* e de nos empalarem para o jantar das crias deles. Além disso, têm espões nos postos comerciais para verem quem chega, quem parte, e para contabilizarem o número de armas com que estamos a viajar. Quer mais mantimentos para continuar com a barriga cheia, Comodoro? Eu prefiro comer qualquer coisa que não acabe transformada em saliva caranguenarbiana.

Amélia espetou um dedo na direção do submarinista.

— Talvez se não tivesses andado a bombardear as aldeias deles com gás-sujo e a raptar os filhos deles como escravos...

A porta da divisão abriu-se de par em par. Um dos sorve-mares de Bull irrompeu pelo espaço adentro.

— Fogo, fogo na sala das máquinas!

Os gritos ecoaram ao longo dos corredores do submarino, com os homens da tripulação a transportarem escadas de mão e a selarem compartimentos. Depois de uma inundação causada por uma brecha, um incêndio nas tripas de uma embarcação submarina era o pior dos medos de um sorve-mares. O Comodoro Black estava junto ao painel de comando, vociferando ordens para a cabina de pilotagem. O *Fada do Lago* deu um solavanco, subindo à superfície de emergência, e as buzinas começaram a soar. Amélia correu no meio dos outros em direção à ré do submarino, passando aos repelões por entre marinheiros quase sufocados que franqueavam titubeantes a portinhola da sala das máquinas. Os sorve-mares sur-

giam com capuzes antichama em pele, todos eles com um aspeto de insetos, e corriam logo atrás da professora, puxando das mangueiras de incêndio e das bombas de água.

O ângulo do chão endireitou-se com uma sacudidela, indício claro de que se encontravam agora à superfície do Elobscurela.

— Selem a sala! — gritou T'ricola. — Já saiu toda a gente? Então selem o espaço à proa e à ré, cortem o ar e deixem o sacana sem nada para respirar!

Bull estava a descer por uma escada nas costas deles, agarrando-se a um dos seus homens.

— O fogo é nos tanques do combustível?

— Não, na sala dos filtros de ar.

Amélia olhou para a oficial caranguenarbiana.

— Não vamos apagá-lo?

— Não quando o incêndio é nos nossos filtros de ar, professora. Seja como for, essa zona é uma área seca; é muito raro haver incêndios ali em baixo. Não percebo como é que...

— Isso não interessa — disse Bull. — Vamos deixar o fogo apagar-se pela falta de ar, depois entramos e lavamos aquilo tudo. Maldita sorte. Parece que, afinal, sempre vamos ter de atravessar a Confluência de Rapalaw à superfície.

— Pensei que lhe interessasse ver isto — disse T'ricola para o Comodoro, apontando para o que restava dos filtros do combustível de expansão do *Fada do Lago*.

Os dedos de um dos seus braços manipuladores passaram por cima do líquido castanho que borbulhava à superfície da fenda da grelha metálica.

Amélia espreitou por cima do ombro do Comodoro para também conseguir ver aquele resíduo pegajoso.

— O que é isso?

— Fixador do revestimento do casco, professora — esclareceu o Comodoro, batendo com os dedos na zona em que a substância semelhante à cortiça tinha ficado a descoberto por baixo do metal semifundido. — Pelo nome de Tridentescama, como é que esta porcaria veio aqui parar e bloqueou os tubos dos meus filtros de combustível?!

— Talvez tenha escorrido para dentro da máquina quando o *Fada* estava ancorado nas docas — disse Amélia.

T'ricola apontou na direção de um buraco no tubo de cobre que alimentava os filtros.

— Este buraco foi feito com um golpe metálico, e depois a cola foi ali

metida de propósito. Eu já fui dar uma vista de olhos às nossas reservas. Há uma lata de fixador a menos.

O Comodoro Black deu uma pancada de frustração na maquinaria ardida.

— Que forma mortalmente esperta de sabotar um barco. Não chega exatamente para nos afundar e fazer avançar ao longo do Círculo, mas é o suficiente para nos forçar a avançar à superfície como um peixe morto, apenas à espera de ser detetado pelas gaiivotas.

Amélia olhou para o Comodoro.

— Quer dizer que a partir de agora não podemos manter-nos abaixo da linha de água?

— Não somos um dos teus aeróstatos minúsculos, Amélia. O *Fada* não tem chaminés, e nós não podemos ventilar as nossas máquinas com o periscópio. Se os ventiladores entregaram a alma, não temos outra solução senão deitar fora as descargas manualmente em vez de as converter em tijolos de pó, e para isso temos de avançar com os ventiladores abertos à superfície.

T'ricola mandou um pontapé raivoso na poça de água deixada pelos marujos que se tinham encarregado do incêndio.

— Foi um dos tipos de Bull. Pensam que se a expedição for abortada antes de chegarmos à Confluência de Rapalaw, podem voltar livres para Laborterra com um indulto total nos bolsos.

— Nesse caso, estão bastante iludidos — disse Black. — T'ricola, diz a Billy e a Gabriel que mantenham um olho na tripulação. Depois, descobre-me Veryann e diz-lhe que venha até aqui.

Amélia quase sentiu pena de quem quer que tivesse causado aquele estrago quando a situação fosse explicada a Veryann. A catosiana empalideceu de raiva com as implicações acarretadas por aquela sabotagem.

— E isso pode ser arranjado? — perguntou Veryann.

— Ai, o meu pobre barco. Mais vale tentarmos arranjá-lo numa das melhores oficinas que encontrarmos na Confluência de Rapalaw! — disse o Comodoro. — É preciso esperar para ver. Se alguém é capaz de arranjar um filtro de combustível neste estado, esse alguém é T'ricola. Ela é capaz de trazer o ferro fundido e o aço retorcido de volta à vida, eu já a vi fazer isso antes.

— Vou espalhar sentinelas armadas pelo submarino — disse Veryann. — Digam a Gabriel McCabe que refira todas as estruturas que nos são vitais, os pontos nos quais um traidor atacaria a seguir: pistões principais, o combustível, o nosso oxigénio. Temos de salvaguardar todas essas coisas.

— Eu encarrego-me disso, cachopa — disse o Comodoro. — No entanto, aviso-te já que não existe grande coisa na minha lindíssima *Fada* que não seja vital para a nossa sobrevivência.

...

Veryann continuava a observar de viés a maquinaria destruída na sala dos filtros, ao mesmo tempo que o Comodoro e Amélia se dispunham a partir para a sala principal das máquinas.

— As minhas malfadadas estrelas — ouviu ela ainda Black a resmungar. — Como se não bastasse já que, para reaver o meu barco, me visse obrigado a mergulhá-lo no coração traiçoeiro de Gelileão, agora ainda descubro que tenho um cuco mal-intencionado a viver no meu ninho.

Um cuco? Um dos condenados de Bull Kammerlan a tentar encurtar a sua pena? Veryann puxou da faca que trazia na bota — quase uma espada pequena — e atirou-a ao revestimento exposto. Se o Comodoro tivesse lido o segundo livro-cristal em Ferromédio, talvez não pensasse daquela forma. Alguém entre os membros da tripulação estava a jogar uma cartada bastante perigosa ao tentar bloquear a expedição de Abraão Quest. Alguém que, obviamente, estava a par de coisas que não tinha o direito de saber. Mas um submarino prestes a subir o Elobscurela era um lugar perigoso para manter um segredo. Veryann iria certificar-se de que essa pessoa (fosse lá quem fosse) iria deixar esse segredo na selva... na companhia dos seus ossos em decomposição.

Capítulo Cinco

Damson Beeton aceitou o envelope creme com o convite. As suas miteres de algodão quase não a protegiam contra o gelo que subia das águas do Apostamisa que cercavam a ilha. As Ilhas dos Recifes estavam localizadas exatamente a meio do leito do grande rio de Ferromédio, e o seu isolamento fazia delas o refúgio ideal para a fina-flor laboresa, isto é, para todos aqueles que eram abastados o suficiente para preferirem não ter de pensar em muros altos para as suas mansões nem em guardas privados para manter as mãos dos arromba-cofres, diabos-marinhos, desordeiros e uma infinidade de outros membros da quadrilha-relâmpago à distância dos seus pertences.

Suficientemente ricos para pagar o isolamento, sim, embora (para grande desgosto da damson no que tocava esse capítulo) não o suficiente para pagar o pessoal necessário para manter a Casa Dolorosa em ordem. Apenas uma governanta e um mordomo — um mordomo que não era grande coisa, diga-se de passagem — para manter um cavalheiro da mais alta posição no estado que lhe era devido. Aquilo não era apropriado. Não era, não senhora. Não que alguém soubesse de onde provinha a fortuna do dono da casa. Dinheiro de família, de acordo com os boatos que circulavam. Vinte mil guinéus em ouro por ano. Quase tão rico como um cavalheiro a sério como, por exemplo, Abraão Quest, ou um dos banqueiros das casas de contabilidade das Portas do Sol. Laborterra era uma nação de donos de lojas e negociantes, mas da forma pródiga como ele pagava o serviço dela, o dono da casa não se dava ao luxo de contratar mais do que alguns trabalhadores ocasionais de dia e criadas, que chegavam de barco todas as manhãs para a ajudar a limpar o pó, cozinhar e manter os jardins em condições. Definitivamente, aquilo não era uma situação *apropriada*.

— Passa aqui as tardes inteiras — disse ela para Sepidóptero, o mordomo silencioso sentado a seu lado. — Isto não está certo.

Sepidóptero limitava-se a estar presente, qual estátua ao frio; uma es-

tátua ossuda, semelhante a um lagarto, com as asas fechadas como se fosse um anjo de pedra. Mais outra coisa estranha: quem é que alguma vez tinha ouvido falar de um azorogue-pluma a trabalhar como mordomo? Os açambarcadores eram ótimos criados. Os vaporomens, esses, eram capazes de trabalhar para o seu senhor durante todo o dia com uma determinação estoica. Agora, um azorogue-pluma? Normalmente preferiam os seus ninhos situados nas aldeias das montanhas e os esconderijos na atmosfera sem ar, dando caça aos raspadores que se obstinavam em perseguir dirigíveis. Caçar raspadores; ora aí estava um serviço válido para a nação. Como mordomo, Sepidóptero — um azorogue-pluma carrancudo e enigmático, lá isso ele era, sem dúvida nenhuma — era francamente deplorável.

— São os seus hábitos — respondeu Sepidóptero. — Temos de respeitar os seus desejos, Damson Beeton.

— Disparates — disse a governanta. — Do que ele precisa é de se misturar com a sociedade, e não de andar por aí a beber sozinho nas salas frias deste sítio tão antigo.

Ela abanou o convite para o azorogue-pluma.

— Todos os dias alimento o lume da lareira com uma dúzia de convites iguais a este, e todos ficam por responder. É o cúmulo da falta de educação. A sociedade deseja apertar-nos no seu peito, Sepidóptero, e nós não devemos virar as costas à sociedade.

— Creio que o senhor deve já ter terminado a sua meditação — disse Sepidóptero.

— Meditação, dizes tu? — disse Damson Beeton. — No sítio de onde eu venho, chamamos-lhe andar a arrastar-se por aí.

Sepidóptero não acrescentou nada, e Damson Beeton emitiu um estalido de desaprovação com a língua. Quantas noites teria ela ainda de passar a olhar codiciosamente para as outras ilhas dos Recifes, com o rio a refletir a luz dos barcos-táxi que levavam os grandes e bons para festas e jantares, a ouvir as gargalhadas nos jardins e a contemplar a luz dos candeeiros? Era óbvio que os corredores lúgubres da Casa Dolorosa estariam muito melhor se neles se concretizasse o resultado das suas planificações sociais. Por outro lado, será que alguém viria se ela levasse a sua avante? Diziam que a Ilha Dolorosa trazia má sorte. Estava amaldiçoada pela sua proximidade do coração antigo de Ferromédio, a parte da cidade que ficara debaixo de água durante as grandes cheias de 1570 e desaparecera depois artificialmente, quando o leito do rio foi alargado de forma a tentar evitar-se novo desastre. As embarcações do rio nas mãos dos barqueiros menos experimentados costumavam ainda embater no pináculo da Catedral de Lumphill que despontava da água, mesmo com a presença das boias vermelhas do parlamento nas correntes mais próximas.

O dono da casa levantou-se, deixando a macieira do seu jardim para trás e fechando o portão daquele pequeno enclave. Cornelius Fortune parecia fatigado, até mesmo aos olhos de Damson Beeton. O azorra-gue-pluma e a velha senhora seguiram o seu senhor de volta aos degraus da mansão.

Cornelius reparou no convite que Damson Beeton trazia nas mãos.

— É esta noite, damson? Para lhe dizer a verdade, já me tinha esquecido. Devia ir dormir uma sesta, estou mesmo muito cansado, mas se disse que eu ia...

— Uma sesta? Mas o senhor é um verdadeiro preguiçoso! Tem estado a dormir durante toda a manhã e toda a tarde! O mínimo que pode fazer é ir apanhar um pouco de ar noturno na companhia de gente educada.

Cornelius esfregou os olhos.

— As minhas desculpas, Damson Beeton, mas é que parece que estive de pé durante horas a fio.

— Trata-se de uma gala para angariar fundos para os pobres — ralhou a governanta. — Vai ser organizada pela Casa de Quest, e vai repetir-se ao longo de todas as noites desta semana. Se não puder ir esta noite, não tem desculpa para não ir nas outras! Vão estar presentes membros da Casa dos Guardiães, talvez até esteja lá o próprio Primeiro, esse velho canalha, assim como muitas senhoras de boas famílias à procura de um companheiro adequado, e...

Cornelius pegou no convite e correu os seus olhos por ele antes de o devolver.

— Fico contente por ver que os “pobres” andam a ser tão bem tratados, damson. Acenda uma lanterna ou chame um barco. Eu vou.

Inconsciente do sarcasmo do seu amo, a governanta desapareceu num ápice, apaziguada pelo facto de, por fim, ter levado a sua avante. Ao partir, riu-se para si mesma. Ela era realmente boa enquanto governanta. Às vezes, acontecia-lhe passar-se um par de semanas sem que se lembrasse uma só vez de quem *realmente* ela era. Mas era assim que as coisas deviam ser. “Damson Beeton” tinha sido trabalhada e preparada com bastante minúcia, em cada uma das suas peculiaridades e pequenas *nuances*. Agora, vejamos, em que parte do jardim é que ela tinha guardado aquela maldita lanterna a óleo?

— O braço ainda te dói, percebe-se logo pela maneira como andas — fez notar Sepidóptero. — Vais apanhar o barco para ir visitar o velhote da loja?

— Conheces-me demasiado bem — disse Cornelius, ao mesmo tempo que observava a sua governanta a afastar-se.

Cornelius dobrou o braço, mas as articulações quase não se mexeram.

— Acho que ainda tenho uma bala de espingarda lá dentro.

— Estás a correr demasiados riscos — disse Sepidóptero.

Cornelius levantou o braço e pousou-o no ombro coriáceo do seu amigo.

— Não, meu velho amigo. Durante a maior parte das semanas, corro é demasiado poucos.

— Queres que eu vá contigo?

— Não. Vou até esta casa enquanto cavalheiro — disse Cornelius. — De certeza que os vizinhos iam fazer comentários estranhos se te vissem a pousar no telhado dele.

Sepidóptero assentiu e puxou do seu tesouro mais precioso, uma flauta de ossos. Aquele instrumento era tudo o que lhe restava como recordação da mãe.

— Nesse caso, vou tocar um pouco.

Cornelius sorriu. Damson Beeton iria ficar *realmente* contente. Ele permitiu que Sepidóptero subisse as escadas que davam para o postigo no sótão, um verdadeiro ninho de águia situado por entre as chaminés fumarentas da mansão, onde se encolheria como uma gárgula rígida e encheria os terrenos da ilha com as suas melodias inumanas. Não era de admirar que os barqueiros acreditassem que aquela extensão do rio estava realmente assombrada.

As estranhas notas começaram a ouvir-se no momento em que Cornelius chegou ao cais, iluminado pela lanterna de Damson Beeton, cuja portinhola de vidro estremecia com o vento, espalhando gotas de óleo de deslizagudo pelas placas de madeira.

Uns contornos alongados e escuros surgiram do rio, e o barqueiro levantou os seus remos.

— Boa-noite, cavalheiro.

O barqueiro apontou para outra silhueta sentada na proa do esquife.

— Não se importa que eu transporte outra pessoa, pois não, cavalheiro? É que as ilhas hoje parecem fervilhantes. Nunca as vi tão agitadas em toda a minha vida. Há festas por toda a parte.

Cornelius assentiu e subiu para o barco, ao passo que o outro passageiro mudou de lugar de forma constrangida. O sobretudo neutro de Cornelius estava fechado, fornecendo poucas ou nenhuma pistas da posição de quem o usava. A peça de vestuário tanto podia ser de um soldado em licença do regimento como podia cobrir a distinção de um *dandy* que viera visitar um familiar abastado aos Recifes.

O facto de a ambivalência social do casaco permitir ao seu proprie-

tário usá-lo em qualquer circunstância não passou despercebido ao outro passageiro, que optou por ser cauteloso ao cumprimentar o companheiro de viagem.

— Está uma noite fria para tanta frivolidade, senhor. Ao que parece, esta noite há um baile por cada pedaço de terra ao longo deste rio.

Cornelius pensou que seria mais fácil se deixasse o seu companheiro à vontade.

— Nesse caso, tenho de chamar o meu primo à razão, senhor, uma vez que ele quase nunca recebe visitas na Casa Dolorosa.

— Por acaso reparei nas janelas escuras da sua ilha, mas não me parece que isso seja motivo de vergonha. Hoje em dia existe demasiada frivolidade em Ferromédio — disse ele, levantando uma mala de cirurgião pouxada atrás do seu lugar. — E como homem de medicina que sou, já muitas vezes observei os efeitos que os espíritos mais destemperados podem ter no corpo. Quanto a mim, o gim é a maldição da nossa nação.

— Ah, um médico.

E além disso, anti-alcoólico para ajudar.

— Não do género bípede — disse o passageiro. — Embora tenha começado por enveredar por essa nobre profissão. Não, agora pratico em animais. Veterinário. Apercebi-me da existência daqueles que ocupam uma posição que tantas vezes lhes permite preocuparem-se mais com as suas mascotes do que com os membros da própria família. Na verdade, acabo de vir da casa de Hermia Durrington. Talvez conheça a boa senhora?

Cornelius abanou a cabeça em sinal negativo.

— O seu corvo está adoentado, e ela encontra-se num estado bastante perturbado por causa disso. No entanto eu receitei-lhe um reconstituente, e estou plenamente confiante de que em breve o pássaro vai regressar à sua...

Cornelius foi um ouvinte educado durante o resto da viagem. O médico veterinário prosseguiu ininterruptamente, descrevendo cada canino, felino, mamífero e ave que a fina-flor da capital possuía. Mesmo quando Cornelius estava prestes a partir, deixando-o novamente a sós no barco, o veterinário não pareceu dar-se conta de que não tinha descoberto um só detalhe acerca do seu companheiro de viagem, tal como não reparou que os resmungos que saíam da boca do barqueiro não eram apenas resultado do esforço de remar contra a corrente do Apostamisá.

— Eu devia fazer-lhe um desconto por esta viagem, cavalheiro — sussurrou o barqueiro ao parar para deixar Cornelius apear-se nos degraus escuros da margem do rio.

Cornelius passou-lhe o dobro da tarifa.

— E eu dou-lhe uma gorjeta por ter de aguentar o resto da viagem.

Enquanto observava o barco a deslizar novamente para a escuridão do rio, a cara de Cornelius começou a derreter, e a sua pele converteu-se numa série de camadas de pele líquida, dobrando-se e reestruturando-se à imagem exata dos traços do veterinário.

— O seu corvo está adoentado, e ela encontra-se num estado bastante perturbado — cacarejou Cornelius, experimentando o tom de voz novamente numa tonalidade mais baixa até soar como uma réplica exata do do veterinário.

Se alguém tivesse observado aquela cena, teria visto um cirurgião de animais a perder-se no interior de Ferromédio, ao passo que juraria que o táxi do rio tinha levado o seu outro passageiro — um tal de Cornelius Fortune — ao longo da corrente do Apostamisa.

Tal como era seu hábito, Cornelius Fortune assumiu a cara do homem que viera visitar. Ao contrário da esmagadora maioria dos que recebiam este género de visitas da parte de Cornelius, Dred Lands — o proprietário da Antiga Loja de Mecanomância instalada em Knocking Yard — não iria ficar chocado por se deparar com alguém que ostentasse os seus próprios traços. Afinal de contas, o próprio Dred Lands não sabia muito bem o que mais fazer com eles por estes dias.

A porta exterior da loja era um artigo de madeira barata com um trinco facilmente arrombável por um pé-de-cabra de salteador. No entanto, a segurança a sério começava logo no corredor interior que se lhe seguia.

Duas portas blindadas que não teriam desmerecido a entrada para o cofre de um banco impediam a passagem de Cornelius, com uma velha mas eficiente máquina de código sanguíneo a despontar da parede. Cornelius encostou o polegar à agulha, depositando nela uma gota do seu sangue para que os tambores dos motores de transação estalasses e ragessem nas suas câmaras rotativas. Nem mesmo ele era capaz de imitar a essência de outra pessoa ao nível de detalhe requerido para enganar uma destas máquinas, se bem que essa fraude não fosse ali necessária (não quando eram sobretudo os seus recursos financeiros que alimentavam e davam ocupação a um dos raros indivíduos mais solitários do que ele em Ferromédio).

Um vaporomem aguardava do lado oposto das portas. Não se tratava de um dos seres incríveis do Estado Livre dos Vaporomens, mas de um autómato obtuso e pouco mais do que um morto-vivo de ferro, concebido a partir de componentes recuperadas das servis e pouco fiáveis máquinas catosianas que se podiam encontrar nos mercados mais exclusivos da capital. Desprovido tanto de uma caixa de voz como da vontade de a usar, a criatura trepidante lá avançou ao longo do corredor, passando diante daquilo que parecia ser a exposição da Velha Loja Mecanomântica e que na verdade

pouco mais era do que um armazém de objetos empenhados à espera de concerto.

Os quatro braços do vaporomem rodopiavam com a lentidão das velas de um moinho de vento, equilibrando-o e instando Cornelius a descer ao longo de uma escadaria em espiral. Era mesmo necessário saber para onde se olhar para se conseguir localizar o covil do duque na cave; o facto de a loja ainda se manter de pé era uma prova disso mesmo. Se Isambard Kirckhill e o seu novo exército parlamentar tivessem dado com aquela porta camuflada seiscentos anos antes, teriam arrasado a loja até às suas pedras basilares (assim como as das casas da vizinhança mais próxima) só para servirem de lição. O servo metálico acionou uma alavanca camuflada e uma parte do chão da cave abriu-se, revelando um quadrado banhado por uma luz alaranjada. Os dois desceram ao longo de uma linha de degraus em ferro, estreitos como as escadas de um navio. Os servos metálicos situados mais abaixo cuidavam de umas enormes orquídeas noturnas por trás de uma parede de vidro, alimentando as plantas com ratazanas (sem qualquer dúvida, encurraladas e apanhadas no frio da loja do andar de cima). O resto daquele espaço estava decorado como algo entre um harém cassárabe e uma típica casa de passe de Ferromédio. Quando os monárquicos da capital decidiram esconder-se ali, fizeram-no em grande estilo.

A silhueta deitada sobre um amontoado de grandes almofadas de veludo carmesim e acompanhada de um narguilé abastecido de erva-murmurejante bem poderia ter sido confundida com o próprio vaporomem, revelando no entanto um enorme corpo humano no momento em que se ergueu — se bem que dotado de uma perna em metal e uma máscara facial, prateada e decorada com pingentes de ouro que refulgiam à luz alaranjada do gás.

Os lábios queimados e enegrecidos que apenas se adivinhavam por trás da fenda bucal da máscara franziram-se de exasperação.

— Será que tens de trazer sempre essa cara quando vens visitar-me?

— Porque é que isso havia de te incomodar logo a ti, com a tua máscara? — disse Cornelius.

— É preciso teres lata para me vires falar de usar máscaras.

Dred Lands ergueu-se dos almofadões. Um silvo de vapor comprimido soltou-se da sua perna artificial ao sustar o seu peso.

— Eu *preciso* de usar máscara para que as pessoas se atrevam a olhar para mim.

— Ao passo que eu preciso dela para que as pessoas não se atrevam a fazê-lo — respondeu Cornelius, fazendo com que os seus traços viessem ao de cima, com o nariz a encolher até perder o gancho característico e os declives desaparecerem da sua testa. — Pronto, aqui me tens de novo.

— E como é que eu posso estar seguro disso? — resmungou Dred Lands. — Tanto quanto sei, o verdadeiro Cornelius Fortune tanto pode ser um cadáver com o qual uma pessoa se cruzou no campo de batalha como o teu professor preferido da tua primeira juventude, entretanto falecido.

Cornelius bateu no seu próprio braço.

— Com isto, suponho que estejas mais do que familiarizado.

Dred suspirou.

— Atualizações? Ou é para arranjar outra vez?

— A segunda.

Cornelius pegou no livro que o mecanomântico estava a ler enquanto o seu amigo mancava até um canto da sala, puxando de um lençol em cetim de forma a expor uma oficina ricamente apetrechada. Cornelius passou os olhos pelo primeiro par de páginas.

— *A Rainha da Máscara de Ferro*, de M. W. Templar. Sabias que isto quase chegou à lista negra de livros do parlamento por causa das suas semelhanças com a nossa Rainha Carlota e o facto de se tratar de um retrato encomiástico de um monarca em funções?

— Oh — disse Dred, — isso é ficção celestial, nada mais. No final do livro, a rainha foge para a Lua. Além disso, pensei que tu e o teu “amigo” Nick Bafo-de-Fornalha tivessem uma certa queda para a insubordinação?

— Pois se prospera, traição não será — disse Cornelius, citando o discurso proferido por Isambard Kirkehill depois de o último verdadeiro rei ter sido capturado, silenciado e desapossado cirurgicamente dos seus braços de maneira a nunca mais levantar a mão contra o seu próprio povo.

Cornelius sentou-se enquanto Dred fixava uma lente ampliadora sobre a máscara e começava a abrir os painéis em guta-percha cor de pele do braço artificial de Cornelius.

— O parlamento teve de ir mesmo ao fundo do tacho para conseguir desencantar a Rainha Carlota — disse o mecanomântico. — Depois de descobrirem que a Comunidade da Partilha Comum tinha metido a maior parte da casa de procriação real num Colar de Gedeão durante a invasão...

Cornelius contraiu-se, mas não por causa das dores no ombro.

— Desculpa, esqueci-me. Mas o que eu queria dizer é que o *Notícias Ilustradas de Ferromédio* continua a publicar editoriais que asseguram que existe tanto sangue real nas veias da rainha como na água do teu banho. Dizem que ela foi encontrada na bagagem da comitiva do exército quaterturniano em retirada, que um dos oficiais turnianos a recolheu na casa de procriação e que apenas lhe terá poupado a vida porque era uma menina pequenina e linda. Enfim, quando ainda tinha os braços, claro.

— A Casa dos Guardiães precisa de um símbolo — disse Cornelius.

— Ahá!

O mecanomântico retirou primeiro uma, depois outra bola de chumbo do braço de Cornelius com a ajuda de umas pinças.

— Por falar nos nossos compatriotas de Quatérturno, presumo que estas duas desgraçadas sejam feitas de chumbo da Comunidade?

— É possível que eu lhes tenha feito uma visitinha aérea nos últimos tempos.

A boca de Dred emitiu um estalido de reprovação.

— O teu braço é raro, Cornelius, uma mistura entre a minha competência e o mecanismo de alta-tensão catosiano. Preferia que não o deitasses a perder. Um dia destes, o Primeiro Comité vai aprender a lidar com esses teus truques e a tua maldita cara. Os panfletários deles hão de parar de alimentar os egos dos líderes carlistas com as suas imagens de caixa-real dos heróis da revolução, e tu ficarás incumbido da tarefa de imitar os membros do comité a partir dos desenhos de Gillroy que saem no *Notícias Ilustradas*. Depois, os espões deles deixarão de tentar apanhar *émigrés* aqui, e começarão antes a tentar pôr as mãos nos planos de construção de uma máquina de código sanguíneo.

— Consegues arranjar o meu braço ou não? — perguntou Cornelius.

— Claro que consigo. Já reparaste que nunca me disseste como é que fazes esse truque com a tua cara? Aprendeste esse feitiço com um cantor-mundo? Foste apanhado pela brumencantada quando eras pequeno? Foste ao Sul consultar um mago do ventre? Há feiticeiros de esquina que são capazes de mudar uma cara, mas só uma vez, e dizem que ficas com dores para o resto dos teus dias...

— Eu sinto a dor — disse Cornelius. — A diferença é que, no meu caso, gosto de espalhá-la em meu redor.

Dred puxou uma máquina de cozer a vapor até si e começou a relaxar o mecanismo no interior do braço; mesmo depois de todos estes anos, mostrava-se ainda temeroso de uma outra explosão.

— Um dia, a Comunidade da Partilha Comum vai cair, sabes? Ou com a tua ajuda, ou porque não são capazes de alimentar o seu próprio povo, ou talvez ainda porque o deus-imperador se vai fartar de tantos insultos e atravessará o muro das maldições para atracar com as legiões dele na sua costa, acabando com Quatérturno de uma vez por todas. Nessa altura o que é que tu vais fazer, meu amigo?

— Reformar-me.

Dred Lands puxou por uma parte do mecanismo, pousando-a na bancada de trabalho.

— Certo, não me contes nada. Seja como for, eu arranjo-te o braço da próxima vez que tentares suicidar-te.

— Tu devias apreciar um pouco mais aquilo que eu faço — disse

Cornelius. — Há um par de dias atrás, até resgatei um dos teus em Quatérturno. Jules Robur, o mecanomântico. Não teria durado mais um ano no sistema da “comunidade organizada” da Comunidade da Partilha Comum.

A mão de Dred deslizou sobre o cortador de fio que estava a torcer.

— Pelo amor do Círculo! Tu tiraste Jules Robur de Quatérturno? E eu que pensava que ele estava morto. Os projetos dele, as suas técnicas arquiteturais... Ele é o maior de todos nós, Cornelius, o maior! Tens a certeza que ele está vivo? Querido Círculo!

Cornelius nunca vira Dred tão animado. Parecia que tinha resgatado o pai do mecanomântico dos trabalhos no campo.

— Ele está vivo, quanto a isso não te preocupes. Quando acordou em Laborterra, não conseguia parar de expressar a sua gratidão. Só falava nos engenhos que agora podia consertar com todos os meios da indústria e da ciência laboresa ao seu dispor.

— Bem pode falar em consertos! Tens de o trazer até aqui. Convincente-o a vir fazer-me uma visita! Eu coloco todas as minhas ferramentas à disposição dele. Faz-me esse favor, Cornelius, que eu trabalho para ti de graça até ao final do ano!

— Podes ir vê-lo por ti mesmo. Ele está aqui na capital. Deixei-o à porta de casa da filha, em Westcheap.

— Em casa da filha? Não pode ser, deve haver alguma confusão.

— Não há confusão nenhuma — disse Cornelius. — Eu próprio o vi a entrar em casa dela. Foi a filha dele que me convenceu a ir buscá-lo a Quatérturno.

— Mas foi a filha dele que o denunciou — disse Dred. — Ela é uma carlista, está casada com um general do exército revolucionário. Foi por causa dela que ele acabou por ir parar aos campos! Denunciou-o à polícia secreta e conduziu os esmagadores deles até à casa em que ele estava escondido. Olha aqui...

Dred dirigiu-se até junto de uma prateleira e regressou com um volume antigo do *Jornal das Transações Filosóficas*, abrindo-o depois numa página com um desenho: um homem vestido com roupas da Corte do Sol — tratava-se de Robur até ao detalhe do seu nariz em forma de gancho — era levado pelos soldados do exército revolucionário sob o olhar de uma mulher. Uma bola de discurso do mecanomântico dizia: “Que bela forma de pagar os trabalhos de parto da tua mãe”, ao passo que a mulher respondia: “E agora os teus *trabalhos* serão pertença dos comuns, seu porco monárquico.” Os lábios cerrados, os olhos fixos e o cabelo desgrenhado: a caricatura da filha não tinha qualquer relação com a criatura elegante que lhe implorara por ajuda no pátio das traseiras de uma taberna de gim.

— Não é a mesma mulher.

A ira escorria através da postura férrea de Cornelius.

— Não percas a cabeça, homem — disse Dred. — Se ela fosse uma agente da Comunidade, o meu belo braço e os teus estranhos ossos já estariam mortos numa vala em Quatérturno. Deve ser uma amante jovem. Terias arriscado o pescoço da mesma maneira por uma amante como arriscaste pela filha? Salvaste o génio de Jules Robur; acredita em mim quando te digo que isso é tudo o que importa.

— Acaba de coser o braço — ordenou Cornelius. — Amanhã vou encarregar-me pessoalmente de levar o teu convite à casa de Robur. Nick Bafo-de-Fornalha vai aparecer-lhes por diante, e nessa altura vamos ver se gostam assim tanto de me fazer passar por parvo.

Dred murmurou qualquer coisa, mas obedeceu.

Os olhos de Cornelius estreitaram-se. Havia qualquer coisa de errado naquela história, qualquer coisa de profundamente errado. Estaria Labor-terra novamente em perigo por causa do seu inimigo figadal de Leste? Se assim era, o velho inimigo podia dar-se por satisfeito se sobrevivesse para se arrepender. Era esse o pormenor das invasões; no fim de contas, apenas queriam dizer que os turnianos vinham à procura *dele*.